



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



MARCIA OLIVEIRA MOURA

EMPODERAMENTO FEMININO: PROPOSTA DE TRABALHO
PARA CONSTRUÇÃO DE PONTOS DE VISTA POR
ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

São Cristóvão/SE
2019

MARCIA OLIVEIRA MOURA

EMPODERAMENTO FEMININO: PROPOSTA DE TRABALHO
PARA CONSTRUÇÃO DE PONTOS DE VISTA POR
ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Relatório de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de pesquisa: Leitura e produção textual – diversidade social e práticas docentes

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Isabel Cristina Michelan de Azevedo

AGRADECIMENTOS

A Deus. A Ele sejam dadas toda honra e glória!

Agradeço aos meus pais, Luiz Fernando Moura e Maria do Carmo Oliveira Moura, maiores incentivadores de tudo que faço e responsáveis pela pessoa que sou. Sem vocês, nada seria possível. Em especial ao meu pai por ter incutido, desde cedo, em mim o amor pelos livros. A minha irmã, Juliana, pela parceria de sempre.

A minha vó Maria (*in memoriam*) por todo amor a mim dedicado e em quem eu me espelho para tentar ser cada dia uma pessoa melhor.

Ao meu amor, Nivaldo Júnior, por me sustentar todas as vezes que pensei em cair. Por viver comigo meus sonhos e minhas dores. Meus dias são melhores por ter você ao meu lado.

Ao meu amigo, Manoel, por acreditar em mim mais que eu mesma. Se não fosse por você, eu não teria feito a prova e não teria transformado sonho em realidade.

A minha amiga, Carla Sabrina, pelas revisões dos trabalhos nesses dois anos de curso.

A minha amiga Fernanda, que de longe ou perto, se alegra com minhas vitórias e torce por mim a cada dia.

Aos meus amigos da escola e para além dela, Dalene, Carla e Fernando. Obrigada por toda ajuda nesses dois anos. Em especial, a Fernando, por fazer tudo ser possível. Essa conquista também é sua.

À Prof^a. Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, por ter reacendido, com carinho, em mim o desejo de voltar a estudar e ter me devolvido sonhos. A senhora é luz! Obrigada por tudo!

A minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Isabel Cristina Michelan de Azevedo, por dividir seu conhecimento comigo. Obrigada pela dedicação e paciência a mim dedicadas.

Aos demais professores do PROFLETRAS, por contribuírem significativamente em minha formação profissional e pessoal.

Às amigas que o mestrado me deu, Iderlânia e Diana. Obrigada pela companhia nessa louca jornada e por fazerem tudo ficar mais leve.

A toda comunidade do Colégio Estadual Senador Gonçalo Rollemberg, em especial aos meus alunos, que junto a mim mostraram que podemos sempre mais.

“Não falaríamos com os outros se tudo fosse claro entre nós, se pudéssemos resolver tudo sozinhos ou se os outros pudessem ler instantaneamente nos nossos espíritos e decifrassem aquilo que nos coloca problemas e, em seguida, descobrissem os nossos desejos e satisfizessem as nossas exigências. Em última análise, as questões que suscitamos através dos nossos actos, actos de palavra, neste caso, reflectem as diferenças que nos separam uns dos outros, mas também, a vontade de as abolir, ou pelo menos, de as fazer reconhecer, nem que seja minimizando-as.”

(Michel Meyer)

MOURA, Marcia Oliveira. **Empoderamento Feminino**: proposta de trabalho para a construção de pontos de vista por estudantes do nono ano do ensino fundamental. 2019. 104 f. Relatório de pesquisa (Mestrado Profissional em Letras – Área de Concentração: Linguagens e Letramentos) – Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-graduação em Letras, São Cristóvão, 2019.

RESUMO

Esta pesquisa-ação, realizada em um colégio no município de Japaratuba/SE, está voltada para a formação de professores de língua portuguesa no que se refere ao trabalho, em sala de aula, sobre os recursos necessários para a articulação de ideias e para a elaboração de ponto de vista consistente sobre o empoderamento feminino. O objetivo geral é contribuir com a formação de professores voltada ao trabalho com a elaboração de pontos de vista a partir de diferentes gêneros discursivos que tematizam o empoderamento feminino. Metodologicamente, foram seguidas as seguintes etapas: 1. pesquisa bibliográfica e organização de um pré-teste com a intenção de estabelecer encaminhamentos para a pesquisa; 2. elaboração de uma sequência de atividades, que pode ser resumida da seguinte maneira: a partir de uma sondagem, que consistiu na produção de um vídeo de um minuto cuja temática foi o cotidiano de uma adolescente, foram organizadas seis atividades sequenciais (direcionadas ao estudo dos operadores argumentativos em textos, à identificação de diferentes gêneros discursivos, à construção de pontos de vista, à análise de vídeos, visando à produção de um roteiro de vídeo e à socialização de diferentes pontos de vista por meio de mesas temáticas). Após a análise dos resultados, como produto final deste Mestrado Profissional, optou-se pela produção de um vídeo destinado a servir de apoio ao trabalho dos professores em uma perspectiva de formação continuada. Os dados reunidos no pré-teste foram analisados a partir das ideias dos seguintes autores: Foucault (1995) para discutir as relações de poder na sociedade; Carvalho (2011), Spivak (2010), Muniz (2017) e Bandeira (2017) para definições de empoderamento feminino e subalternidade. Para tratar da produção da argumentação foram utilizadas as ideias de Meyer (1982; 1991), Barroso (2007), Magalhães (2013) e Koch (2017). E para a definição de ponto de vista e suas relações com aspectos linguísticos foram utilizados os postulados de Rabatel (2016). Os resultados apontam que houve ampliação no uso dos operadores argumentativos e dos recursos de argumentação pelos estudantes de nono ano do ensino fundamental, conseqüentemente, alcançaram maior consistência na elaboração de pontos de vista ao refletir, em conjunto, sobre discursos e comportamentos que constroem as relações em sociedade. A realização desta pesquisa possibilitou aos estudantes compreender e questionar os discursos que lhes cercam para, deste modo, tomarem atitudes transformadoras no que se refere ao respeito a homens e mulheres.

Palavras-chave: Argumentação. Empoderamento Feminino. Ponto de Vista.

MOURA, Marcia Oliveira. **Female empowerment:** proposal of work for the construction of points of view by students of the ninth grade of elementary school. 2019. 125 f. Research report (Professional Master's in Literature – Concentration area: Languages and Literature) – Federal University of Sergipe. Posgraduate Program in Literature, São Cristóvão, 2019.

ABSTRACT

This action research project, undertaken in a school in Japaratuba city / SE, aims at improving the training of Portuguese teachers regarding the work, in the classroom, on the resources necessary for the articulation of ideas and for the elaboration of a consistent point of view on women's empowerment. The general objective is to contribute with teacher training aimed at the work with the elaboration of points of view from different discursive genres that focus on female empowerment. Methodologically, the following steps were followed: 1. bibliographic research and organization of a pre-test with the intention of establishing referrals for the research; 2. elaboration of a sequence of activities that can be summarized as follows: from a survey, which consisted in the production of a one-minute video whose thematic was the daily life of teenager, six sequential activities (aimed at the study of the argumentative operators in texts, the identification of different discursive genres, the construction of points of view, the analysis of videos, aiming at the production of a video script and the socialization of different points of view through panel discussions). After analyzing the results, as the final product of this Professional Master's Degree, we opted for the production of a video designed to support the work of teachers in a perspective of continuing education. The data collected in the pre-test were analyzed based on the ideas of the following authors: Foucault (1995) to discuss the power relations in society; Carvalho (2011), Spivak (2010), Muniz (2017) and Bandeira (2017) for definitions of female empowerment and subalternity. The ideas of Meyer (1982; 1991), Barroso (2007), Magalhães (2013) and Koch (2017) were used to deal with the production of the argumentation. And for the definition of point of view and its relations with linguistic aspects, the postulates of Rabatel (2016) were used. The results point out that there was an increase in the use of argumentative operators and the resources of argumentation by the students of ninth grade, consequently, they reached a greater consistency in the elaboration of points of view by thinking over, together, discourses and behaviors that build relationships in society. The realization of this research made it possible for the students to understand and question the discourses that surround them so that they take transformative stances regarding respect for men and women.

Keywords: Argumentation. Female Empowerment. Point of view.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de Japaratuba/SE.....	32
---------------------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Sequência de Atividades.....	35
Quadro 2– Modelo de roteiro para vídeo	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 Concepção de discurso	17
2.2 Empoderamento feminino	19
2.3 Ponto de vista e Argumentação	23
2.3.1 Operadores argumentativos	28
3 METODOLOGIA.....	31
3.1 Caracterização do ambiente educacional.....	32
3.2 Etapas da Pesquisa.....	33
3.3 Sequência de atividades.....	35
3.3.1 Sondagem	36
3.3.2 Primeiro bloco de atividades: operadores argumentativos no texto.....	37
3.3.3 Segundo bloco de atividades: trabalhando com diferentes gêneros.	38
3.3.4 Terceiro bloco de atividades: operadores empoderados.....	39
3.3.5 Quarto bloco de atividades: batom vermelho	40
3.3.6 Quinto bloco de atividades: roteiro de vídeo.....	40
3.3.7 Sexto bloco de atividades: Mesa temática	41
3.4 Vídeo para a formação de professores.....	42
4 ANÁLISE DOS DADOS	45
4.1 Sondagem	45
4.2 Operadores argumentativos no texto	46
4.3 Trabalhando com diferentes gêneros	48
4.4 Operadores empoderados	50
4.5 Batom vermelho	52
4.6 Roteiros e vídeos	54
4.7 Mesas temáticas	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS	69
ANEXO A – TRANSCRIÇÃO: ATIVIDADE DE SONDAÇÃO.....	72
Vídeo 01: Montagem	72
Vídeo 02: Depoimento	72
Vídeo 03: Depoimento	72
Vídeo 04: Depoimento	73
ANEXO B – OS NAMORADOS DA FILHA – CRÔNICA DE MOACYR SCLiar	74
ANEXO C – RESPOSTAS DA PRIMEIRA ATIVIDADE – OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO TEXTO	75

ANEXO D – COMENTÁRIOS PRODUZIDOS NA SEGUNDA ATIVIDADE – TRABALHANDO COM DIFERENTES GÊNEROS.....	83
G1: Letra de Música – Respeita as Mina.....	83
G2: Notícia – Mulheres na engenharia: conquistas e desafios	83
G3: Artigo de Opinião – Mulheres no poder: um incômodo necessário.....	83
G4: Entrevista: Mulher deve ser maternal e parar de culpar o homem	83
ANEXO E – COMENTÁRIOS PRODUZIDOS NA TERCEIRA ATIVIDADE – OPERADORES EMPODERADOS.....	85
G1: Imagem Wecan do it.....	85
G2: Imagem Noiva aos pés do homem.....	85
G3: Imagem Marta.....	85
G4: Imagem Mulher em posição de chefia.....	85
ANEXO F – MAPA CONCEITUAL PRODUZIDO A PARTIR DO VIDEO BATOM VERMELHO – JOUT JOUT.....	87
ANEXO G – QUARTA ATIVIDADE - ROTEIROS ELABORADOS PELOS GRUPOS	88
Roteiro Grupo 01	88
Roteiro Grupo 02	88
Roteiro Grupo 03	89
Roteiro Grupo 04	90
ANEXO H – TRANSCRIÇÃO DOS VÍDEOS	91
Grupo 01	91
Grupo 02	91
Grupo 03	92
Grupo 04	94
ANEXO I – TRECHOS DAS MESAS TEMÁTICAS.....	95
Mesa 01: A presença da mulher no esporte.....	95
Mesa 02: A mulher no mercado de trabalho	96
Mesa 03: Sexualidade Feminina.....	97
Mesas 04 e 05: Relacionamentos Abusivos e Violência Doméstica.....	98
APÊNDICE A – TOMADA DE NOTAS DAS AULAS REALIZADAS	100
Registro 01: 10/07/2018	100
Registro 02: 10/07/2018	101
Registro 03: 10/07/2018	102
Registro 04: 12/07/2018	103
Registro 05: 12/07/2018	104
Registro 06: 12/07/2018	106
Registro 07: 13/07/2018	108

Registro 08: 13/07/2018	110
Registro 09: 13/07/2018	112
Registro 10: 30/08/2018	115
Registro 11: 30/08/18	117
Registro 12: 30/08/18	122
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	125

1 INTRODUÇÃO

Os anos em meio educacional fizeram com que esta pesquisadora/professora percebesse nos estudantes, de maneira geral, uma apatia quanto à aprendizagem. Na maioria das vezes, ao entrar em uma sala de aula, o que se vê são indivíduos com a atenção voltada para os aparelhos de telefone celular, para os bilhetinhos que são trocados entre eles, estudantes que preferem dormir a fazer as atividades sugeridas ou mesmo os que preferem não fazer o que lhes é proposto. Parece não haver identificação entre eles e o ambiente escolar.

Observa-se também que, muitas vezes, o que leva o indivíduo à escola não é a vontade de aprender. É o desejo de socializar com os colegas, de estar fora de casa por inúmeras razões, como a violência doméstica, ou mesmo a necessidade de alimentação, uma vez que não é rara a presença de estudantes que têm na escola a única refeição do dia ou a mais importante. No município de Japaratuba/SE, onde esta pesquisa foi realizada, este quadro não é diferente.

Esses estudantes, em geral, apresentam diversas dificuldades no aprendizado. Nas aulas de língua portuguesa, ao propor atividades de leitura, é possível perceber as limitações nos exercícios de compreensão e interpretação textual em que eles, em geral, não conseguem fazer inferências que lhes possibilitem compreender e interpretar. Por meio das produções escritas dos estudantes, como provas, trabalhos e redações escolares, observam-se o mau uso de conectores e falhas na articulação das ideias. No nono ano do ensino fundamental, etapa em que foi realizada esta investigação em nível de Mestrado, é necessário iniciar propostas de trabalho voltadas à argumentação, como orienta o *Referencial Curricular*, do estado de Sergipe.

A dificuldade em articular ideias e o uso limitado dos conectores diminuem o encadeamento argumentativo de um discurso. Problemas como esses dificultam o desenvolvimento do letramento desses indivíduos, já que a argumentação faz parte das práticas sociais de leitura e escrita. É uma exigência da sociedade letrada saber posicionar-se e defender ideias. Um exemplo disso é o acesso ao ensino superior, no qual uma de suas etapas consiste em uma dissertação, gênero discursivo pautado na argumentação.

Não resolver tais dificuldades faz com que os estudantes avancem os anos da educação básica sem os instrumentos para questionar e alterar a realidade em que vivem.

Acreditando na responsabilidade social da escola e do professor de língua materna, esta pesquisa propõe trabalhar, em sala de aula, um tema polêmico como o empoderamento

feminino, uma vez que diferentes são as opiniões sobre o papel da mulher na sociedade, os recursos e os gêneros discursivos que possibilitam desenvolver a argumentação e os pontos de vista.

Pode-se afirmar que argumentar é relacionar o que é dito “[...] a um gênero do discurso histórica e socialmente situado, integrando-o na complexidade do funcionamento discursivo que mobiliza parâmetros de diversas ordens” (MAINGUENEAU, 2011, p, 71). É questionar discursos e fazer das respostas encontradas posições expressas por meio de pontos de vista que, por sua vez, se revelam por meio de elementos linguísticos como os operadores argumentativos – os conectores.

O tema escolhido para ser trabalhado em sala de aula foi o empoderamento feminino. O recorte de gênero faz parte dos temas transversais que devem ser tratados em sala de aula e reflete a necessidade de debater esse sistema social, principalmente porque são recorrentes os casos de violência contra a mulher e o cerceamento de seus direitos.

Uma pesquisa como esta é mais que necessária, uma vez que se defende, aqui, a ideia de que o letramento aprofunda as relações entre as pessoas e a realidade. Um sujeito inserido nas práticas de leitura e escrita de uma sociedade é capaz de compreendê-la, questionar o seu funcionamento e alterá-lo. Um trabalho desse tipo pode provocar reflexões sobre a realidade. Assim, para os fins desta investigação, o letramento será definido como:

[...] capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor...(SOARES, 2003, p.91-92).

Com base nessa visão, formar um estudante letrado é mais que ensiná-lo a ler e escrever. É proporcionar situações em que ele possa refletir, questionar, interpretar, produzir e, também, transformar as informações que a ele chegam através dos textos; logo, o contato com diferentes gêneros discursivos potencializa o letramento, uma vez que engloba habilidades para interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de texto.

A diversidade de gêneros textuais e discursivos, em sala de aula, é preconizada por diversos documentos oficiais, dentre eles o *Referencial Curricular*¹ do Estado de Sergipe que para o nono ano, em língua portuguesa, estabelece ao estudante o desenvolvimento da competência geral: “apropriar-se da língua portuguesa como veículo de interação dialógica, processando diferentes tipos de mensagens em diferentes gêneros textuais” (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SERGIPE, 2011, p.81-82). Ainda no *Referencial*, é possível encontrar como habilidades desejadas:

- Ler textos de diferentes gêneros;
- Inferir os sentidos de um texto;
- Produzir diferentes gêneros textuais, reconhecendo suas características quanto ao conteúdo, construção composicional e estilo (SERGIPE, 2011, p. 82).

De acordo com o *Referencial* acima citado, cabe à área de língua portuguesa desenvolver variadas competências e habilidades. Competência se refere às “atitudes necessárias para enfrentar os problemas da vida moderna” (SERGIPE, 2011, p.11) e as habilidades se referem “aos conteúdos disciplinares, saberes que, em última análise, possibilitam, quando devidamente mobilizados, a compreensão e solução dos problemas cotidianos” (SERGIPE, 2011, p. 11). Ciente das competências e habilidades necessárias aos oestudantes para que possam compreender e utilizar, da melhor maneira, os gêneros discursivos, a argumentação e os pontos de vista, esta professora escolheu no Mestrado Profissional em Letras procurar melhorar a prática docente, por isso esta investigação foi orientada pela seguinte questão: quais elementos linguístico-discursivos, trabalhados em sala de aula, podem colaborar com a articulação de ideias na construção de pontos de vista consistentes em torno do empoderamento feminino?

Na tentativa de encontrar respostas para essa pergunta, foi estabelecido como objetivo geral da pesquisa: contribuir com a formação de professores no que se refere ao trabalho para elaboração de ponto de vista, por estudantes de ensino fundamental, em argumentações voltadas ao empoderamento feminino. Como objetivos específicos, foram definidos três: 1. Organizar o trabalho com operadores argumentativos, de modo a favorecer a articulação de ideias pelos estudantes em aulas de língua portuguesa; 2. Reunir atividades com variados gêneros discursivos, para promover a assunção de diferentes posicionamentos sobre um tema

¹Disponível no site da Secretaria de Estado da Educação.

polêmico; 3. Organizar a produção de vídeos voltados à reflexão de temas sociais e à divulgação de ideias em sociedade pelos estudantes de educação básica.

Como produto final desta pesquisa, optou-se pela elaboração de um *Guia de Orientação ao Professor*, em vídeo, por ser um recurso favorável à partilha de experiências docentes devido à atual facilidade de compartilhamento na internet.

A relevância deste trabalho está vinculada à necessidade de haver mais práticas didático-pedagógicas voltadas à construção de pontos de vista sobre o empoderamento feminino, por meio do estudo de variados gêneros discursivos, uma vez que esse tema promove a mobilização de capacidades específicas vinculadas à leitura, à reflexão e ao uso da língua portuguesa como prática social.

No âmbito do programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), algumas pesquisas foram realizadas sobre questões de gênero. Destaca-se, por utilizar gêneros discursivos diferentes, a investigação realizada sobre identidade feminina a partir do conto “Entre a espada e a rosa”, de Juliane Aparecida da Silva Dias, Maria Celma Vieira Santos e Nelson Eliezer Ferreira Junior (2016). Esse trabalho serviu de referência para discutir as relações de gênero em sala de aula a partir de textos variados, uma vez que utilizaram o conto de Marina Colassanti e contos de fadas clássicos para discutir o papel da mulher na sociedade.

Quanto à argumentação, destaca-se pelo trabalho com operadores argumentativos em função da coerência textual o estudo intitulado “O uso de operadores argumentativos em comentários críticos de alunos de 9º ano do ensino fundamental”, de Mariana Freire Rodrigues (2015), em que a pesquisadora trabalha o exercício da competência argumentativa nas produções textuais escritas dos alunos. Esse trabalho serviu como referência para o desenvolvimento de atividades voltadas ao ensino da argumentação no nono ano do ensino fundamental.

Tomando como exemplo os estudos já realizados, a presente pesquisa foi dividida em quatro etapas: a construção do suporte teórico, a aplicação de um pré-teste para gerar encaminhamentos à pesquisa no que se refere às atividades a serem desenvolvidas em sala de aula a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, a elaboração de uma sequência de atividades, a análise das produções discentes e, por fim, os critérios que irão orientar produção de um vídeo para a formação de professores.

Foram selecionados como referência teórica os escritos de Foucault (1995) para discutir as relações de poder na sociedade; de Carvalho (2011), Spivak (2010), Muniz (2017) e Bandeira (2017) para definições de empoderamento feminino e subalternidade. Para tratar

de argumentação foram utilizadas as ideias de Meyer (1982; 1991), Barroso (2007), Magalhães (2013), Koch (2017) e Pennycook (2003). E para a definição de ponto de vista e suas relações com aspectos linguístico-enunciativos foram utilizados os postulados de Rabatel (2016).

Após o levantamento bibliográfico, foi possível perceber a necessidade da realização de um pré-teste para colaborar com os encaminhamentos da pesquisa no que se refere à elaboração da sequência de atividades a ser desenvolvida em sala de aula a partir dos conhecimentos prévios dos alunos. Assim, os estudantes da turma de nono ano do CESGR, em Japaratuba/SE, fizeram a leitura compartilhada do texto “Namorados da filha”, de Moacyr Scliar, e responderam a uma atividade, em sala de aula, na tentativa de obter os conhecimentos prévios quanto ao tema proposto pela pesquisa.

Todavia, em função do calendário do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – e do calendário do colégio, a investigação, de fato, foi realizada com a turma de nono ano matriculada para o ano letivo de 2018.

Com a análise dos dados obtidos no pré-teste, foi decidido que a melhor forma para alcançar os objetivos da pesquisa seria por meio da realização de uma sequência de atividades (SD). Para sustentar a SD, foram utilizados os escritos de Lerner (2002) que a define como um conjunto de atividades pensadas para trabalhar conteúdos de leitura e escrita de modo a promover a aprendizagem em níveis progressivos.

Dessa forma, têm-se aqui uma sequência com sete blocos de atividades, sendo uma de sondagem, que contabilizaram doze aulas. A atividade de sondagem foi composta por uma produção de vídeos de um minuto, pelo celular, sobre aspectos da vida de uma adolescente, como tentativa de observar o modo pelo qual os estudantes se expressam sobre determinado tema.

O primeiro bloco de atividade se refere à identificação de operadores argumentativos e visa a auxiliar os estudantes no estabelecimento de relações entre as ideias encontradas no texto. Para isso, foi utilizada a crônica “Namorados da filha”, de Moacyr Scliar. O segundo bloco de atividades foi realizado em grupo, com gêneros discursivos diferentes, com posicionamentos distintos, sobre a temática do empoderamento feminino. Foram utilizados: um artigo de opinião, uma letra de música², uma notícia e uma entrevista escrita.

²É preciso esclarecer que, entre os autores, há divergências quanto à categorização de letra de música como gênero. Alguns defendem que a letra de música se enquadra no gênero canção. Aqui, tomaremos letra de música como gênero, como defendem Barbosa e Bezerra (2018).

O terceiro bloco de atividade é um jogo por meio do qual os estudantes formaram posicionamentos distintos a partir de operadores argumentativos. No bloco seguinte, a turma fez um mapa conceitual da fala da *youtuber* Jout Jout, registrada no vídeo intitulado “Não tire o batom vermelho”³. Construir um mapa conceitual é uma forma de ver, concretamente, a elaboração de um discurso argumentativo e as relações linguísticas entre os argumentos, de modo a facilitar a compreensão do estudante sobre este processo.

No quinto bloco de atividades, os estudantes, em grupos, elaboraram um roteiro para vídeo que foi a base para uma gravação sobre a temática do empoderamento feminino que, posteriormente, foi publicada na página do colégio na rede social *Facebook*⁴, como meio para convocar a comunidade escolar a participar das mesas temáticas organizadas pela turma.

As mesas trataram de temas relacionados ao empoderamento feminino e foram apresentadas para as turmas de sexto, sétimo e oitavo anos, momento em que foram discutidos os pontos de vista elaborados pelos estudantes. É necessário ressaltar que a sequência de atividades está mais bem detalhada na metodologia deste relatório de pesquisa.

Finalizada a elaboração da SD, decidiu-se que a melhor forma para compartilhar o trabalho desenvolvido seria por meio de um vídeo, que está disponível na plataforma *Youtube*, em um canal criado pela pesquisadora, contendo orientações para os professores que desejem trabalhar com temas controversos a partir de gêneros discursivos distintos em função da construção de pontos de vista consistentes.

A escolha pelo vídeo como produto desta pesquisa e a forma de divulgação se deu pelo fato da internet ampliar o alcance do que foi produzido. Além disso, é um meio que facilita o acesso das pessoas que poderão assisti-lo pelo computador, aparelho de telefone celular ou qualquer dispositivo móvel digital com acesso à internet.

Levando em conta o que foi dito até aqui e para melhor compreensão, este trabalho foi, assim, dividido: fundamentação teórica que inclui a sustentação para o entendimento sobre empoderamento feminino, argumentação, ponto de vista e letramento crítico. Em seguida, encontram-se a metodologia contendo os passos detalhados para a realização da pesquisa e a análise dos dados obtidos por meio da realização do pré-teste. Na análise dos dados constam os avanços e as dificuldades enfrentadas em cada etapa da pesquisa e, por fim, as considerações finais.

³Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=I-3ocjJTPHg&t=13s>

⁴<https://www.facebook.com/senador.goncalorollemberg>

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Concepção de discurso

Para maior entendimento desta proposta de pesquisa é preciso deixar clara a concepção de discurso em que ela está alicerçada. De maneira ampla, o discurso pode ser entendido como um conjunto de enunciados proferidos a partir de determinadas condições sociais e históricas de existência.

De acordo com o pensamento de Foucault (1999), o discurso nada mais é que uma leitura que se faz do mundo, por isso reconhece existir uma cumplicidade primeira com o mundo na fundação do que se pode falar dele, nele, nos modos como é designado, nomeado, nas bases escolhidas para julgá-lo e conhecê-lo, enfim na maneira como é constituído como uma forma de verdade. “Se o discurso existe, o que pode ser, então, senão uma discreta leitura?” (FOUCAULT, 1999, p. 48).

É a relação estabelecida pelo sujeito com o mundo circundante que lhe permite interpretar e falar sobre o seu entorno. O discurso é uma possibilidade de expressar aquilo que se vê do real. O autor define discurso como a reverberação de uma verdade que nasce diante dos olhos das pessoas e que quando, enfim, toma sua forma, “[...] quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado o seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si” (FOUCAULT, 1999, p. 49).

Entende-se, então, que, ao proferir enunciados, os sujeitos estão tomando consciência de si mesmos, uma vez que o sujeito se constitui de e no discurso, e está desde pequeno cercado por discursos que já estão em prática na sociedade.

No entanto, sabe-se que, desde sempre, não é permitido a qualquer um dizer o que quer e em qualquer lugar. Todo sujeito precisa seguir regras coercitivas que colaboram com a manutenção do poder e, por essa razão, o poder torna-se motivo pelo qual os sujeitos disputam. Particularmente em relação a isso, o autor destaca:

[...] o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo; visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1999, p. 10).

Discurso e poder são instâncias que possuem relação direta. Quem tem o poder, conseqüentemente, estabelece o que deve ou não ser dito, como se deve dizer, quando e onde. Foucault (1999) reconhece haver duas regras que orientam a relação entre discurso e poder: regra de exclusão e a regra de inclusão. Tais orientações determinam quem tem o poder de falar, com base na vontade de verdade.

É a vontade de verdade, a vontade de ter razão em seus enunciados, o que leva as sociedades a instituir o que pode ser dito e o que não pode. Sobre isto, Foucault (1999) defende que a vontade de verdade, quando apoiada em um suporte e uma distribuição institucional, tende a exercer sobre outros discursos uma espécie de pressão, um poder coercitivo. Assim, as instituições que compõem a sociedade legitimam o que pode (ou não) ser dito.

Deste modo, a escola, a Igreja, a família, o Direito e outras instituições sociais exercem poder sobre os discursos que circulam entre as pessoas e decidem quem pode ou não entrar na ordem do discurso. “Ninguém entra na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 1999, p. 37). Ordem essa entendida como o conjunto de regras estabelecidas para produzir o que se quer dizer e legitimar o dito.

É por meio dessa legitimação que se encontra a regularidade nos discursos. As coisas ditas possuem estabilidade aparente que tem como sustentáculo suas condições de existência determinadas pelas instituições sociais. Necessita-se, então, analisar as práticas discursivas, tendo como base quem, onde, quando e como foram produzidas, porque o discurso que constitui os sujeitos é, antes de tudo, um produto histórico, porque as instituições que o legitimam mudam suas regras ao longo do tempo.

A análise que Foucault (1999) faz do discurso está alicerçada na articulação entre o que o indivíduo pensa, diz e faz. Essa articulação, expressada por meio dos enunciados, caracteriza períodos históricos e, por isso, não possui apenas um único sentido. Para compreender os discursos presentes nas sociedades é preciso encontrar seus múltiplos sentidos, olhar para além do que está aparente e perceber as estruturas mais profundas que os constituem.

Nessa pesquisa, procurou-se compreender as condições de existência que possibilitam os ditos sobre a figura feminina na sociedade brasileira, na tentativa de auxiliar os estudantes na assunção de posições discursivas. Por outro lado, tentou-se mostrar ao estudante do nono ano que o dito está permeado por outros já-ditos, legitimados pela ordem do discurso. Isso

porque, ao compreender o discurso como um conjunto de enunciados, determinado por condições históricas, o sujeito pode questionar o real que dá base aos seus dizeres e, assim, estabelecer bases para compor argumentações.

2.2 Empoderamento feminino

Para compreender o empoderamento, enquanto conceito, é necessário refletir sobre os múltiplos significados da palavra. Considerada por muitos um neologismo, empoderamento é um substantivo relacionado à ação de empoderar-se que, por sua vez, tem como raiz o verbo poder. Nas palavras de Foucault (1995, p. 234), “[...] para compreender o que são as relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações”.

Ao contrário do que se pode pensar, o sentido primeiro da palavra empoderamento não é estabelecer relações de poder sobre o outro, mas sobre si mesmo. Neste caso, sobre si mesma. Sobre suas decisões, seus pensamentos, seu corpo, sua estética, seu eu. Desta forma, a tomada do poder das mulheres sobre si mesmas é considerada uma forma de resistência às relações de gênero estabelecidas.

O empoderar-se não é um privilégio das mulheres, no entanto, as razões para a conexão estreita entre o empoderamento e o feminino são históricas.

Historicamente, o poder sempre foi praticado e exercido pelos homens, pois as mulheres eram consideradas subalternas, devendo obediência e respeito às pessoas do sexo masculino. Esse processo envolve relações de gênero porque as relações existentes são desiguais, ocorrendo uma forma de dominação patriarcal dos homens sobre as mulheres, em um modelo masculino de dominação, tanto na esfera privada (ambiente familiar) quanto na esfera pública (organizações que envolvem o trabalho) (CARVALHO, 2011, p. 145).

A posição subalterna feminina, configurada no ambiente familiar e do trabalho, acarretou um silenciamento da mulher, razão pela qual os discursos que naturalizam o patriarcado, bem como os discursos sobre empoderamento feminino, devem ser discutidos. Spivak (2010, p. 12), em obra intitulada “Pode o subalterno falar?”, determina o subalterno enquanto “camada mais baixa da sociedade constituída pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”.

A partir disto, pode-se inferir o apagamento da figura feminina na sociedade. A autora defende que a figura da mulher desaparece por conta do patriarcado e do imperialismo que domina as organizações sociais. Esse silenciamento causado pelas relações de poder dentro da sociedade patriarcal é que confere subalternidade à mulher que “não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010, p. 15).

A necessidade de se fazer ouvir intensifica o discurso do empoderamento enquanto relação de poder. Para Foucault (1995) as relações de poder fazem com que os indivíduos se voltem para si mesmos e se conectem à sua identidade. O silenciamento da mulher pela sociedade patriarcal levou-a a voltar sua atenção para aquilo que a faz mulher, para a construção de sua identidade enquanto sujeito social, da mesma forma que a fez buscar respostas para a questão: quem sou eu?

Levar para a sala de aula a discussão sobre o empoderamento feminino é uma forma de dar voz a esses discursos silenciados, bem como provocar nos estudantes de nono ano uma reflexão sobre quem é a figura feminina na sociedade atual.

O conceito de empoderamento feminino existe em função da existência do patriarcado – sistema de poder praticado e exercido pelo homem. Ao ser dominada em casa e “na rua”, a mulher sentiu o desejo de mudar essa realidade, apesar de – por muito tempo – não ter tido “noção do grau de subordinação em que se encontrava. Sempre cumpriu árdua jornada em seu lar como mantenedora da ordem [...]” (CARVALHO, 2011, p. 145).

Sem dúvida, a mulher sempre foi vista como a senhora de sua casa, esposa e mãe. No entanto, este não era considerado um trabalho produtivo, tampouco era reconhecido. A manutenção da mulher dentro de casa foi consequência da política imperialista que predominou na sociedade durante muito tempo. Para Spivak (2010, p. 98), “a imagem do imperialismo como estabelecedor da boa sociedade é marcada pela adoção da mulher como objeto de proteção de sua própria espécie”. Se a função única da mulher era proteger a cria, que lugar melhor para a execução de tal tarefa que dentro da própria casa?

Quando conseguiu romper com esta lógica social, ao entrar no mercado de trabalho, à mulher couberam tarefas menores, mais fáceis e menos remuneradas uma vez que ela era incapaz e frágil. Dessa forma, o ser feminino, neste modelo de sociedade, foi construído a partir da baixa autoestima.

A cultura machista inscreve-se nessa lógica sexuada segundo a qual os lugares, os papéis, atividades e posições das pessoas são definidas segundo seu sexo social, seu gênero, masculino ou feminino. Estabelece-se, sob tal

visão de mundo, uma partilha desigual, ao se conferir ao masculino uma posição de superioridade em relação ao feminino, fundamentada em argumentos biológicos, na tese da inferioridade estrutural do sexo feminino (MUNIZ, 2017, p. 38).

No Brasil, tal lógica começou a ser rompida a partir dos anos 1930, quando iniciou a luta pelos direitos civis femininos. Esse esforço foi se intensificando e, nos anos 1970, configurou-se como o movimento feminista. O feminismo se pauta em um “projeto comum de transformação das relações entre homens e mulheres e da suspensão da desigualdade de gênero” (MUNIZ, 2017, p. 46).

As mulheres se organizaram para que sua voz fosse ouvida, lutando para melhorar sua qualidade de vida, suas condições de trabalho, contra as diferenças de sexo, enfim para se afirmarem na sociedade civil como pessoas de direito e públicas. A conquista da cidadania feminina, sua saída do meio privado para o público, sua entrada no mercado de trabalho, sua liberação sexual, enfim, constituíram-se em progressos positivos [...] (CARVALHO, 2011, p. 152)

Essas lutas e conquistas se materializam em discursos, concretizados por meio de recursos linguísticos, que precisam ser compreendidos em suas origens e analisados tendo em conta, inclusive, os dizeres que não defendem as mesmas ideias. Mostrar os diferentes discursos sobre o empoderamento feminino aos estudantes de nono ano do ensino fundamental é um meio para que eles questionem o que pensam sobre o assunto.

Foucault (1995, p. 235) defende que, numa sociedade, ocorrem três tipos de lutas em torno do poder: “contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa), contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, desse modo, aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão)”.

A partir disso, pode-se afirmar que os embates travados pelas mulheres se caracterizam como confrontos contra formas de dominação social que as colocam em posição de passividade e submissão. Entretanto, mesmo com as lutas, somente em meados dos anos 1980 é que a mulher brasileira atenta-se para conquistar sua cidadania real diante do poder público. Carvalho (2011, p. 148) salienta que essa cidadania “foi construída de maneira desigual, com diferenciações baseadas nas questões de gênero”. Talvez tenha sido esta a razão

para que a mentalidade do homem brasileiro tenha sofrido tão poucas transformações no que se refere ao papel da mulher na sociedade e, ainda hoje, o país possui “uma taxa média anual de 4,8 assassinatos femininos em cada 100 mil mulheres, o que coloca o Brasil em quinto lugar entre os países com maior índice de homicídios femininos num ranking de 84 nações [...]” (BANDEIRA, 2017, p. 20).

Uma nação que carrega números como esses tem a obrigação de discutir as relações de gênero, de pensar qual o lugar do ser feminino em sociedade, de fazer com que estudantes reflitam sobre os ditos que se constroem sobre este assunto, na tentativa de fomentar o respeito a todos os indivíduos.

Tal discussão precisa, sim, atravessar os muros da escola, pois “manter gênero como tabu nas escolas é sustentar um dos pilares da cultura patriarcal e machista; é assegurar a estabilidade da lógica sexista que fundamenta a desigualdade entre mulheres e homens” (MUNIZ, 2017, p. 48). Por essa razão, o empoderamento feminino deve ser entendido como:

[...] ênfase na defesa e construção de uma cultura de respeito às diferenças. Respeito às escolhas e protagonismo de cada pessoa quanto ao seu gênero, orientação sexual, corpo, reprodução, desejos, sentimentos. Enfim, quanto às decisões tomadas em relação a sua vida, por meio das quais afirma sua autonomia, assume seu espaço de fala e lugar de sujeito na sociedade, na cultura e na história (MUNIZ, 2017, p. 46).

A partir da ideia sobre o respeito e o protagonismo de cada sujeito em sociedade reitera-se a ideia de que o empoderar-se não está atrelado à troca de um domínio pelo outro, isto é, não se trata de acabar com o patriarcado e instalar o matriarcado em seu lugar. O empoderamento feminino não se refere à mulher ter poder sobre o homem, mas sobre si mesma enquanto sujeito social em busca de igualdade.

Apesquisa aqui apresentada se sustenta neste pensamento e na ideia de que falar sobre empoderamento feminino em todas as instituições da sociedade e, em particular, na escola, é uma forma de dar voz a quem foi calada durante muito tempo e de refletir sobre as lógicas sexistas que constituíram as relações sociais, de modo a quebrá-las em função do estabelecimento de atitudes transformadoras por parte de homens e mulheres.

Para estabelecer atitudes transformadoras é necessário questionar o que está posto, problematizar os discursos vigentes na sociedade. Para haver mudança é preciso compreender os diferentes pontos de vista sobre o empoderamento feminino e o discurso sexista, por isso, a

seguir, serão apresentadas as concepções de ponto de vista e argumentação que orientam essa pesquisa.

2.3 Ponto de vista e Argumentação

O empoderamento feminino é um tema polêmico sobre o qual as opiniões das pessoas divergem e, por isso, precisa ser discutido. Solicitar aos estudantes uma produção em vídeo sobre o tema é uma forma de ampliar o debate.

A ideia defendida aqui é a de que roteiro para vídeo é uma materialização discursiva. Um ato de dizer. Se todo ato de dizer depende de um sujeito ativo, é lógico concluir que este se revela no seu dito. Esta situação se intensifica quando o dito parte de uma opinião, quando é um dito argumentativo que intenta convencer o interlocutor a partir de determinados pontos de vista (PDV).

O trabalho aqui apresentado segue os construtos teóricos de Rabatel (2016) ainda que sua obra seja voltada para o ponto de vista dentro das narrativas. O uso de seus postulados se justifica pelo fato de que tanto a narrativa quanto a argumentação se constituem de discursos e alguns pontos associados à construção de PDV no ato de narrar valem para o de argumentar, pois, em ambos é possível detectar a ótica do locutor sobre os objetos. Particularmente, neste trabalho, interessa a distinção entre locutor e enunciador:

[...] a noção de enunciador é, antes de tudo, útil para dar conta do dialogismo interno dos enunciadores, quando os pontos de vista não remetem a locutores encadeados no discurso do locutor primeiro ou dos interlocutores. Ela comporta igualmente uma dimensão pragmática forte, na medida em que os pontos de vista, em função dos modos de apresentação dos referentes discursivos, orientam fortemente as interpretações a partir de instruções codificadas na língua [...] (RABATEL, 2013, p. 33).

Conforme Rabatel esclareceu acima, ao elaborar um PDV, o estudante terá a oportunidade de incluir, em sua enunciação, referentes discursivos que estabelecem relações com outros dizeres sociais. Em especial, na argumentação, esse modo de organizar um posicionamento integra um jogo de vozes em disputa, visto que o sujeito que argumenta manifesta vozes autorizadas e não autorizadas que pronunciam verdades passíveis de questionamento e interpretações. Rabatel (2016, p.26) explica que “todo indivíduo, na singularidade de sua construção social, só existe pelo outro e graças à coletividade a qual pertence, pelos múltiplos pertencimentos que o ajudam a construir sua personalidade, seus

valores e ajustar comportamentos práticos e suas representações”. Esta construção social do eu se revela nos escritos do sujeito ainda que não esteja explícito no texto. É preciso ter em mente que texto, aqui, é entendido como concretização de discursos. A este “eu”, incluso no texto, dá-se o nome de ponto de vista definido pelo autor como:

Antes de ser um conceito linguístico, é, primeiramente, uma postura cognitiva e psicossocial, que leva o indivíduo a se colocar no lugar do outro, até de todos os outros para poder melhor retornar ao seu, até para poder melhor construir um ponto de vista comum que não é nem escrito com antecedência, nem a soma dos pontos de vista (RABATEL, 2016, p. 29).

Em sua forma geral, o PDV define-se pelos meios linguísticos pelos quais um sujeito considera um objeto, em todos os sentidos do termo considerar, quer o sujeito seja singular ou coletivo. Quanto ao objeto, ele pode corresponder a um objeto concreto, certamente, mas também a um personagem, uma situação, uma noção ou um acontecimento, porque, em todos os casos, trata-se de objetos de discurso. O sujeito, responsável pela referenciação do objeto, exprime seu PDV, tanto diretamente, por meios explícitos, como indiretamente, pela referenciação, isto é, pelas escolhas de seleção, de combinação, de atualização do material linguístico (RABATEL, 2016, p.32).

Para o autor citado, o ponto de vista é uma problemática transversal que se apoia em formas de expressão linguística variadas e que aparece em diversos gêneros discursivos. Segundo ele, “analisar um ponto de vista é recuperar, de uma parte os contornos de seu conteúdo proposicional e, de outra, sua fonte enunciativa inclusive quando esta é implícita, a partir do modo de atribuição dos referentes e dos agenciamentos das frases de um texto” (RABATEL, 2016, p.71).

Dessa maneira, o conceito de pontos de vista está diretamente relacionado com outros, como o de enunciação e referenciação. Segundo Rabatel, “a enunciação é um processo de interação de ajustes através do qual, por dialogismo, o locutor/enunciador coconstrói um dizer” (RABATEL, 2016, p.20) ao passo que “as escolhas de referenciação orientam a interpretação” (RABATEL, 2016, p. 40).

O locutor é definido como a instância que profere um enunciado e que assume um PDV. O ponto de vista presente na argumentação é chamado, pelo autor citado, de ponto de vista assertado cujo objetivo é “pôr em ação mecanismos para definir os limites da interpretação ou dar aos julgamentos pessoais um traço objetivo” (RABATEL, 2016 p. 166). Deste modo, ele defende que:

[...] os pontos de vista (assertados) “impõem” interpretações sem parecer que o fazem e isso tanto mais eficazmente quanto mais essa imposição produz-se sob o disfarce de maior liberalidade, como se as percepções fossem objetivas (enquanto elas remetem a uma origem particular), como se os eventos houvessem se passado assim, [...], como se as coisas fossem assim, enquanto seu recorte, sua denominação são tributários de uma axiologia, de uma orientação argumentativa que tem a intenção de escapar de qualquer discussão (RABATEL, 2016 p. 171).

O ponto de vista, na argumentação, é construído de modo a tornar o dito uma verdade factual que não pode ser discutida. Ao impor a sua verdade, o enunciador tenta tornar objetivo aquilo que é subjetivo e convencer seu auditório por meio de recursos linguísticos que orientam a interpretação. Pode-se concluir, então, que a teoria do ponto de vista permite ao leitor/auditório ter acesso a instrumentos que lhe permitem construir os significados de um texto (RABATEL, 2016).

A intenção é entender os recursos mobilizados na construção social dos pontos de vista, na expressão dos pensamentos dos sujeitos, presentes nos textos de forma explícita ou implícita. Para Meyer (1982), pensar as relações entre o explícito e o implícito de um discurso é argumentação. Acredita-se, então, que ao construir um ponto de vista, o sujeito – por meio da linguagem – põe à disposição do social toda a relação dialética que existe entre ele e o mundo.

Por esta razão, defende-se aqui que um discurso não apresenta um ponto de vista único e inquestionável. Observa-se que o “homem conta com mil pontos de vista”, mas produz “um ponto de vista singular, que sabe situar-se em relação aos outros e por intermédio de sua relação com os outros” (RABATEL, 2016, p. 24). Essa pessoa é aquela que tem consciência de seu poder argumentativo, é a que, segundo Meyer (1991, p. 134), coloca-se em questão, que problematiza aquilo que a cerca.

Ao reunir os elementos que permitem entender a noção de ponto de vista, procurou-se associá-lo ao conceito de argumentação, que norteará as observações a serem feitas nesse trabalho. Em linhas gerais, pode-se determinar que argumentar é encadear ideias de modo a “convencer, persuadir alguém, defender um ponto de vista sobre determinado assunto. Consiste no emprego de provas, justificativas a fim de apoiar ou rechaçar uma opinião ou uma tese; é um raciocínio destinado a provar ou refutar uma dada proposição” (PEREIRA, 2006, p. 37 apud BOFF, KOCH, MARINELLO, 2009, p. 4).

Barroso (2007, p.102) defende que “o esquema textual evocado para a construção do discurso argumentativo requer do sujeito a capacidade de relacionar e articular argumentos e

posição [...] sobre um dado tema polêmico sobre o qual deve emitir sua opinião”. Pode-se afirmar, então, que a argumentação é uma atividade retórica uma vez que se utiliza de estratégias e jogos de ideias para persuadir/convencer aquele que ouve ou lê.

Em torno desse assunto, Meyer (1982, p. 144) afirma que a argumentação é, frequentemente, definida como um esforço de convicção. Reconhece, também, que a dimensão argumentativa é essencial à linguagem, uma vez que “todo discurso procura persuadir a quem se dirige”. Para o autor, o ato de argumentar está diretamente relacionado com o ato de questionar. Persuadir alguém é colocar em questão o próprio discurso. Assim, “o argumento é a resposta que ocupa o lugar de conclusão face à questão”(MEYER, 1982, p. 145).

Pode-se compreender que para argumentar é preciso transformar afirmações em perguntas e o argumento, por seu turno, é a resposta encontrada. Todavia, de acordo com o conceito explicitado pelo autor, isto só é possível por meio da relação existente entre os ditos explícitos e implícitos.

A argumentação funciona como uma agência de uma conclusão, eventualmente de uma certa decisão a tomar a respeito do problema colocado no contexto de sua ocorrência, contexto que fornece aos protagonistas os recursos informativos necessários à inferência da resposta-conclusão (MEYER, 1982, p. 145).

[...] a argumentação é um fazer, directo se se trata de levar alguém a pronunciar-se ou a decidir-se a adoptar uma linha de conduta sobre um dado problema, indirecto se se limitar a comunicar certas opiniões ou conclusões [...] (MEYER, 1982, p. 146).

Tem-se, então, duas ideias primordiais à argumentação: argumentar não é, apenas, expressar opiniões e está relacionada ao contexto em que os questionamentos foram produzidos e o problema foi colocado. Para argumentar é necessário que exista um problema a ser questionado.

De acordo com os postulados do autor, pensar é questionar e, conseqüentemente, é argumentar. Todavia, “é preciso conseguir distinguir entre aquilo que está em questão e aquilo que está fora de questão” (MEYER, 1998 p. 55). É preciso estabelecer diferenças entre o que se está questionando ou não. São estas diferenças que, segundo o autor, estruturam o pensamento.

Ao detectar um problema e transformá-lo em questão, atos comunicativos são construídos. Nas palavras do autor:

Não falaríamos com os outros se tudo fosse claro entre nós, se pudéssemos resolver tudo sozinhos ou se os outros pudessem ler instantaneamente nos nossos espíritos e decifrassem aquilo que nos coloca problemas e, em seguida, descobrissem os nossos desejos e satisfizessem as nossas exigências. Em última análise, as questões que suscitamos através dos nossos actos, actos de palavra neste caso, refletem as diferenças que nos separam uns dos outros, mas também a vontade de as abolir, ou pelo menos de as fazer reconhecer, nem que seja minimizando-as (MEYER, 1998, p. 83).

Meyer (1998) propõe a ideia de que o ser humano argumenta porque vive em sociedade e tem a necessidade de expressar aquilo que o aflige, de modo a levar o outro a compreender/concordar com suas questões. Problematizar o mundo é diminuir diferenças através da comunicação.

No ambiente escolar, em geral, a finalidade dos atos comunicativos de argumentação se modifica. Magalhães (2013, p.4) pontua que “nas condições de produção da redação escolar, o orador é o próprio aluno/candidato, aquele cujos argumentos sobre um determinado assunto se deseja conhecer e avaliar [...]; e a finalidade é, predominantemente, avaliativa, classificatória”.

Vista por esse prisma, a argumentação em sala de aula parece vazia de sentido, já que algo da interação social pode se perder no caminho entre as ideias do estudante e o papel. Por isso, a autora citada acima ainda destaca que “se desejamos que nossos alunos desenvolvam senso crítico e capacidade argumentativa para o pleno exercício da cidadania, precisamos prepará-los para isso, precisamos ensiná-los a buscar seus argumentos” (MAGALHÃES, 2013 p. 11).

Para tanto, nada melhor que a relação direta com diferentes gêneros discursivos, pois é uma eficiente maneira de ler o mundo que se materializa em textos, como defende McCornik (1994, p. 49 apud PENNYCOOK, 2003 p. 37) “os alunos devem aprender como ler o mundo criticamente, devem ter acesso a discursos que lhes permitam analisar esse mundo, discursos que possam habilitá-los a explorar a atuação de seus modos de leitura, assim como os textos de sua cultura, inseridos em relações sociais e históricas complexas”. Aqui, o que se pretende, então, ao levar para a sala de aula a noção de argumentação e ponto de vista a partir do trabalho com gêneros discursivos, é provocar a criticidade do aluno; não para produzir apenas textos escolares, mas para efetuar reflexão e mudança de atitudes cotidianas.

Em outras palavras, a pretensão é possibilitar letramento crítico entendido como a compreensão das “inter-relações entre dominação (compreendendo a linguagem e a reprodução do poder), acesso (a necessidade de ter acesso aos gêneros discursivos, línguas de poder), diversidade (necessidade de reconhecer a diferença) e planejamento (a importância da criatividade e agenciamento)” (PENNYCOOK, 2006 p.70). Lembrando que esta habilidade de compreensão passa pelo conhecimento dos usos de recursos linguísticos como os que serão mostrados em seguida.

2.3.1 Operadores argumentativos

As ideias defendidas por Rabatel (2016) demonstram que a argumentatividade está inscrita na língua por meio de elementos linguísticos que permitem os indivíduos argumentarem. Que elementos são esses? Os chamados operadores argumentativos. De acordo com Koch (2017, p.64):

Os operadores argumentativos ou marcadores argumentativos são, pois, elementos linguísticos que permitem orientar nossos enunciados para determinadas conclusões. São, por isso mesmo, responsáveis pela orientação argumentativa dos enunciados que introduzem [...].

Para uma boa argumentação é preciso conhecer esses operadores e os efeitos de sentido que causam em um texto. Utilizá-los é um ato de escolha que deve ser consciente. Por isso, defende-se, aqui, que o estudante de nono ano do ensino fundamental deve, sim, ter conhecimento sobre esses elementos e suas melhores formas de uso.

Desse modo, tomando como base os escritos de Koch (2017), os operadores argumentativos podem, assim, ser organizados:

1. Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão: **e, também, ainda, nem (e não), não só...mas também, tanto...como, além de, além disso etc.**
2. Operadores que indicam o argumento mais forte de uma escala a favor de uma determinada conclusão: **até, até mesmo, inclusive, [nem, nem mesmo – escala orientada para a negação], aliás – acrescenta mais um argumento não esperado.**
3. Operadores que deixam subentendida a existência de uma escala com outros argumentos mais fortes: **ao menos, pelo menos, no mínimo.**

4. Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias: **mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto, embora, ainda que, posto que, apesar de (que) etc.**

5. Operadores que introduzem uma conclusão com relação a argumentos apresentados em enunciados anteriores: **logo, portanto, pois, por isso, por conseguinte, em decorrência etc.**

6. Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior: **porque, porquanto, já que, pois, que, visto que, como etc.**

7. Operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos, visando uma determinada conclusão: **mais...(do) que, menos...(do) que, tão...quanto.**

8. Operadores que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas: **ou...ou, quer...quer, seja...seja.**

9. Operadores que introduzem no enunciado conteúdos pressupostos: **já, ainda, agora.**

10. Operadores que funcionam numa escala orientada para a afirmação da totalidade: **um pouco, quase;** ou para a negação da totalidade: **pouco, apenas.**

Os operadores argumentativos englobam tanto o que a Gramática Tradicional chama de conectores quanto as locuções conjuntivas, adverbiais e prepositivas. Pauliukonis (2014) chama atenção para o uso dos conectores de oposição no texto argumentativo. Segundo a autora, esses elementos podem ser encontrados nas relações coordenativas, por meio das construções adversativas, e subordinativas, por meio das concessivas. Dentre os operadores argumentativos, ela destaca as nuances de sentido existentes em cada um deles.

- **Mas:** introduz argumento mais forte em oposição à ideia existente na oração de menor peso argumentativo.

- **Porém:** possui natureza restritiva menos forte, “[...] como se o locutor quisesse mostrar que algo é omitido e que a presença do conectivo permite uma correção do rumo do raciocínio conduzindo-o para uma outra conclusão [...]” (PAULIUKONIS, 2014, p.35-36).

- **No entanto:** aponta a coexistência de dois argumentos contrários e fortes. O argumento enunciado por esse operador argumentativo é o que é enfatizado.

- **Todavia, entretanto e contudo:** por terem origem em locuções adverbiais, possuem mobilidade sintática que permite ocuparem diversas posições no enunciado, possuindo valor de oposição quando em contato com ideias de valor concessivo.

- **Apesar de (que):** encaminha o enunciado para a confirmação de uma conclusão.
- **Por mais que, até mesmo:** “[...] marcam uma gradação e situam o argumento no topo de uma escala argumentativa que direciona o ouvinte/leitor para uma conclusão esperada [...]” (PAULIUKONIS, 2014, p.38).
- **Ainda que, mesmo que:** “[...] introduzem argumentos possíveis e com bastante peso argumentativo” (PAULIUKONIS, 2014, p.38).
- **Embora:** “[...] a depender de sua posição no enunciado, marca uma ideia secundária, mas cujo valor semântico o define como uma excelente estratégia argumentativa” (PAULIUKONIS, 2014,p.39).

É comum encontrar esses elementos linguísticos em diversos gêneros discursivos porque o seu uso está previsto na língua portuguesa. A necessidade está em fazer com que os usuários da língua se apropriem, de fato, desse uso, de modo a compreender a orientação argumentativa presente nos diferentes discursos.

Assim, o que se defende aqui é que o trabalho, em sala de aula, com operadores argumentativos a partir da leitura de diferentes gêneros discursivos, favorece a elaboração de pontos de vista do estudante e, conseqüentemente, sua capacidade de argumentar.

3 METODOLOGIA

Pode-se afirmar que o presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa. De acordo com Denzin e Lincoln (2006, p. 17), a pesquisa qualitativa pode ser definida como:

[...] atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

O ambiente de que trata essa pesquisa é uma sala de aula, em função disso acredita-se que a melhor forma de registrar as atividades (além dos vídeos e textos produzidos pelos alunos) seja a observação. Por meio dos registros de observação, a pesquisadora pode analisar os avanços e retrocessos que construirão, posteriormente, a discussão sobre os dados. Deste modo, foram realizados doze registros (em anexo) correspondendo a doze aulas. As observações foram registradas em forma de texto narrativo-descritivo, concomitante à aplicação das atividades.

Essa pesquisa também pode ser caracterizada como uma pesquisa intervencionista, uma vez que propõe soluções para problemas reais e, por isso, é denominada pesquisa-ação. Nas palavras de Tripp (2005, p. 447), “pesquisa-ação é uma forma de investigação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”. Isso quer dizer que ao realizar uma pesquisa-ação é preciso cumprir um ciclo em que se detecta um problema, planeja-se uma solução, aplica-se a solução ao problema, monitora-se o funcionamento da solução e avalia-se esse funcionamento na tentativa de, sempre, alcançar melhorias na prática (TRIPP, 2005).

Denzin e Lincoln (2006, p.102) estabelecem quatro pontos para descrever a pesquisa-ação, a saber:

1. A pesquisa-ação é uma investigação na qual há uma co-produção de conhecimentos entre os participantes e os pesquisadores por meio de processos comunicativos colaborativos nos quais todas as contribuições dos participantes são levadas a sério. Os significados construídos no processo de investigação conduzem à ação social, ou ainda essas reflexões sobre a ação levam à construção de novos significados.

2. A pesquisa-ação trata da diversidade de experiência e de capacidades dentro do grupo local como uma oportunidade para o enriquecimento do processo de pesquisa/ação.
3. A pesquisa-ação produz resultados válidos de pesquisa.
4. A pesquisa-ação concentra-se no contexto; seu objetivo é resolver problemas da vida real em seu contexto.

Assim, considera-se que a pesquisa-ação no âmbito educacional tem como objetivo promover mudanças na relação ensino-aprendizagem, de modo que o professor sempre esteja buscando melhorias em sua prática pedagógica para ampliar a eficácia do aprendizado de seu estudante; visto ser essa a razão primeira do Mestrado Profissional em Letras.

Para além disso, esta pesquisa – como indica o primeiro ponto da descrição de Denzin e Lincoln (2006) – pretende organizar um processo de co-produção de conhecimentos, cujas reflexões levem à mudança de comportamento social e construção de novos significados para as relações humanas.

3.1 Caracterização do ambiente educacional

Para alcançar possíveis respostas sobre a maneira de utilizar elementos linguísticos e de conteúdo pelo estudante, visando à articulação de ideias para a elaboração de pontos de vista sobre o empoderamento feminino, foi realizado um trabalho com uma das turmas de nono ano do ensino fundamental do CESGR, no município de Japaratuba/SE.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município fica na zona norte do estado, a 54km da capital sergipana, com uma população estimada em 16.864 habitantes, numa área de 364.899 km², tendo como principal fonte de renda a agroindústria.

Figura1 – Mapa de Japaratuba/SE



Fonte: Dados públicos.

Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-10.5374658,-37.037463,11z> Acesso em: 22 dez. 2017.

O CESGR foi fundado em 1943. Atualmente, o colégio oferta o ensino fundamental de primeiro ao nono ano e a educação de jovens e adultos nas modalidades: ensino fundamental e médio. Registrou, em 2018, 616 alunos matriculados.

O colégio apresenta a seguinte estrutura: dez salas de aula, sendo uma sala de recursos. Uma sala para a secretaria, conjugada à sala da direção. A sala destinada para uso dos professores também é o espaço destinado à biblioteca, uma vez que a sala específica para essa finalidade encontra-se interditada por falta de reparos; o laboratório de informática está desativado por falta de computadores; há uma cantina; os cinco banheiros estão distribuídos da seguinte maneira: dois para os estudantes, dois para a sala de recursos e um para os funcionários. Há, também, uma pequena quadra de esportes.

Em função do calendário para a entrega do projeto no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e da mudança anual de turmas no colégio, foi necessária a realização de um pré-teste a fim de estabelecer encaminhamentos para a pesquisa que foi, de fato, realizada com a turma de nono ano matriculada para o ano letivo de 2018, cujo início foi no dia 26 de fevereiro. A turma selecionada para a realização do pré-teste era composta por 21 alunos, sendo 09 do sexo masculino e 12 do feminino, com idade variando entre 14 e 16 anos. Todos residem na cidade, com a exceção de 04 alunos que moram em povoados pertencentes ao município. Tal turma foi escolhida pelo fato de ser a única de nono ano do colégio.

A turma em que a sequência de atividades foi realizada era composta por 19 estudantes, sendo 09 do sexo feminino e 10 do sexo masculino. Sete estudantes residem em povoados pertencentes ao município de Japaratuba e os demais, na cidade.

Para a realização da pesquisa, foi realizada uma reunião com os pais dos estudantes matriculados na turma de nono ano, no ano letivo de 2018. A eles, foi comunicado de que forma a investigação seria realizada, como seriam divulgados os dados e foi solicitado que aqueles que concordassem com a participação do estudante assinassem um termo de concessão de informação e imagem, em anexo, sendo obtidas dezenove assinaturas.

3.2 Etapas da Pesquisa

A pesquisa está dividida em quatro etapas: a construção do suporte teórico, a aplicação de um pré-teste, elaboração de uma sequência de atividades cujas análises possibilitaram, por fim, a produção de um vídeo para a formação de professores. A base teórica foi composta por uma pesquisa bibliográfica com o intuito de reunir referências sobre o empoderamento

feminino, a argumentação e a construção de pontos de vista, visando ao desenvolvimento do letramento crítico dos estudantes.

O pré-teste foi aplicado com o intuito de obter os conhecimentos prévios dos estudantes sobre operadores argumentativos e observar a maneira pela qual articulam suas ideias ao posicionarem-se sobre um tema polêmico.

Para tanto, os estudantes fizeram a leitura da crônica “Os namorados da filha”, de Moacyr Scliar. Cópias da crônica, produzidas pelo colégio, foram entregues aos estudantes para que a leitura fosse realizada de maneira compartilhada. Após essa etapa inicial, os estudantes, com a orientação da professora, fizeram uma discussão acerca dos pontos tratados na narrativa, com ênfase no comportamento da adolescente.

Na sequência, os estudantes responderam, individualmente, a um questionário acerca das ideias contidas no texto. Nele, constavam as perguntas:

- Quais são os personagens do texto?
- Qual o cenário em que a história acontece?
- Qual a temática principal do texto?
- Qual o objetivo deste texto?
- Qual a sua opinião sobre o comportamento da adolescente?
- Qual a sua opinião sobre o comportamento do pai em permitir que a filha durma com os namorados em casa?
- Se você tivesse uma filha, você faria o mesmo que o pai da personagem? E se fosse um filho? Por quê?
- Como seu pai, sua mãe ou o responsável por você agiria numa situação como esta? Por quê?

Os estudantes tiveram o tempo de uma aula para responderem ao questionário e relerem o texto, quando necessário. As respostas foram recolhidas pela professora e, posteriormente, analisadas para dar suporte à pesquisa aqui relatada.

Tendo como base essa análise, foi elaborada a sequência de atividades (descrita no tópico seguinte), de modo que servisse de instrumento pelo qual fosse possível proporcionar ao estudante oportunidades para exercer a argumentação por meio da construção de pontos de vista consistentes, utilizando operadores argumentativos. Deve-se ter em mente que um dos

objetivos da pesquisa é proporcionar ao estudante ampliar o uso de operadores argumentativos para articular ideias.

Ao final, como produto, foi construído um vídeo para contribuir com a formação de professores, na tentativa de orientá-los para o trabalho com argumentação e ponto de vista, no nono ano ou outra etapa do ensino fundamental, desde que realizadas as devidas adequações.

3.3 Sequência de atividades

Quadro1 – Sequência de Atividades

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES (Blocos)	OBJETIVO
Sondagem: Produção de Vídeo	Possibilitar que os estudantes expressem posicionamentos sobre determinada temática, bem como observar o uso dos operadores argumentativos no processo de elaboração e realização de um vídeo. (02 aulas)*
Primeiro bloco: Operadores argumentativos no texto.	Observar se os estudantes conseguem identificar os operadores argumentativos (conectivos) presentes no texto, que relações esses operadores estabelecem, bem como provocar a reflexão sobre o empoderamento feminino.(02 aulas)
Segundo bloco: Trabalhando com diferentes gêneros	Possibilitar ao estudante perceber o uso dos operadores argumentativos. Produção de comentário sobre o texto. (02 aulas)
Terceiro bloco: Operadores empoderados	Fazer com que o estudante compreenda os efeitos de sentido que os operadores argumentativos podem provocar na elaboração de um ponto de vista. (01 aulas)
Quarto bloco: Batom vermelho.	Produzir um mapa conceitual a partir da fala da <i>youtuber</i> Jout Jout, em vídeo, cujo título é batom vermelho. Compreender a elaboração de um roteiro de vídeo. (02 aulas)
Quinto bloco: Roteiro de vídeo.	Elaborar roteiro para a produção de um vídeo cuja temática é o empoderamento feminino. (01 aulas)
Sexto bloco: Mesa Redonda	Fazer com que os estudantes expressem, oralmente, pontos de vista sobre a temática do empoderamento feminino. (02 aulas)

Fonte: Dados da pesquisa.

*O número de aulas pode ser adaptado de acordo com a realidade da(o) docente.

Entende-se, como já foi dito, que uma sequência de atividades constitui um conjunto de exercícios elaborados sobre conteúdos de leitura ou escrita, de modo a promover a

aprendizagem em níveis progressivos (LERNER, 2002). De acordo com essa educadora, as sequências de atividades possibilitam trabalhar, em sala de aula, com diferentes gêneros textuais, diferentes obras de um mesmo autor ou diferentes textos sobre um mesmo tema. A ideia defendida nesta pesquisa é de que a análise de diferentes textos sobre uma mesma temática amplia o conhecimento de mundo do estudante e, conseqüentemente, promove a aprendizagem sobre os processos argumentativos, pois diferentes textos põem em questão diferentes aspectos sobre um mesmo assunto.

Assim, essa sequência de atividades, que passa a ser descrita, configura-se como um processo metodológico composto por: uma atividade de sondagem e seis atividades sequenciais, tendo como base o uso dos operadores argumentativos na elaboração de pontos de vista.

3.3.1 Sondagem

Como atividade de sondagem foi proposto aos estudantes que, em trio, produzissem um vídeo, utilizando seus aparelhos de telefone celular, com no máximo um minuto de duração, cuja temática estivesse voltada para aspectos da vida de uma adolescente. A escolha do conteúdo temático ficou a cargo do trio, podendo ser: relacionamentos amorosos, relações entre familiares, o cotidiano na escola etc.

O vídeo foi elaborado no colégio e a turma teve o tempo de uma aula para decidir sobre como fazer e quais posicionamentos assumir. No entanto, as gravações foram realizadas fora do ambiente escolar e enviadas para a professora por um aplicativo de mensagens instantâneas (*Whatsapp*).

Essa atividade teve como objetivo possibilitar que os estudantes expressassem posicionamentos sobre determinada temática, bem como observar o uso dos operadores argumentativos no processo de elaboração e realização do vídeo. Este ponto de partida foi estabelecido em função da proximidade dos estudantes com aparelhos digitais como o telefone celular, como forma de despertar o interesse e criar identificação, bem como pela necessidade de conhecer os usos que fazem dos recursos linguísticos.

Na aula seguinte, a professora compartilhou com a turma as gravações feitas utilizando para isto um *notebook* e a televisão do colégio. Nesse momento, a docente proporcionou uma troca de ideias entre os estudantes, para que pudessem partilhar as decisões tomadas e explicitar quais as dificuldades encontradas na realização da atividade.

3.3.2 Primeiro bloco de atividades: operadores argumentativos no texto.

Foi proposta aos estudantes a leitura da crônica “Os namorados da filha”, de Moacyr Scliar⁵, que narra a história de uma adolescente e seus namorados, pela ótica do pai. O texto foi entregue aos estudantes em cópias providenciadas pela professora. A turma realizou, em silêncio, a leitura durante trinta minutos. Em seguida, aconteceu a leitura compartilhada e a professora chamou a atenção dos estudantes para as características do gênero discursivo–crônica – e para a presença dos operadores argumentativos no texto.

Depois de realizada a leitura, os estudantes responderam, em folhas de caderno que, ao final, foram recolhidas, um questionário contendo as seguintes perguntas:

- 1- Que motivo levou o pai a exigir que a filha dormisse com o namorado em casa?
- 2- Que palavra o pai utiliza para iniciar sua exigência? Que relação esta palavra estabelece no texto?
- 3- Qual a razão para a filha aceitar a proposta do pai?
- 4- Qual o motivo/justificativa para o namorado ficar satisfeito com a condição imposta pelo sogro?
- 5- Que palavra do texto levou você a escolher a resposta anterior? Que relação ela estabelece dentro do texto?
- 6- Marque no texto o trecho em que o narrador apresenta provas sobre a falta de constância no comportamento da adolescente. Em seguida, explique a função destas palavras no texto.
- 7- A que conclusão o pai chega depois de desistir de memorizar os nomes dos namorados da filha?
- 8- Que palavra o narrador usa para expressar o pensamento do pai em relação a esta conclusão? Que relação ela estabelece no texto?
- 9- Qual a sua opinião sobre o comportamento da adolescente? Justifique.
- 10- O que você pensa sobre o pai permitir que a filha durma em casa com o namorado? Por quê?
- 11- Se você tivesse uma filha, você permitiria que ela dormisse em casa com o namorado? Por quê? E se fosse um filho?

⁵Trata-se de realizar com a nova turma de 2018 uma atividade pautada no pré-teste desenvolvido em 2017, com uma outra turma de 9º ano do ensino fundamental.

12- Como seu pai, sua mãe ou o(a) responsável por você agiria numa situação como essa?

As oito primeiras questões foram elaboradas para possibilitar a análise dos operadores argumentativos presentes no texto e das relações de sentido estabelecidas por eles, para saber se os estudantes são capazes de identificá-los. As quatro últimas questões foram criadas como forma de provocação, para conhecer os posicionamentos dos estudantes sobre empoderamento feminino a partir da avaliação que fazem do comportamento da adolescente. Os estudantes responderam às questões no tempo de uma aula. No fim, compartilharam suas respostas com a turma.

3.3.3 Segundo bloco de atividades: trabalhando com diferentes gêneros.

A turma foi dividida em grupos de, no máximo, cinco pessoas, em um total de quatro grupos⁶. Cada grupo recebeu um texto, por meio de sorteio, entre os selecionados e elencados a seguir.

- G01: Letra de música: “Respeita as mina”, da rapper Kell Smith. Os estudantes receberam a letra da música impressa e um envelope contendo operadores argumentativos em tiras de papel. A esse grupo coube construir um comentário sobre o tema da música, utilizando os operadores argumentativos recebidos. Ao final, o comentário foi publicado na página oficial da cantora na rede social *Facebook*.

- G02: Notícia: “Mulheres na engenharia: conquistas e desafios”, publicada no *site* do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Sergipe (CREA-SE). Os estudantes receberam o texto impresso e um envelope contendo operadores argumentativos em tiras de papel. Ao final, o grupo elaborou um comentário sobre assunto do texto, utilizando os operadores disponíveis no envelope e publicou na página da professora, na rede social *Facebook*, onde a matéria fora compartilhada, uma vez que o *site* do CREA-SE não permitiu a postagem do comentário.⁷

- G03: Artigo de opinião: “Mulheres no poder: um incômodo necessário”, escrito por Gleidy Braga Ribeiro, jornalista, publicado no *site TI Notícias*, em 2015. O grupo recebeu o material impresso e um envelope contendo operadores argumentativos em tiras de papel. Os estudantes elaboraram um comentário com base no posicionamento da autora e

⁶Esses números poderão sofrer alterações em função da realidade da turma em projetos futuros.

⁷Todas as postagens podem ser encontradas na página oficial do colégio na rede social *Facebook*:<https://www.facebook.com/senador.goncalorollemberg> ou na página pessoal da pesquisadora: <https://www.facebook.com/marcia.o.moura>

publicaram na página pessoal da professora, onde o artigo fora compartilhado, já que a página do colégio não permitiu a postagem.

- G04: Entrevista: “Mulher deve ser maternal e parar de culpar o homem”, entrevista realizada pela revista *Ilustrada*, pertencente ao jornal *Folha de São Paulo*, com Camille Paglia, ativista norte-americana, professora da Universidade da Filadélfia. O grupo recebeu a entrevista impressa e um envelope contendo operadores argumentativos. Os estudantes elaboraram um comentário a partir do posicionamento da entrevistada e postaram na página pessoal da professora, onde a entrevista fora compartilhada, pois a página do colégio não permitiu a postagem.

A turma realizou a atividade no tempo de uma aula. Na sequência, cada grupo apresentou suas observações sobre os textos, o que perceberam quanto ao uso dos operadores argumentativos e o posicionamento encontrado em cada texto. Cada grupo fez sua fala em cerca de cinco minutos.

3.3.4 Terceiro bloco de atividades: operadores empoderados

Essa atividade é uma atividade lúdica criada pela professora como forma de despertar interesse sobre a temática a partir de imagens, uma vez que o universo tecnológico com o qual a maioria dos estudantes está habituada, principalmente as redes sociais, está repleto delas. Além disso, possibilitar ao estudante comentar sobre o que se vê na rede e elaborar comentários a partir de imagem relacionada ao empoderamento feminino é uma maneira de ampliar o conhecimento dele sobre que recursos linguísticos podem ser acionados para construir um ponto de vista consistente e bem articulado.

Assim sendo, a professora pôs duas pilhas de envelopes em cima da mesa e solicitou que a turma se organizasse nos mesmos grupos de trabalho das aulas anteriores. Pediu que cada grupo escolhesse um representante para ir à frente. Cada estudante pegou um envelope de cada pilha. A professora deu aos estudantes a possibilidade de troca de envelopes entre eles, sem olhar o conteúdo.

Um dos envelopes continha uma imagem. No outro, operadores argumentativos (num total de sete) escolhidos de forma aleatória. Cada grupo teve dez minutos para elaborar um comentário associado à imagem, utilizando os operadores argumentativos que estavam no envelope.

Depois deste tempo, os grupos socializaram seus comentários, bem como a imagem a que eles se referiam. Ao final, a turma escolheu o comentário mais pertinente, levando em conta os seguintes critérios:

- Tratar da temática do empoderamento feminino enquanto busca pela igualdade de gênero.
- Romper com o silenciamento da voz feminina.
- Questionar as relações de poder baseadas nas diferenças de gênero.

3.3.5 Quarto bloco de atividades: batom vermelho

Foi apresentado aos alunos o vídeo da *youtuber* Jout Jout cujo título é: Não tire este batom vermelho⁸. Após assistirem ao vídeo, os alunos, em grupo, receberam a transcrição da fala de Jout Jout e cartolinas em branco, em que foi solicitado que escrevessem os títulos: Fato, Questão, Posição do Autor/Argumentos, Posição Contrária a do Autor/Argumentos. Com as cartolinas, os alunos receberam, em uma folha de papel, um pequeno glossário explicando cada um dos termos.

Os grupos preencheram as cartolinas de modo a produzir um mapa conceitual da fala de forma coletiva e com auxílio da professora. Foi solicitado aos grupos que destacassem com cores diferentes os operadores argumentativos utilizados pela *youtuber*.

Após a atividade, a professora, a partir da produção dos alunos, mostrou de que forma pode ser elaborado um roteiro de vídeo de modo a posicionar-se sobre determinado tema. Para esta atividade, foi utilizado o tempo de uma aula.

3.3.6 Quinto bloco de atividades: roteiro de vídeo

Os estudantes receberam, em folha de papel, um modelo de roteiro para vídeo. Abaixo, o modelo a ser utilizado:

Quadro 2 – Modelo de roteiro para vídeo

ETAPAS CONSTITUTIVAS	
1. Chamar atenção	Chamar a atenção do público para a questão.
2. Identificar a questão	Qual é a questão de que você está tratando?

⁸Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=I-3ocjJTPHg&t=13s>.

3. Explicar a questão	Pesquisar informações sobre o assunto e explicá-lo para o público do que se trata.
4. Opinião e posição sobre a questão.	O que o grupo pensa sobre esta questão?
5. Motivos de sua opinião	Quais as razões que me levam a pensar dessa maneira?

Fonte: Dados da pesquisa.

Então, foi solicitado que produzissem um roteiro de vídeo, argumentando sobre o empoderamento feminino. Os grupos foram orientados a utilizarem os operadores argumentativos que aprenderam em momentos anteriores. Sobre a atividade de produção textual em grupo, Lerner (2002, p. 63) esclarece que “escrever com os outros obriga a debater, para que sejam tomadas decisões consensuais [...] e questões que poderiam permanecer implícitas quando se escreve solitariamente constituem-se em objetos de reflexão”.

O roteiro produzido pelos grupos passou pelas etapas de escrita e re-escrita, com a orientação da professora. A versão final foi a base para o vídeo que cada grupo gravou sobre a temática do empoderamento feminino e o papel da mulher na sociedade. Os estudantes tiveram o tempo de uma aula para produzirem o roteiro. O vídeo pôde ser gravado fora do ambiente escolar. Em função de alguns imprevistos, como a greve dos caminhoneiros, a ausência dos transportes escolares e a conseqüente alteração no calendário de avaliações do colégio, o tempo para o envio dos vídeos produzidos foi de um mês. Os estudantes enviaram os vídeos para a professora por meio do aplicativo de mensagens instantâneas, *Whatsapp*. Na aula seguinte ao envio dos vídeos, a professora os exibiu para a turma para que pudessem analisar os pontos de vistas expostos e as relações de sentido provocadas pelos operadores argumentativos utilizados e, para isso, fez uso da televisão da escola e de um *pendrive*.

Os vídeos produzidos pelos estudantes foram postados na página do colégio na rede social *Facebook* – como forma de convidar a comunidade escolar para a participação nas mesas temáticas elaboradas pela turma.

3.3.7 Sexto bloco de atividades: Mesa temática

As mesas foram compostas por 4 a 5 estudantes. Cada um teve cinco minutos para falar sobre o tema, apresentando pontos de vista diversos e, em seguida, foi aberta a discussão. As mesas foram realizadas de modo que as demais turmas do colégio e professores

pudessem participar. Assim, os estudantes escolheram os temas para as mesas e o público para quem apresentaram:

- A participação da mulher no esporte – turmas do sexto ano.
- A presença da mulher no mercado de trabalho – turmas do sexto e sétimo ano.
- Sexualidade feminina – turmas do sétimo ano.
- Violência doméstica – turmas do oitavo ano.
- Relacionamentos abusivos – turmas do oitavo ano.

As mesas foram filmadas com o intuito de possibilitar maior precisão na análise dos pontos de vista dos alunos do nono ano.

3.4 Vídeo para a formação de professores

Após a realização dessa sequência de atividades, como produto final da pesquisa, foi elaborado um vídeo com o objetivo de compartilhar o processo de execução com outros professores que porventura desejem trabalhar argumentação e ponto de vista, em sala de aula, com a temática do empoderamento feminino ou outro tema polêmico, fazendo as devidas adequações.

O uso de vídeos na formação de professores não é uma novidade. A tentativa mais conhecida seja, talvez, a TV Escola. De acordo com Bonifácio (2015, p.36), a TV Escola teve seu início em 1996 com o objetivo de “apoiar e capacitar os professores da educação básica no manuseio e produção de material midiático como ferramenta que auxiliava o processo de ensino e também a formação continuada do profissional da educação”.

A ideia defendida na época era a de fazer com que o professor compreendesse que a televisão “quando bem usada, pode-se tornar um instrumento capaz de modificar pensamentos, pode ser um instrumento que nos convida a agir e a aprender continuamente” (BONIFÁCIO, 2015, p.36).

Aqui, defende-se que o mesmo pode se aplicar à internet. O processo de ensino-aprendizagem, no ambiente digital, é chamado por Bruno (2009) de didática *online*. Definido como “processo de formação das relações humanas em ambientes digitais que são co-construídas por meio das relações didáticas, ou seja, relações entre os sujeitos (ou atores) sociais envolvidos no processo educativo: educador e educando” (BRUNO, 2009 p.101). Ao elaborar material para ficar disponível em rede, para a formação do professor, é preciso mostrar que o docente não está sozinho, que há uma relação interativa, acolhedora, capaz de

provocar a criatividade e a criticidade (BRUNO, 2009 p. 111-112) ainda que mediada pelo computador ou outro meio eletrônico.

Belloni (2003, p.289) destaca que “o computador aparece como máquina de trabalhar e de pensar, instrumento indispensável para a produção e transmissão do saber”.De acordo com Bruno (2009, p.107), essa “interação *online* deve promover um entrelaçamento entre os sujeitos aprendentes para que um novo conhecimento se constitua [...] e, por conseguinte, faça-se uma mudança significativa nos sujeitos [...]”. Acredita-se que instrumentalizar o professor, via internet, para que ele possa refletir sobre sua prática é um modo de alcançar mudanças reais no cotidiano em sala de aula.

Nesta pesquisa, ao criar material para a formação de professores, teve-se em mente o processo de aprendizagem do adulto, que tem especificidades. Segundo Bruno (2009, p.104), “no processo de aprendizagem do adulto, são as experiências vividas, ancoradas pelo referencial histórico construído e pelas inter-relações com o meio, que nos permitem incorporar, reformular e criticar conceitos, associá-los e colocá-los em prática.”

Desta maneira, o vídeo produzido tem relação direta com a atividade docente e com um tema atual, de modo a provocar identificação entre a pesquisadora e a (o) docente, que poderá perceber proximidades entre as realidades de sala de aula para, então, ponderar sobre o seu ofício e atentar para as sugestões compartilhadas.

No entanto, é preciso saber que ter acesso a vídeos para a formação de professores, baixá-los para depois assisti-los, como diz Bonifácio (2015, p.37), “não é garantia de um bom uso pedagógico”. O professor deve fazer do material disponível um objeto de estudo. Esse tipo de procedimento é facilitado pela internet. Belloni (2003, p.291) dá o nome de aprendizagem aberta àquela que “ênfatiza mais a adequabilidade de um processo de educação mais autônomo e flexível, de maior acessibilidade aos estudantes”.

Pensando nisso e sabendo que o cotidiano do professor brasileiro é repleto de tarefas que lhe tomam o tempo, o vídeo a ser produzido estará disponível em um canal criado no *Youtube*. Essa disponibilidade permitirá que o professor tenha acesso ao material por meio de qualquer dispositivo digital móvel que tenha acesso à internet, o que ampliará o alcance da produção dessa pesquisa.

O material estará dividido em três vídeos. No primeiro, constarão as quatro primeiras atividades da sequência;no segundo vídeo, as outras três; e o terceiro vídeo é um tutorial para auxiliar a (o) docente na execução das atividades. Essa divisão é pertinente, pois permitirá melhor gestão do tempo para assistir, bem como dará a possibilidade de escolha sobre qual

etapa colocar em prática, já que a primeira etapa será uma preparação para a segunda. No entanto, não há obrigatoriedade em realizar as duas.

Sabendo da responsabilidade que é compartilhar conhecimentos na rede, a pesquisadora elaborou o roteiro do vídeo, mas contou como auxílio para a produção.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Para maior compreensão dos dados obtidos na aplicação da sequência de atividades, a análise será feita seguindo os tópicos apresentados na metodologia. Os nomes dos estudantes foram mantidos em sigilo sendo representados por letras aleatórias.

4.1 Sondagem

Foi solicitado aos alunos que produzissem um vídeo de, no máximo, um minuto cuja temática fosse o cotidiano de uma adolescente. Os vídeos foram produzidos em trios. A ideia inicial era que os vídeos fossem gravados no colégio, no entanto, por solicitação dos estudantes, foi permitido que os mesmos fossem gravados fora do ambiente escolar. As gravações foram enviadas para a professora por meio do aplicativo *Whatsapp*.

Foram obtidas quatro gravações (transcritas e registradas nos anexos deste relatório), sendo uma em formato de montagem com imagens e legendas e quatro no formato de depoimentos. A montagem é uma narrativa que conta a história de uma adolescente de 17 anos dentro de um relacionamento abusivo. Um depoimento traz uma adolescente descrevendo o seu cotidiano e outros dois depoimentos tratam dos problemas enfrentados pelas adolescentes quanto ao assédio e aos julgamentos sociais.

A gravação no formato de montagem não possui muitas estruturas argumentativas, restringindo o uso dos operadores a: e, mas, então. O primeiro depoimento gira em torno de justificativas para o cotidiano, apresentando relações de causa e consequência ou explicações, como em: “Na escola, tô péssima por causa de mau companhia. Agora, tô sofrendo as consequências nas notas.” (X, 16 anos).

O segundo vídeo apresenta assertivas sobre o assédio que as adolescentes sofrem relacionado às roupas que usam, como se pode observar em: “A roupa que usamos não te mostra quem somos.” (E, 15 anos) E apresenta uma série de atitudes que não justificam o assédio, fazendo, para isso, uso do operador argumentativo “mesmo assim” que leva a interpretação para uma conclusão contrária: “Não importa o lugar. Não importa o momento. Não importa a largura ou o tamanho da minha roupa. Posso andar de vestido, de um jeito que ninguém note mesmo assim eu vou chamar a atenção de um adulto”.

É interessante notar que para este trio o problema está em chamar a atenção de um homem adulto. A escolha pelo pronome indefinido “ninguém” pode mostrar que há uma concordância implícita em atrair os olhares de um rapaz da mesma idade. Quem seria este “ninguém” que não a nota? As outras meninas? As mulheres adultas? Os meninos? Ser notada por estes parece não ser um problema.

O terceiro depoimento estabelece paralelos entre as atitudes das adolescentes e como são interpretadas, concluindo que as meninas são sempre julgadas. “Se aumentamos o tom, não temos modos. Se colocamos saia curta ou colada, queremos aparecer. Nunca tivemos o direito de ser nós mesmas sem um pré-julgamento ou ofensa do outro lado.” Ao estabelecer estes paralelos, os estudantes determinam o lugar de fala de uma adolescente. Ela é aquela que independentemente do que faça, será julgada. Esta é uma ideia que ronda o universo feminino, como demonstrou Spivak (2010). E é, também, uma estratégia argumentativa ao contrapor óticas diferentes sobre uma mesma questão.

Deste modo, pode-se afirmar que o objetivo desta atividade foi alcançado, uma vez que os estudantes expressaram posicionamentos sobre o cotidiano de uma adolescente e, para isso, fizeram uso de operadores argumentativos e de estratégias de argumentação. Contudo, foi possível perceber que o repertório argumentativo dos estudantes, nesta etapa, era limitado, compondo-se, basicamente, por justificativas e oposições.

4.2 Operadores argumentativos no texto

Nesta atividade, os estudantes leram a crônica “Os namorados da filha”, de Moacyr Scliar, e responderam a um questionário sobre o comportamento das personagens e o uso dos operadores argumentativos para a produção de sentido. Dezoito estudantes responderam ao questionário⁹. A crônica trata do relacionamento da filha com os seus sucessivos namorados, a partir da ótica do pai.

Pode-se afirmar que o objetivo da atividade foi alcançado, já que foi possível observar que os estudantes conseguem identificar os operadores argumentativos no texto, como se vê na resposta dada pela estudante C.(15anos): “Mas. De condição”. A estudante conseguiu perceber que na expressão “A moça podia dormir com o namorado. – Mas, aqui em casa.” (SCLIAR, 2006, p. 205) a palavra “mas” estabelece uma relação de sentido de condição. Dos 18 estudantes, metade conseguiu chegar a esta conclusão.

Quanto à temática do empoderamento feminino, infere-se que houve reflexão sobre o assunto, uma vez que a turma pôde questionar tanto as atitudes da adolescente quanto as do pai dela, bem como as suas próprias atitudes diante de casos como este. Por isso, como defende Rabatel (2016), por meio das respostas dos estudantes pôde-se notar seus pontos de vista quanto ao tema, uma vez que o PDV é definido como a forma pela qual o sujeito se coloca diante do mundo por meio dos seus ditos.

⁹As respostas dos estudantes encontram-se nos anexos deste relatório. As identidades foram preservadas e, portanto, estão representadas por pares de letras aleatórias.

Assim, respostas como: “Bem uma pessoa que a cada domingo troca de namorado é simplesmente uma puta rodada.” (SD. 14 anos) “Diferente porque não é normal um pai aceitar que sua filha chegue em casa com um namorado diferente ou quer dizer que a filha não sabe ficar sem namorado.” (JD.18 anos) permitem afirmar que há marcas sociais e históricas nos enunciados dos estudantes, formadas pela ordem discursiva legitimada por instituições como a família, a religião e a escola que endossam essas formas expressivas. Há uma concordância entre o que é dito e o que é posto socialmente, o que reforça o conceito de coenunciação dado por Rabatel (2016).

Em outros ditos, percebe-se a presença do que o autor citado anteriormente chama de concordância discordante. Em que há um acordo tácito sobre algo, no entanto, este não é total, como em: “Se fosse um namorado e que estivesse com ela a muito tempo eu diria que era normal. Mas, com um a cada domingo já é muita liberdade para uma adolescente que pode até ficar mal falada em sua cidade”(SD. 14anos). Aqui, a estudante concorda com a ideia de uma menina dormir em casa com o namorado.

A discordância surge quanto à constância das relações. O problema não é dormir com o namorado, mas a fluidez das relações que confere o status de liberdade intensificada pelo advérbio “muita”. O que configuraria, neste caso, a ausência de liberdade? Uma relação estável? Ou pouca liberdade é dormir na casa dos pais com um namorado de longa data? Todas essas questões podem ser respondidas por meio dos discursos reproduzidos pelos estudantes.

Prova disto é a expressão “até” utilizada como consequência para as atitudes da personagem. “Pode até ficar falada” (SD. 14 anos) demonstra uma escala que vai do ponto em que a menina não fica falada ao em que fica, e dentro desse espectro estão uma infinidade de comportamentos que podem ser aceitos ou não. Pode-se estabelecer um paralelo, então, em que a relação estável permite a mulher não ser assunto na cidade ao passo que a troca de parceiros lhe confere liberdade e pauta de conversas. É mais uma prova de que analisar as respostas dos estudantes permite compreender sua forma de ver o mundo.

Todavia, nessa atividade, ainda há pouca variedade nas respostas dos estudantes quanto ao uso dos operadores argumentativos. Por essa razão, é interessante que, antes dessa tarefa, o(a) professor(a) reforce para sua turma o repertório de operadores da língua portuguesa, bem como que relações de sentido seu uso pode provocar.

É importante discutir, aqui, as escolhas lexicais dos estudantes para fazer referência à personagem e à atividade sexual. Em seis respostas, de estudantes do sexo feminino, a

adolescente é denominada: puta, quenga, rodada, qualquer, prostituta, o que mostra que o pensamento machista não é exclusividade do sexo masculino como mostra Bandeira (2017). Ao passo que a ideia da mulher praticando atividade sexual é vista por estudantes do sexo feminino (2) ou masculino (3) como algo ruim, pior, perigoso, desagradável e inseguro. Pode-se afirmar, então, que, neste caso, para meninos e meninas a sexualidade feminina é algo que não deve ser exercido e por isso a mulher precisa ser vigiada.

Pode ser interessante, para o(a) professor(a) observar as diferenças entre o que é falado e o que é escrito pelos sujeitos, levar para a sala de aula as respostas dos estudantes de modo que possam ser discutidos temas como liberdade da mulher e igualdade de direitos. Deste modo, afirma-se que a realização desta atividade foi eficaz para os propósitos desta pesquisa.

4.3 Trabalhando com diferentes gêneros

Para esta atividade, foi solicitado que a turma se dividisse em grupos de quatro a cinco pessoas. Foram constituídos quatro grupos, dois compostos por quatro estudantes e dois por cinco. Aqui, os grupos serão denominados G1, G2, G3 e G4¹⁰. Cada grupo recebeu material xerocado contendo gêneros discursivos diferentes que tratavam do tema empoderamento feminino.

Assim, o G1 ficou com a letra de música intitulada “Respeita as mina”, da *rapper* Kell Smith. O G2 com uma notícia cujo título é “Mulheres na Engenharia: conquistas e desafios.”, disponível no *site* do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Sergipe. O G3 com um artigo de opinião escrito pela jornalista Gleidy Braga Ribeiro intitulado “Mulheres no poder: um incômodo necessário.” e o G4 ficou com uma entrevista realizada pela revista *Ilustrada*, do jornal Folha de São Paulo, com a ativista norte-americana Camille Paglia, cuja chamada é: “Mulher deve ser maternal e parar de culpar o homem.”

O objetivo da atividade foi perceber o uso de operadores argumentativos em um texto e construir comentários, utilizando operadores, entregues em envelopes, para postar no meio em que os materiais foram disponibilizados: rede social *Facebook*.¹¹ A turma realizou a tarefa no tempo de duas aulas. Pôde-se observar resistência por parte de alguns estudantes quanto à leitura dos textos, uma vez que questionaram a professora sobre a necessidade de ler todo o material. Da mesma forma, questionaram sobre a obrigatoriedade do uso dos operadores recebidos.

¹⁰Todos os comentários elaborados pelos grupos assim denominados encontram-se nos anexos deste relatório.

¹¹ Página oficial do colégio: <https://www.facebook.com/senador.goncalorollemborg>

De maneira geral, os operadores argumentativos utilizados pelos grupos foram: porque – para realizar justificativas; mas/porém/no entanto/embora – para relações de oposição; então – para conclusões relacionadas a enunciados anteriores.

O G1 construiu seu comentário a partir de justificativas para concordar com a letra da música, como se pode observar em: “Concordo porque não importa o que a mulher está vestida, ela deve ser respeitada sempre.” Deste modo, pode-se afirmar que há uma concordância entre o dito na música e o comentário dos alunos, justificado pela ideia de que “mulher é para ser respeitada e não julgada”.

O G2 retomou o tema da notícia lida e elaborou seu comentário por meio de questionamentos, como em: “Então, quer dizer que só por ser mulher tenho que ser desvalorizada? Tenho que continuar sofrendo com o machismo em pleno século XXI?” Ao questionar a relação entre gênero e desvalorização bem como o machismo, os estudantes admitem a existência dessas questões, o que corrobora a ideia de que um dito é composto por diversas vozes.

O G3 não utilizou operadores argumentativos ao elaborar seu comentário, apenas apresentou o pensamento de que as mulheres devem “continuar lutando por uma sociedade mais justa e igualitária entre homens e mulheres”.

O G4 estruturou seu comentário como uma descrição do texto lido, apresentando as principais ideias defendidas pela entrevistada. Fez uso de perguntas como recurso argumentativo, como se pode ver em: “Então, somos doentes só porque queremos igualdade ou exigimos respeito?” E utilizou citação como argumento para pensamento contrário: “Ela diz que é 100% feminista, no entanto, afirma que ‘mulher deve ser maternal e parar de culpar o homem. [...] muitos dos comportamentos machistas, arrogantes e estúpidos são formas tortas do homem dizer que não está sob o poder da mulher.’” O uso do operador “no entanto” mostra que, para este grupo, a entrevistada não é feminista. Isso deixa evidente a discordância entre o pensamento da entrevistada e o do grupo.

Desse modo, pode-se dizer que a realização desta atividade alcançou seus objetivos. Os estudantes puderam ver o uso dos operadores argumentativos no texto e, a partir da leitura, elaborar comentários. Entretanto, o resultado da atividade não foi mais eficiente em função das dificuldades de leitura da turma bem como do pouco tempo disponível para realizar leitura crítica. Tais dificuldades se referiam ao vocabulário, bem como ao tamanho dos textos (alguns estudantes se recusaram a ler todo o material), sendo necessárias várias intervenções da professora, como se pode ver nos registros de observação 05 e 06.

No que os estudantes elaboraram, é interessante notar que para além dos operadores argumentativos que já possuem o hábito de utilizar, dois grupos fizeram uso de perguntas como recurso argumentativo. Levantar questionamentos para argumentar é problematizar o que está posto, como defende Meyer (1998). Um dos grupos utilizou a citação como instrumento de argumentação, quando o enunciado do outro é utilizado para refutar ou ratificar a ideia que se está defendendo.

Ao comparar os dados desta atividade com os dados da atividade de sondagem, chega-se à conclusão de que o repertório argumentativo do estudante foi ampliado, ainda que de forma reduzida.

Ao aplicar a sequência de atividades, a(o) docente pode fazer desta a etapa final, uma vez que, por meio dos comentários elaborados, ela (ele) pode avaliar como os estudantes estão fazendo uso dos recursos argumentativos (linguísticos e discursivos) e determinar a necessidade de realização ou não de mais alguma etapa.

4.4 Operadores empoderados

Para esta atividade, a turma foi organizada mantendo os mesmos grupos da etapa anterior. O objetivo era que, por meio de atividade lúdica, os estudantes compreendessem os efeitos de sentido provocados pelo uso dos operadores argumentativos ao elaborar comentários sobre imagens referentes a situações de empoderamento feminino.

Cada grupo recebeu dois envelopes (para aguçar a curiosidade dos estudantes, é interessante que os envelopes sejam de cores diferentes) sorteados por eles. Um dos envelopes continha uma imagem¹² e, no outro, operadores argumentativos selecionados aleatoriamente. Para construir o comentário, o grupo teve que seguir os seguintes critérios: tratar da temática do empoderamento feminino enquanto busca pela igualdade de gênero; romper com o silenciamento da voz feminina e questionar as relações de poder baseadas nas diferenças de gênero.

Ao final da atividade, a turma escolheu o melhor comentário levando em conta os critérios pontuados anteriormente. É bom que a (o) professora (or) pense em algum tipo de premiação para o grupo que elaborou o melhor comentário, no entanto, os demais grupos também devem ser recompensados para não fomentar situação de disputa e promover o reconhecimento do envolvimento de todos. Nesta pesquisa, o grupo que mais se aproximou

¹²As imagens escolhidas para esta atividade estão nos apêndices.

dos critérios ganhou uma caixa de bombons e os demais estudantes ganharam um bombom cada.

Pode-se afirmar que durante esta etapa, os estudantes permanecem utilizando os operadores argumentativos que já lhes são familiares: porque; já que; e não; pois; logo; não só/mas também. O G1 e o G3 elaboraram comentários por meio de assertivas sobre as imagens recebidas, como se observa em: “Ela quer dizer que consegue fazer coisas que o homem faz porque ela é forte e tem força, ou seja, é capaz de fazer” (G1); “Essa mulher faz um papel importante em nosso futebol feminino, pois ela representa que não só o homem pode jogar futebol. Logo, ela luta pelos direitos iguais no campo de futebol.” (G3)

Os dois grupos limitam seu argumento a justificativas. O G3 escolheu um operador (uma conjunção conclusiva) que leva à interpretação de que se uma mulher joga futebol, então, ela luta por direitos iguais, no entanto, o advérbio de lugar “no campo de futebol” sugere, talvez, que esta luta seja restrita. O que remete à ideia de Spivak (2010) de que à mulher não é dado o direito de fala e quando o é este espaço de fala é determinado pelas relações de domínio do patriarcado. A jogadora pode lutar por direitos iguais desde que se mantenha restrita ao seu campo de atuação.

O G2 e o G4 construíram comentários utilizando questionamentos como recursos argumentativos: “Apenas porque ela se casou quer dizer que tenha que entrar num relacionamento abusivo? Que tenha que se submeter a todas as humilhações e coisas que o homem quer que ela faça? (G2). É interessante notar que o G2 associou o casamento a um relacionamento abusivo. A imagem recebida por este grupo continha uma mulher vestida de noiva lavando os pés de um homem vestido de terno. Poderia ser um ritual religioso de alguma cultura. O homem de terno poderia ser o pai e não o marido. A forma pela qual o grupo interpretou a imagem e construiu seu argumento – “Ela é sua mulher e não seu objeto” – revela a presença de um discurso social que vem sendo disseminado, principalmente, entre os mais jovens. Essa inserção da voz social no discurso dos estudantes corrobora o pensamento de Rabatel (2016) quanto ao conceito de concordância concordante.

O G4 faz um movimento discursivo parecido ao dizer que: “Por que elas não poderiam ocupar cargos superiores em empresas como os homens? Já que um homem pode comandar uma empresa por que não as mulheres? [...] Nós provamos sermos totalmente o contrário do que eles dizem ao ocuparmos cargos superiores”. O grupo questiona o que é dito sobre as mulheres - “dizem que não temos a mesma capacidade”- e defendem que ao ocupar os mesmos espaços elas desconstruem este discurso.

O movimento de questionar o que está posto ainda que haja concordância com o fato de que há sim diferenciação, no mercado de trabalho, entre homens e mulheres, prova o pensamento de Meyer (1982) quando diz que questionar é argumentar, pois, quando se coloca algo em questão o objetivo é que a resposta encontrada seja uma verdade interpretada pelo outro como inquestionável: as mulheres podem ocupar os mesmos espaços que os homens porque ambos possuem a mesma capacidade.

Todas as imagens analisadas pelos estudantes estão nos anexos desse relatório.

Pode-se afirmar, então, que esta atividade alcançou seu objetivo, uma vez que ao fazer escolhas para o uso de operadores argumentativos é necessário reconhecer suas relações de sentido. No entanto, de maneira geral, admite-se que tal uso é ainda limitado e os recursos argumentativos pouco elaborados. Como explicação, tem-se que, de fato, para esta turma, esta foi a primeira vez que realizaram este tipo de atividade. Deste modo, pode ser mais eficiente que o professor elabore atividades semelhantes a esta, ofereça recursos para interpretação de imagens e aplique em diferentes momentos da sequência de atividades, já que, como momento lúdico, ela pode ser utilizada como meio ou um fim para alcançar objetivos pedagógicos.

4.5 Batom vermelho

Para esta atividade, os estudantes assistiram ao vídeo da *youtuber* Jout Jout, intitulado “Não tire o batom vermelho”, com o objetivo de construir, com o auxílio da professora, um mapa conceitual da fala da *youtuber* utilizando, para isto, cartolinas, bem como compreender o processo de elaboração de um roteiro de vídeo.

Cada grupo, mantida a organização das atividades anteriores, recebeu uma cartolina e um glossário com os termos: fato, questão, posição do autor, argumentos que comprovam a posição do autor, posição contrária a do autor e argumentos que comprovam a posição contrária do autor. Com as cartolinas e o glossário, os grupos receberam canetas coloridas.

Todos os grupos conseguiram detectar sobre qual fato o vídeo trata, bem como o que o discurso da *youtuber* questiona, como se pode ver em: “Ela questiona as atitudes abusivas dos homens” (G3). Dos quatro grupos, apenas um apontou corretamente a posição de Jout Jout: “Nenhuma mulher deveria se relacionar com homens que tenham comportamentos abusivos” (G4). Os demais grupos colocaram como a posição do autor a ideia de que mulheres não precisam de homens para serem felizes, com exceção do G1 que apontou como posição do autor a sentença: “É uma coisa muito recorrente, mas você não sabe que está em um

relacionamento abusivo. Uma parte de você sabe, mas você meio que não sabe ao mesmo tempo.” Afirma-se, então, que G2 e G3 tangenciaram a temática no que se refere à posição do autor, uma vez que há relação entre os relacionamentos abusivos e a crença de que uma mulher não pode ser feliz sozinha, ao passo que G1 afastou-se, completamente, do tema.

Quanto aos argumentos que comprovam a posição do autor, dos quatro grupos, três encontraram argumentos de forma coerente. O G1, para comprovar que as mulheres não têm consciência de que estão em um relacionamento abusivo, encontrou o seguinte enunciado: “Não existe só relacionamento abusivo com homem, com mulher. Homem sendo escroto, mulher sendo coitada. Pode ser o contrário também ou pode ser mulher com mulher ou homem com homem”. Como se pode observar, não há coerência entre a posição do autor dada pelo grupo e o argumento selecionado.

O G2 e o G3, para comprovar que mulheres não precisam de homens para serem felizes, apontaram as seguintes sentenças: “Não pode ficar feliz sozinha. Tem que ficar feliz com ele só. Como pode uma coisa dessas?” (G2); “Você vai ficar sozinha para sempre. Isso não é verdade” (G3). É interessante notar que o G2 mostra um recurso argumentativo que apareceu anteriormente em outras etapas: o questionamento. O G3 parte da ideia de que a mulher não precisa de homem para ser feliz porque ela tem o poder de escolha entre permanecer feliz sozinha ou ser feliz com alguém.

Para comprovar o pensamento de que nenhuma mulher deve se relacionar com homens abusivos, o G4 encontrou o seguinte argumento: “Você fica presa sendo manipulada, achando que você tem que estar ali porque é sua última opção. Isso não é verdade”. A coerência na escolha do argumento está no fato de que a mulher não deve manter um relacionamento abusivo porque ele é uma manipulação.

Quanto ao posicionamento contrário ao da *youtuber*, dos quatro grupos, três conseguiram apontar o que seria o discurso do homem abusivo, como se pode ver em: “Se você perder aquele ali, você não vai conseguir mais ninguém” (G2). O G1 não completou o espaço referente à posição contrária do autor.

Para comprovar o pensamento contrário ao de Jout Jout, dos quatro grupos, dois conseguiram encontrar argumentos de forma coerente: “Ele faz você achar que só ele irá te amar, você nunca vai encontrar alguém que goste de você” (G3) e “Então, você tem que ficar pianinho porque se você perder aquele ali, nunca mais vai conseguir ninguém” (G4). Os dois grupos conseguiram apontar na fala da *youtuber* argumentos utilizados por homens que se

comportam de maneira abusiva. Imagens com os mapas conceituais construídos pelos estudantes, em cartolinas, estão nos anexos desse relatório.

Assim, pode-se afirmar que a realização desta atividade conseguiu alcançar de forma parcial os seus objetivos. Os estudantes conseguiram, de forma sistemática, perceber que para gravar um vídeo para a plataforma *Youtube* é preciso organização, no entanto, mesmo com a intervenção da professora, o mapa conceitual da fala da *youtuber* se mostra incompleto, ainda que a maioria dos grupos tenha conseguido detectar diferentes vozes no discurso apresentado no vídeo.

Por fim, foi possível perceber a importância de o professor reforçar, em outras atividades, os conceitos de posicionamentos e argumentos.

4.6 Roteiros e vídeos

Nas atividades reunidas nesta parte, os estudantes, organizados em quatro grupos, receberam um modelo de roteiro de vídeo (apresentado anteriormente na metodologia deste relatório) para que pudessem elaborar um roteiro para gravação de um vídeo de até cinco minutos sobre empoderamento feminino, a ser compartilhado na página oficial do colégio na rede social *Facebook*.

Assim, foram elaborados quatro roteiros correspondendo a quatro vídeos¹³. Ao elaborar o roteiro, o G1 utilizou operador argumentativo orientado para uma mesma conclusão como: não só/mas também; e para conclusões contrárias como: mas sim; defendendo a ideia de que “as mulheres não foram feitas para serem capachos de homens, mas sim, para serem empoderadas”.

Apesar de não seguir o modelo de roteiro que lhes foi entregue, o G1 consegue chamar a atenção para questões que afetam a mulher em sociedade: “se ela trabalha fora de casa, recebe menos do que o previsto e não o esperado.”; “nenhuma mulher precisa ser inferior ao homem só pelo fato de ser mulher”.

Ao expressar sentenças como estas, o grupo mostra ter ciência sobre as diferenças no mercado de trabalho pautadas no gênero. Há um movimento discursivo concretizado pelo uso do pronome “nenhuma” e da negativa “não precisa” que leva a crer que há um discurso, em sociedade, que expressa que mulheres precisam ser inferiores. As escolhas linguísticas do

¹³Os vídeos produzidos pelos estudantes foram transcritos e estão registrados nos anexos deste relatório.

grupo reiteram a ideia de que o discurso se materializa por meio da língua, revelando pontos de vista construídos e legitimados socialmente. Neste caso, legitimado pela escola.

O grupo define o empoderamento feminino de maneira pertinente ao dizer que as mulheres empoderadas são “livres, leves e soltas para fazerem o que quiserem [...]” e cria entre as mulheres dois grupos: o das mulheres poderosas e o das “que não se acham tão empoderadas assim”, dando a entender que há uma gradação entre aquelas que fazem o que querem da vida e as que “fazem de tudo para agradar o marido mesmo sem ele merecer”.

Ao escolher o uso do vocábulo “mesmo”, o grupo orienta a interpretação para uma conclusão contrária, uma vez que se o marido não merece, a mulher não deveria fazer tudo. Do mesmo modo, o grupo também faz distinção entre os maridos que merecem e os que não merecem, no entanto, não deixam claro o que caracteriza cada grupo.

Um ponto merece destaque: o uso das palavras leves e soltas, que faz com que o expectador entenda que a mulher que não é empoderada é presa e carrega consigo um peso; todavia, isto, para o grupo, é uma escolha, pois, a argumentação elaborada gira em torno da ideia de que o empoderamento feminino é um processo interno, caracterizando a forma pela qual ela se vê no mundo, já que define mulheres poderosas como aquelas que “se acham” assim.

Então, pode-se afirmar que, ainda que com recursos linguísticos limitados, dado a pouca variedade no uso dos operadores argumentativos (ver roteiro e transcrição do vídeo, em anexo), o grupo conseguiu expressar ponto de vista sobre a temática.

O G2 construiu o roteiro e o vídeo sob a forma de diálogo entre o grupo e seus interlocutores com quem discordam, reagindo a frases ditas sobre o comportamento feminino. Os operadores argumentativos utilizados foram: não só/como também e porque, que aparecem para orientar conclusões como em “Se um homem bebe, uma mulher não só pode como deve, agora os dois exercendo um limite [...]” e para dar justificativas: “ eu vou ter que tirar porque um homem de mente pequena vai me estuprar?”

É interessante notar que o grupo faz uso do marcador de tempo “agora” com valor adversativo. Há a ideia de que homens e mulheres são livres para beber ou não, mas que deve haver um limite para ambos. Tal pensamento foi elaborado como contra-argumento para a sentença: “mulher que bebe é cachorra”.

O roteiro construído por este grupo permite perceber como os discursos são formados por vozes distintas, como em: “Mulher reclama de não receber o mesmo salário que um homem. Quero ver fazer o que ele faz por ele”, este eu presente neste discurso não é

determinado. Há um eu que diz que a mulher reclama e um eu que concorda dizendo que quer ver o que ela é capaz de fazer. É uma concordância concordante a que Rabatel (2016) denomina de coenunciação.

Para o G2, este é um discurso com o qual discordam e ao discordar, elaboram sentenças escolhendo com qual voz irão concordar. Ao dizerem: “Nós, mulheres, não queremos supremacia de ninguém, apenas queremos igualdade de direitos! E para você, senhor machista, ela cuida da casa, trabalha, cuida dos filhos, e ainda cuida de você, ta?!”; deixam claro com que grupo social se identificam e com quais ditos concordam.

O argumento de que a mulher cuida da casa, dos filhos e do homem retoma o estereótipo social da figura feminina e demonstra que a argumentação é um processo que objetiva a subjetividade dos indivíduos, como defende Meyer (1982).

Do mesmo modo, revela a vontade de verdade, como indica Foucault (1999), ao defender a posição da mulher de poder, já que é a ela que se atribui a habilidade de executar todas as tarefas, na tentativa de levar seu interlocutor a quem chamam de machista a concordar com o argumento exposto.

O grupo encerra seus argumentos defendendo que “o empoderamento não é o machismo ao contrário”, pois, o que se deseja é a igualdade de direitos e não a supremacia, o que mostra que o grupo compreendeu o tema trabalhado em sala de aula.

O G3 seguiu o modelo de roteiro dado: chamar a atenção do público, apresentar o tema e as posições do grupo em relação a este. Ao expor suas ideias, o grupo usou como recurso argumentativo o discurso de autoridade – duas jovens falando sobre o assunto – e questionamentos, dando ao vídeo um esquema dinâmico de diálogo entre os produtores do vídeo e os seus expectadores.

No que se refere aos operadores argumentativos, há a presença de: mas e porém, para alcançar conclusões contrárias; porque, para justificar ideias; até mesmo, para finalizar escala argumentativa e então, para introduzir conclusões.

Merece destaque o trecho em que o grupo define empoderamento feminino: “Empoderamento feminino é a luta para assegurar que as mulheres tenham voz, tenham vez e que, nós, mulheres possamos ocupar todos os espaços com segurança. É em casa, no trabalho, é onde quisermos. Até mesmo na rua!” O grupo demonstra compreensão sobre o tema enquanto busca por igualdade e, ao usar o operador argumentativo “até mesmo”, coloca a rua como o espaço em que as mulheres sentem-se mais inseguras e que esta realidade deve ser modificada.

A mudança desejada, segundo o grupo, deve começar pela maneira que a mulher se vê na sociedade e para justificar este pensamento, partindo da identificação com o grupo social com o qual concordam, dizem: “[...] porque o meu lugar e o seu lugar como mulher é onde bem quisermos, bem entendermos.”

Ao colocar a figura feminina no centro das decisões, o grupo, como defende Meyer (1982), impõe sua verdade que pode ser resumida pela ideia de que as mulheres unidas podem ocupar qualquer espaço. Este seria o ponto de vista assertado (RABATEL,2016) construído pelo grupo.

Sendo o discurso um produto histórico, há de se levar em conta que os ditos realizados pelo grupo são legitimados pelas instituições em que estão inseridos. Neste caso, a escola. É preciso questionar se os pensamentos expressados refletem o pensamento dos estudantes ou se representam estratégia para alcançar as expectativas da professora.

O G4, por sua vez, elaborou o vídeo a partir de assertivas sobre o que uma mulher pode ou não fazer, o que ela gosta ou não. Utilizaram questionamentos como recurso argumentativo: “Uma mulher não pode falar palavrão? Não pode gostar de futebol? Não pode beber? Me apresenta uma mulher perfeita!” “Mulheres querem ser iguais aos homens? Mentira!” Ao elaborar questionamentos, o grupo estabelece suas ideias: mulheres não querem ser iguais aos homens, elas podem falar palavrão e gostar de futebol. No entanto, apresentam uma contradição. Ao colocarem as mulheres que gostam de futebol, de falar palavrão e de beber em um lugar de imperfeição, mostram que não concordam completamente com a ideia exposta. A isto Rabatel (2016) dá o nome de concordância discordante.

É a prova de que o ponto de vista é a forma linguística pela qual o eu revela seus pensamentos, a partir da relação entre ditos e não ditos. Sendo assim, fica evidente o ponto de vista sustentado pelo grupo: mulheres podem fazer o que quiserem, podem ser o que quiserem, inclusive, serem imperfeitas.

Isto é ratificado pela sentença que o grupo utiliza para definir quem defende o empoderamento feminino: “Quem defende o empoderamento feminino quer que as mulheres tenham direitos iguais aos dos homens e isso é bem diferente de querer ser um homem.” Desta forma, pode-se dizer que ainda que não haja a presença dos operadores argumentativos, o grupo construiu um discurso argumentativo baseado em assertivas que demonstram seu ponto de vista sobre a temática.

Afirma-se, então, que a atividade referente ao roteiro e à gravação dos vídeos foi eficiente no que se refere à exposição dos conhecimentos dos estudantes sobre o

empoderamento feminino, suas posições e no tocante à evolução do uso dos operadores argumentativos.

4.7 Mesas temáticas

Esta atividade foi realizada, em sala de aula, com a participação de todas as turmas do colégio. Foram organizadas cinco mesas temáticas assim distribuídas:

- A presença da mulher no esporte – mesa apresentada para os alunos do sexto ano.
- A mulher e o mercado de trabalho – mesa para os alunos do sexto e sétimo ano.
- Sexualidade feminina – mesa para os alunos do sétimo ano.
- Violência doméstica – mesa para os alunos do sétimo e oitavo ano.
- Relacionamentos abusivos – mesa para os alunos do sétimo e oitavo ano.

Cada mesa era composta por grupos de quatro a cinco estudantes, cujo objetivo era expor posicionamentos sobre a temática a ser discutida e, para isso, cada estudante dispunha de cinco minutos. Ao final das apresentações, deu-se a discussão com os estudantes assistentes.¹⁴

Pode-se afirmar que, como nas atividades anteriores, os estudantes apresentaram os mesmos recursos argumentativos: analogias e questionamentos. Do mesmo modo, manteve-se o padrão de uso dos operadores argumentativos, sendo “então, porque e mas” os mais recorrentes.

A mesa referente à presença da mulher no esporte, apresentada para os alunos do sexto ano, girou em torno da dificuldade da mulher ser reconhecida em esportes “tipicamente” masculinos, como o futebol, e da diferença de salários. Entretanto, a maior discussão ocorreu em função da diferença das condições de jogo, no vôlei, dada pela altura da rede que, para as mulheres, é dez centímetros mais baixa, como se pode ver no diálogo:

- Eu disse que os homens se esforçam mais. **Então**, se elas querem ganhar o mesmo salário, que jogue igual aos homens. Aumente a altura da rede que eu concordo com tudo. (FP)

- A altura da rede não quer dizer nada **porque** o jogo é feito de habilidade. A rede é maior **porque** o homem é maior que a mulher. Se você colocar uma rede que é maior para uma pessoa que é menor não tem como o jogo acontecer, por uma questão de habilidade. (RY)

- **Então**, se eles têm o porte físico melhor, se eles se esforçam mais, merecem receber mais. (FP)

¹⁴A transcrição das falas dos estudantes está registrada em anexo. A identidade foi preservada sendo representada por pares de letras aleatórias.

- **Mesmo** com a rede mais baixa, as mulheres têm mais medalhas e mais títulos. (MY)
- Exatamente. Para os homens é mais difícil ganhar. E eu não tô falando de medalhas. Eu tô falando de nível de jogo. O que ia mudar se aumentar a altura da rede? Não seria mulher versus mulher? Não é mulher versus homem. Aumente a altura da rede e eu concordo com tudo. Vocês querem salários iguais, **mas** jogando em condições diferentes. (FP)
- Queremos salários iguais **porque** temos a mesma capacidade, a mesma habilidade, exercemos a mesma função, damos o nosso melhor e fazemos o possível para vencer o jogo. (MY)
- Isso tudo é **porque** o homem não aceita perder para a mulher. Você disse que não aceita que as mulheres tenham mais títulos. Você disse isso sem saber que estava dizendo. (CK)

Apresenta-se, aí, dois pontos de vista distintos: jogadoras de vôlei merecem o mesmo reconhecimento financeiro dos jogadores, pois se equiparam em habilidade e função exercida, ainda que as condições de jogo sejam distintas; jogadores de vôlei merecem reconhecimento financeiro diferente, uma vez que jogam em condições diferentes. Essa oposição se revela nas escolhas linguísticas realizadas.

Os operadores argumentativos escolhidos pelos estudantes (em negrito) podem ser divididos em três blocos: os que orientam interpretação para conclusões contrárias – mas, mesmo; o que apresenta justificativa – porque; o que apresenta conclusão relacionada ao argumento anterior – então.

Ao dizer: “Então, se eles têm o porte físico melhor, se eles se esforçam mais, merecem receber mais.”(FP); o estudante constrói uma escala argumentativa que começa no porte físico e termina no reconhecimento financeiro. Para se opor a esse pensamento, a estudante retoma a questão do porte físico, faz dele a justificativa para a manutenção da diferença nas condições de jogo e apresenta um novo argumento: a equidade de habilidade para o jogo. Nesse movimento discursivo, ambos estabelecem limites de interpretação para o que foi dito, que é o objetivo do ponto de vista assertado, como mostra Rabatel (2016).

Outro movimento discursivo interessante ocorre quando a aluna utiliza uma oposição de ideias (mais títulos, mais medalhas x rede mais baixa) para justificar a equidade salarial entre homens e mulheres, e leva seu interlocutor a concordar parcialmente com o que foi dito. Ao verbalizar: “Exatamente. Para os homens é mais difícil”(FP).O estudante expressa que concorda com a ideia de que as mulheres ganhem mais títulos e ratifica seu pensamento com um argumento oposto, dando a ideia de que o vôlei feminino tem melhor desempenho porque as condições de jogo são mais fáceis. A esse processo, Rabatel (2016) dá o nome de concordância discordante.

Chama atenção a forma pela qual um dos estudantes deixa claro o ponto de vista do colega sobre a figura feminina no esporte. Ao dizer: “Isso é porque vocês não aceitam perder para as mulheres. Você não aceita que as mulheres tenham mais títulos. Você disse isso sem saber que estava dizendo”(CK). O estudante mostra que o sujeito se revela em seu discurso mesmo sem perceber, que o não dito estabelecido, ainda que inconsciente, mostra ao interlocutor a leitura que se faz da realidade (FOUCAULT,1999).

A segunda mesa temática – A mulher no mercado de trabalho – apresentada para os alunos de sexto e sétimo ano, expôs três questões: o assédio no ambiente de trabalho, a licença maternidade, a capacidade laborativa diferenciada por gênero. Os pontos de vista elaborados pelos estudantes podem ser resumidos da seguinte forma: o assédio sexual/moral sofrido pelas mulheres ocorre por conta do machismo; a licença maternidade é um direito da mulher; a licença maternidade é uma forma de a mulher receber sem trabalhar; mulher pode exercer qualquer função em sociedade e mulheres não aguentam trabalhos pesados.

Para expressar tais pontos de vista, os estudantes utilizaram os seguintes operadores argumentativos: porque – para justificativas; então – para estabelecer relações conclusivas; mas – para orientar conclusões contrárias.

Os recursos argumentativos foram elaborados a partir de exemplos, analogias e questionamentos. Note essa fala de um estudante:

Quando a mulher sofre assedio no trabalho, quando é pelo colega de trabalho, elas vão até o patrão, até o gerente, conta o que aconteceu e o patrão diz que não foi assédio. Diz que não pode demitir todo mundo que falar alguma coisa que a mulher não gostou. O patrão acaba pensando que deveria parar de contratar mulher porque elas não sabem se conter por conta do assédio. Os homens é que não sabem se conter. Sem contar que o salário delas são menor que o dos homens. E o patrão ainda reclama da licença maternidade porque diz que gasta dinheiro para a mulher não trabalhar. Então, as mulheres sofrem no ambiente de trabalho devido ao machismo. Isso é um absurdo. Não deveria existir diferença entre nós. (RB)

Para chegar à conclusão de que é o machismo que faz com que a mulher sofra no ambiente de trabalho e reforçar seu ponto de vista, o estudante faz uma pequena narrativa, exemplificando o que ocorre no cotidiano de uma mulher quando sofre assédio e utiliza como argumento mais forte o fato de reclamarem da licença maternidade.

Com o intuito de ir contra o pensamento deste estudante, um colega argumenta fazendo um questionamento: “Mas, ela não vai cobrir o tempo que ficou parada, né?”(FP) Aqui, o operador argumentativo – mas – indica o afastamento entre as posições dos colegas

reiterada por outro questionamento feito por FP: “Qual a vantagem de contratar uma mulher?”

Observe o diálogo que sucede:

- A mulher é mais delicada, tem mais gentileza de tratar as pessoas e o homem é mais bruto. (RB)
- A mulher tem mais educação. (VT)
- A mulher é mais delicada. Trabalho pesado, **então**, ela não pode fazer? (FP)
- A mulher é que tem que escolher onde vai trabalhar. E se ela quiser trabalhar no pesado? (VT)
- A mulher não tem capacidade, não? É só porque ela é delicada, é isso? (SD)

A argumentação elaborada pelos estudantes é baseada em comparações entre homens e mulheres, o que leva um dos estudantes a fazer dessas diferenças um argumento para seu ponto de vista: mulheres não podem trabalhar com atividades consideradas pesadas, uma vez que são mais delicadas; e, para isto, utiliza o operador argumentativo – então (em negrito no fragmento acima).

É interessante notar que mesmo para defender a presença das mulheres no mercado de trabalho, os estudantes escolhem adjetivos que reforçam o estereótipo do ser feminino em sociedade: delicada, gentil e educada. Esta é uma maneira de subalternizar a figura feminina, diminuindo sua força de trabalho, como mostra Spivak (2010).

A terceira mesa – Sexualidade Feminina – apresentada para os alunos do sétimo e do oitavo ano, foi embasada na leitura da crônica “Os namorados da filha”, de Moacyr Scliar, que narra as relações afetivas de uma adolescente sob a ótica do pai. As apresentações se dividiram em pontos de vista concordantes e discordantes quanto à atitude do pai em permitir que a filha dormisse em casa com o namorado e à inconstância dos relacionamentos da menina, como se pode ver em:

Eu acho que é de boa, velho. O pai dela apoiou trazer o namorado dela pra casa. Ele falou que podia namorar, mas em casa. Então, se o pai dela apoiou, se o pai dela aceitou (pausa). Esse é o meu ponto de vista. Se o pai dela deixou, ele é responsável por ela. Ela é de menor e ele deixou. Então, 61a de boa. (CK)

O texto mostra que cada ação tem uma consequência. A consequência do pai deixar ela dormir com vários namorados foi o assalto como poderia ter sido outra. Ela aparecer grávida ou mais coisas, pegar uma doença **por isso** está errado. Ele deveria pensar melhor, não poderia deixar a filha toda semana dormir com um namorado diferente. Ela poderia dormir, **mas** toda semana? Precisava disso? Acho que não. (FP)

Nota-se que nas duas falas a figura masculina, na pessoa do pai, é responsabilizada pelas atitudes da adolescente. O estudante CK vê na permissão do pai um recurso de autoridade que justifica o comportamento da filha e por essa razão ele faz com que o seu interlocutor conclua que não há problemas em dormir em casa com os namorados.

Ao contrapor o pensamento do colega, FP cita explicações para condenar a atitude do pai e, para isso, faz uso do operador argumentativo – por isso (em negrito). Para ele, deixar que a menina traga os namorados para casa leva a consequências ruins, como uma gravidez indesejada ou doenças. No entanto, admite que o problema não é dormir com o namorado, mas a quantidade de parceiros, e isso fica claro por meio do uso do conectivo – mas (em negrito), operador argumentativo que orienta conclusões contrárias.

As falas que sucedem a dos estudantes é uma sequência de argumentos defendendo pontos de vista opostos, veja:

- Ela é livre. Ela é desimpedida. Ela não estava na rua com ninguém. Ela estava na casa dela e não tem nada a dever a ninguém. **Então** (pausa). E se não fosse uma menina? Se fosse um menino trocando de namorada todo fim de semana? (CK)
- É mais fácil para um homem do que para uma mulher. Se eu tiver pegando várias meninas, vão dizer que eu sou pegador. Se for uma mulher, é puta. Um homem levar várias namoradas para casa é normal já uma mulher (pausa). Eu fui criado do jeito da minha mãe e do meu pai. (EC)
- Aí você vai ser assim porque foi criado assim? Não pode mudar o pensamento, não? (CK)
- A mulher tem a honra dela, a virgindade dela. A mulher vai sair falada se dormir na casa do namorado. Todas as mulheres deveriam esperar pelo momento certo. (ES)
- Vocês têm que entender que a mulher tem todo o direito. Se ela quiser dormir com um e com outro, ela pode. É um direito dela. Por que o homem tem o direito de fazer isso e a mulher, não? (CK)
- Ela **até** pode dormir com quem quiser, mas ela tem que arcar com as consequências. Aguentar as pessoas falarem dela. Ela não pode reclamar se receber crítica dos outros. (MR)
- O que vocês não estão entendendo é que ela é livre. Não é o pai que dá liberdade a ela. (CK)
- Você daria liberdade a uma filha mesmo sabendo que um desses namorados pode matar ela? (FP)
- Não é porque ela pode morrer que não pode dormir com alguém. Todos nós podemos morrer. (CK)

Para elaborar seus argumentos, os estudantes colocam em questão a liberdade da mulher. O que ela pode ou não pode fazer quando se trata de sexualidade e a responsabilidade

da figura masculina sob essa liberdade. Há um acordo tácito entre o discurso de alguns dos estudantes e o que está posto em sociedade representado pela figura do pai e da mãe. A ordem discursiva familiar permite ao estudante expressar que o homem que troca de parceiras é intitulado “pegador”, sendo visto de maneira positiva, enquanto a mulher que assim o faz é denominada puta, sendo julgada de maneira oposta.

Do mesmo modo, existe um acordo quando se trata da agressividade masculina, uma vez que é o homem que é posto no papel de agressor, como se vê em: “Você daria liberdade a uma filha sabendo que um desses namorados pode matar ela? (FP) A opressão sofrida pelas mulheres soa como zelo e a figura feminina continua sendo aquela que precisa ser protegida, ter sua honra resguardada. No entanto, a mulher que rompe com este jogo social não tem permissão para expor suas opiniões, uma vez que “ela até pode dormir com quem quiser, mas ela tem que arcar com as consequências. Aguentar as pessoas falarem dela. Ela não pode reclamar se receber críticas dos outros” (MR).

Fica claro, então, o silenciamento da voz feminina que é imposto pela sociedade patriarcal, conferindo subalternidade à mulher que “não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010, p. 15).

A quarta e a quinta mesa, apresentadas para os alunos do sétimo e do oitavo ano, aconteceram de forma simultânea, uma vez que Relacionamentos Abusivos e Violência Doméstica são temas que se relacionam estreitamente. Sobre os operadores argumentativos, manteve-se o padrão de uso, sendo os mais frequentes: “então” e “porque”. Os recursos argumentativos foram, basicamente, questionamentos e negativas, bem como o uso de analogias. Observe:

[...] Você vive num poço de angústia e depois ele te pede perdão como se nada tivesse acontecido porque é amor. Não é amor quando você vive numa prisão física e mental, mas a frase que eu mais escuto é que o amor supera tudo. Este tudo são situações como doenças ou dificuldade financeira, não agressões. Então, mulheres, não vamos nos submeter a homem nenhum. Liberte-se. Não é porque você é mulher que deve obediência ao homem. (SD)

Para apresentar seus argumentos, a estudante estabelece uma espécie de diálogo entre ela e as mulheres que sofrem agressão em um relacionamento abusivo pautado em negativas: “Não é amor quando você vive em uma prisão física e mental”/“Não vamos nos submeter a homem nenhum./Não é porque você é mulher que deve obediência ao homem.”(SD). Ao fazer da negação um argumento, a estudante admite que há um discurso que faz do relacionamento

uma prisão em que a mulher deve submissão e obediência. Por isso, também, o uso do operador argumentativo “mas” que contrapõe as negativas elaboradas pela estudante à ideia de que o amor supera tudo.

Quando a estudante admite um discurso que é oposto ao seu, ela revela o eu social presente na própria fala. Coexiste, então, neste trecho, dois pontos de vista: o da estudante e o da sociedade; ao menos, de parte dela. Esse eu social pode ser revelado nos pontos de vista de maneira implícita, como no trecho acima, ou explícita (RABATEL, 2016) como veremos a seguir:

A violência doméstica é comum nos dias de hoje. Muitos casais estão em um relacionamento em que um dos companheiros não pode sair. “Se você está casada comigo, você não pode ir a algum lugar se eu não for. Se eu não vou, você não vai!” E a violência doméstica não é algo só físico, agressão física, também é mental, psicológica e, muitas vezes, as vítimas até levam isso como uma forma de cuidado, até mesmo de zelo. E muitas não saem dessa situação porque alegam depender financeiramente do parceiro. Mas, gente, não fiquem em um relacionamento assim, isso pode custar a vida. (MY)

A estudante traz a fala social explicitamente representada pela fala do agressor: “Se você está casada comigo, você não pode ir a algum lugar se eu não for. Se eu não vou, você não vai!”. É um ponto de vista que se baseia na subserviência e silenciamento da mulher, típicos do patriarcado, como nos mostra Spivak (2010).

Perceba que ao utilizar o operador argumentativo “até mesmo”, a estudante cria uma escala que vai do cuidado ao zelo: “[...] as vítimas até levam isso como uma forma de cuidado, até mesmo de zelo.” Ou seja, existe uma escala, que vai do cuidado ao zelo, por meio da qual a vítima pode interpretar o comportamento do agressor, de maneira positiva, pois a mulher foi, ao longo do tempo, educada para ver no homem aquele que a protege (CARVALHO, 2011).

No entanto, as duas estudantes (SD e MY) encerram suas falas com negativas que corroboram seus pontos de vista contrários ao que é posto pela sociedade: “Não é porque você é mulher que deve obediência ao homem”(SD); “[...] não fiquem em um relacionamento assim, isso pode custar a vida” (MY). Ambas apoiam a ideia de que a mulher deve libertar-se e que esta liberdade é uma questão de escolha.

Um dos estudantes se opôs ao pensamento das colegas, estabelecendo que a responsabilidade pelas agressões em um relacionamento não é apenas do homem e, para isto, elabora uma analogia: “A violência acontece por culpa de ambas as partes. Não parte só do homem, pode vir também das atitudes da mulher, pode surgir daí. Tipo assim, o cara chega

em casa e pega a mulher com outro. Ele vai agredir. O sangue sobe. Não tem esse que não vai fazer nada. Ele vai partir para a agressão”(MR).

Ao aliar o uso das expressões “não só” e “também” o estudante orienta sua fala para uma única conclusão: a mulher é responsável pelo comportamento agressivo do homem. Este ponto de vista possui razões históricas: “Historicamente, o poder sempre foi praticado e exercido pelos homens, pois as mulheres eram consideradas subalternas, devendo obediência e respeito às pessoas do sexo masculino”(CARVALHO, 2011, p.145). Sabe-se que, em muitos momentos da História, poder e força física / poder e agressividade são instâncias que se confundem, haja vista os períodos de escravidão vividos pela humanidade.

Posterior à fala do estudante MR, segue o diálogo abaixo:

- Então, quer dizer que tem um extremo, um ponto que quando chega ali o homem tem que bater? (SD)
- Se você não está satisfeito com a situação, é só terminar. Não precisa bater. (ID)
- O cara larga a mulher, ok. Mas, uma mulher que não cuida do seu homem porque trai, vai conseguir se cuidar? (MR)
- Você quer uma mulher pra quê? Para que ela lhe sirva? Porque é isso que você está afirmando o tempo todo. (ID)

Coexistem pontos de vista distintos: o homem não tem direito de agredir uma mulher; a mulher não tem obrigação de servir ao homem; a mulher precisa ser cuidada pelo homem porque ela não consegue se cuidar sozinha. O recurso argumentativo utilizado para defender tais pensamentos foi o questionamento. Os estudantes colocaram em questão o que é papel do homem e da mulher na sociedade.

Na fala: “O cara larga a mulher, ok. Mas, uma mulher que não cuida do seu homem porque trai, vai conseguir se cuidar?”(MR); há uma concordância discordante. O estudante concorda com a ideia de que o relacionamento não precisa ser mantido, porém, discorda do fato de que a mulher não precisa do homem para cuidá-la e reforça o pensamento de que a responsabilidade do fracasso de um relacionamento é da mulher.

Não houve consenso. A discussão foi encerrada com a intervenção da professora que retomou a ideia de que para defender ideias é preciso saber ouvir, colocar-se no lugar do outro e respeitar os ditos tentando compreender onde, por que e por quem são ditos.

Ao final, houve a apresentação teatral de um dos alunos do nono ano que, anteriormente, havia solicitado apresentar um monólogo curto, cujo texto fora escrito por ele.

A culminância do trabalho: a apresentação das mesas para as demais turmas do colégio permitiu que o nono ano expressasse pontos de vista distintos sobre o empoderamento feminino e o

papel da mulher na sociedade, indicando que o trabalho favoreceu o letramento crítico dos estudantes. É necessário afirmar que as turmas do sexto, sétimo e do oitavo ano tiveram uma preparação prévia sobre a temática (textos e vídeos sobre o tema) e que, para isso, se fez necessária a participação dos demais professores, visto que a pesquisadora não teve contato com todas as turmas.

O(A) professor(a), que desejar colocar em prática esta etapa da sequência de atividades, pode fazê-lo apenas em suas turmas, como também em apenas uma única turma, não havendo obrigatoriedade sobre o envolvimento de todas as turmas.

Por meio da leitura da análise dos dados, pode-se afirmar que: a atividade de sondagem, a atividade de elaboração de roteiro de vídeo e a das mesas temáticas possibilitaram aos estudantes expressarem opiniões, confirmarem ou não pontos de vista e compreenderem que é pelo conhecimento do funcionamento da língua que os discursos tornam-se mais eficientes. O trabalho com diferentes gêneros textuais fez com que os estudantes percebessem o uso dos operadores argumentativos e os sentidos que eles podem atribuir a um texto. E a realização de toda a sequência de atividades permitiu que refletissem sobre o que é ser mulher e qual o seu papel em sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expressão “empoderamento feminino” tornou-se comum, estando presente nos principais meios de comunicação. Para além da banalização de seu uso, traz consigo questões referentes ao ser feminino. O que é ser mulher? O que uma mulher pode ou não fazer? Qual a função da mulher em sociedade? Por essa razão, esse é um tema polêmico que deve ser debatido nas esferas sociais, incluindo a escola.

Para discutir temas complexos é necessário conhecer as regras que orientam os discursos, o funcionamento da língua que materializa esses discursos e saber elaborar pontos de vista consistentes sobre o assunto, ou seja, é preciso saber argumentar. A argumentação faz parte do letramento, escolar e social, que confere ao indivíduo status de cidadão crítico capaz de questionar e alterar a realidade em que vive.

Na escola, a argumentação, de acordo com o *Referencial Curricular do Estado de Sergipe*, começa a ser trabalhada no sexto ano, intensificada no nono – quando se dá o aprendizado dos operadores argumentativos – e culmina no ensino médio, com a obrigatoriedade da elaboração de texto dissertativo para o acesso ao ensino superior. Sendo assim, possibilitar o aprendizado sobre os processos argumentativos é uma forma de permitir o sucesso do estudante dentro e fora da escola.

A realização desta pesquisa constatou que o estudante do nono ano tem dificuldades em articular ideias para expor opiniões e pontos de vista, muito por conta da limitação no conhecimento sobre os recursos argumentativos e no uso dos operadores argumentativos. Todavia, a aplicação da sequência de atividades deu aos estudantes instrumentos para a ampliação dos saberes quanto à argumentação, bem como a oportunidade de discutir tema polêmico, atual e pertinente ao cotidiano.

Desta forma, pode-se afirmar que a pesquisa alcançou seus objetivos específicos, no que se refere ao trabalho com operadores argumentativos para favorecer a articulação de ideias, à elaboração de atividades com gêneros variados de modo a possibilitar a assunção de pontos de vista distintos e à produção de vídeos voltados para a divulgação de ideias.

O objetivo geral também pôde ser alcançado, uma vez que se defende que esta pesquisa colabora com professores que desejem trabalhar a elaboração de pontos de vista, pelos seus estudantes, em argumentação voltada a tema polêmico.

Realizar essa pesquisa possibilitou à pesquisadora, enquanto docente, refletir sobre a prática em sala de aula, questionar métodos, bem como exercitar a criatividade e a compreensão sobre a diversidade dos discursos, o que exigiu flexibilidade diante dos

percalços que se enfrenta ao concretizar uma pesquisa no ambiente escolar. Tudo isso faz com que o professor-pesquisador seja, ao final da pesquisa, um professor mais completo e um pesquisador mais minucioso.

O mesmo pode ser dito sobre os estudantes. Ter a possibilidade de discutir em sala de aula tema tão controverso e tão atual, como o empoderamento feminino, deu ao estudante a oportunidade de debater sobre os diferentes discursos, defender ideias e ampliar conhecimentos sobre a relação linguístico-discursiva presente na argumentação; o que, certamente, ampliou seu letramento crítico-social, fazendo-os cidadãos mais empoderados, ainda que com posições distintas, como se observou durante a realização das mesas temáticas.

Os estudantes, contando com a participação de outras turmas e outros professores do colégio, puderam perceber de que forma as relações sociais são construídas e qual o papel do discurso nesse processo. Puderam observar que o que é dito é marcado historicamente. Do mesmo modo, tiveram a oportunidade de compreender que para persuadir o outro é preciso saber ouvir para poder questionar. Assim, no futuro, poderão analisar quem disse, quando e por que o fez, como fizeram durante as discussões em sala de aula.

Espera-se que a divulgação desta pesquisa inspire o trabalho da comunidade escolar e acadêmica para a construção de uma sociedade justa e igualitária, e que sirva como ponto de partida para a realização de novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência, gênero e poder: múltiplas faces. **Mulheres e violências: interseccionalidades**. Brasília/DF, 2017. p.14-35. Disponível em: <[https://docs10.minhateca.com.br/1191414855,BR,0,0,Mulheres-e-viol%2B%C2%ACncias--interseccionalidades-\(livro-digital-completo\).pdf](https://docs10.minhateca.com.br/1191414855,BR,0,0,Mulheres-e-viol%2B%C2%ACncias--interseccionalidades-(livro-digital-completo).pdf)>. Acesso em 12 dez. 2017.
- BARBOSA, Líbia Leaby Leite. **O Gênero Letra de Música**: abordagem de produções afrodescendentes nas aulas de língua portuguesa sob a perspectiva dialógica da linguagem. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA6_ID4983_07102017235447.pdf. Acesso em 04 ago. 2018.
- BARROSO, Terezinha. O desenvolvimento do discurso argumentativo por crianças do ensino fundamental: articulação e coordenação de sequências argumentativas no texto de opinião. **Verebas**. Juiz de Fora/MG, n2, p. 101-117, fev.2007.
- BELLONI, Maria Luiza. A televisão como ferramenta pedagógica na formação de professores. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.9, n.2, p.287-301, jul/dez. 2003.
- BOOF, Odete M. B. KOCHE; Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. O gênero textual artigo de opinião:um meio de interação. **Revel**, v 7, n.13, 2009.
- BONIFÁCIO, Maria Acácia de Lima. **Formação continuada de professores**: narrando memórias construímos sujeitos na escola e na vida. 2015. Relatório de Pesquisa (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe,São Cristóvão, 2015.
- BRUNO, Adriana Rocha. Aprendizagem do adulto: contribuições para a construção de uma didática *online*. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (org.). **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 99-115.
- CARVALHO, Débora Jucely. A conquista da cidadania feminina. **Revista Multidisciplinar da Unesp. Saber acadêmico**. n.11, p. 143-153, jun. 2011.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- DIAS, Juliane Aparecida da Silva. SANTOS, Maria Celma Vieira. FERREIRA, Nelson Eliezer Junior. **A identidade feminina no conto “Entre a espada e a rosa”**: discutindo as relações de gênero na aula de língua portuguesa. Campina Grande/PB: Universidade Federal de Campina Grande, 2016.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249 Disponível em <<http://www.uesb.br/eventos/pensarcomfoucault/leituras/o-sujeito-e-o-poder.pdf>>. Acesso em: 10set. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Cóllege de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. [Dados gerais do município de Japarutuba/SE]. 2017. 1 gráfico. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?t=destaques&c=2803302>>. Acesso em: 26 maio. 2017.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2017.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o necessário e o possível. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MAGALHÃES, Mônica Moreira de. A argumentação em redações escolares. **Anais do SILEL**, Uberlândia, v.3, n. 1. p.1-1, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. Argumentação e análise do discurso: reflexões a partir da segunda Provincial. In: BARONAS, Roberto Leiser; MIOTELLO, Valdemir **Análise de discurso**: teorizações e métodos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 69-86.

MEYER, Michel. **Lógica, linguagem e argumentação**. Trad. Maria Lúcia Novais. Lisboa: Editorial Teorema, LDA, 1982.

_____. **Questões de retórica**: linguagem, razão e sedução. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1991.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. As feridas abertas da violência contra mulheres no Brasil: estupro, assassinato e feminicídio. **Mulheres e violências**: interseccionalidades. Brasília/DF, 2017.p. 14-35. Disponível em: <[https://docs10.minhateca.com.br/1191414855,BR,0,0,Mulheres-e-viol%2B%C2%ACncias--interseccionalidades-\(livro-digital-completo\).pdf](https://docs10.minhateca.com.br/1191414855,BR,0,0,Mulheres-e-viol%2B%C2%ACncias--interseccionalidades-(livro-digital-completo).pdf)>. Acesso em: 03dez. 2017.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. **Conectores de oposição**: reflexões e propostas para o ensino. Gragoatá, Niterói, n.36, p.28-42, sem. 2014.

PENNYCOOK, Alastair. Linguística aplicada pós-ocidental. In: CORACINI, Maria José; BERTOLDO, Ernesto Sérgio. **O desejo da teoria e a contingência da prática**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2003. p. 21-59.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: LOPES, Luiz Paulo. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84

RABATEL, Alain. **Homo Narrans**: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração – teoria e análise. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, Luís Passeggi e João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016.

RODRIGUES, Mariana Freire. **O uso de operadores argumentativos em comentários críticos de alunos de 9º ano do ensino fundamental**. 2015, 141f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial curricular** [da] rede estadual de ensino. Aracaju, 2011. Disponível em: <https://www.seed.se.gov.br/referencial_curricular.asp>. Acesso em: 26 de maio de 2017.

SOARES, Magda. Letramento e Escolarização. *In*: RIBEIRO, Vera Masagão (org.) **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003. p. 89-113.

SPIVAK, GayatriChakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Traduzido por Lólio Lourenço de Oliveira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p. 443-466, set/dez, 2005.

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO: ATIVIDADE DE SONDAAGEM

Vídeo 01: Montagem

Tudo começou quando minha amiga mim apresentou um colega um pouco mais velho que eu. Ele se apaixonou por mim e mim pediu em namoro e eu não pude recusar.

Ele me levou em sua casa e mim mostrou suas coisas de quando ele era mais jovem. Passaram alguns meses e percebi que o relacionamento estava desandando.

Ele estava se relacionando com outra menina da mesma idade que ele. Certo dia eu peguei o celular dele e vi as mensagens.

Eu e ele nos separamos, mas eu ainda gostava dele e então minha amiga veio mim dar apoio. Eu era uma adolescente de 17 anos sem rumo na vida.

Meu ex não aceitou o término do relacionamento e então ele destruiu a própria casa. Ele teve a ideia de invadir a minha casa. Ele mim ameaçava verbalmente, mas ele pensava que eu estava sozinha, minha amiga chegou sorrateiramente e deu um soco na cara do cretino.

Ligamos para a polícia e ela o prendeu, percebi que eu estava muito nova para se relacionar com pessoas mais velhas do que eu então eu e minha amiga vivemos juntas para sempre.

Vídeo 02: Depoimento

Meu nome é XXX. Tenho 16 anos. Minha relação com minha família é ótima, principalmente com a minha mãe, que é minha melhor amiga. Moro com a minha mãe e com meu padrasto. Ajudo ela com tudo. Tenho namorado. É...Na escola, tô péssima por causa de mau companhia. Agora, tô sofrendo as consequências nas notas. Tão um desastre. É...Gosto muito de festa. Amo. Meu dia a dia é escola, casa, escola, casa. É...Tenho uns amiguinhos bons outros não tão...meio ruins que me influenciam pra coisas ruins...É isso!

Vídeo 03: Depoimento

Os adolescentes passamos por muitos problemas como frustrações amorosas, problemas familiares, assédio sexual entre outras coisas.

Não importa o lugar. Não importa o momento. Não importa a largura ou o tamanho da minha roupa. Posso andar de vestido, de um jeito que ninguém note mesmo assim eu vou chamar a atenção de um adulto. Pára! Isso não está direito! Somos mulheres e queremos respeito! A roupa que nós usamos não te mostra quem somos.

Os adolescentes, hoje em dia, sofrem bastante com o assédio sexual. Se veste roupa curta, “tá curta demais!”. Se veste um vestido comprido: “Nossa! É crente!”. Crente é quem crê. É preciso de um mundo com mais respeito.

Vídeo 04: Depoimento

Nós adolescentes somos julgadas pela roupa que usamos e pela maneira que agimos. Se aumentamos o tom, não temos modos. Se colocamos uma saia curta ou colada, queremos aparecer. Nunca tivemos o direito de ser nós mesmas sem um pré-julgamento ou ofensa do outro lado.

A sociedade julga que usar batom vermelho é coisa de puta. Se ser puta é ser livre, então somos todas.

Em relação aos relacionamentos, alguns querem te usar quando nem um beijo na boca você liberou. Por causa desses homens de mente pequena, a beleza que existe dentro de vocês não brota, não floresce, não se alastra.

Só mulher tem que se preservar? Homem que sai por aí pegando todas também perde a dignidade e vira banheiro público.

E o mundo continua na sua infinitiva ignorância, homofobia, machismo e o bom e velho racismo de sempre.

ANEXO B – OS NAMORADOS DA FILHA – CRÔNICA DE MOACYR SCLiar

OS NAMORADOS DA FILHA

Quando a filha adolescente anunciou que ia dormir com o namorado, o pai não disse nada. Não a recriminou, não lembrou os rígidos padrões morais de sua juventude. Homem avançado, esperava que aquilo acontecesse um dia. Só não esperava que acontecesse tão cedo.

Mas tinha uma exigência, além das clássicas recomendações. A moça podia dormir com o namorado:

— Mas aqui em casa.

Ela, por sua vez, não protestou. Até ficou contente. Aquilo resultava em inesperada comodidade. Vida amorosa em domicílio, o que mais podia desejar? Perfeito.

O namorado não se mostrou menos satisfeito. Entre outras razões, porque passaria a partilhar o abundante café da manhã da família. Aliás, seu apetite era espantoso: diante do olhar assombrado e melancólico do dono da casa, devorava toneladas do melhor requeijão, do mais fino presunto, tudo regado a litros de suco de laranja.

Um dia, o namorado sumiu. Brigamos, disse a filha, mas já estou saindo com outro. O pai pediu que ela trouxesse o rapaz. Veio, e era muito parecido com o anterior: magro, cabeludo, com apetite descomunal.

Breve, o homem descobriria que constância não era uma característica fundamental de sua filha. Os namorados começaram a se suceder em ritmo acelerado. Cada manhã de domingo, era uma nova surpresa: este é o Rodrigo, este é o James, este é o Tato, este é o Cabeça. Lá pelas tantas, ele desistiu de memorizar nomes ou mesmo fisionomias. Se estava na mesa do café da manhã, era namorado. Às vezes, também acontecia — ah, essa próstata, essa próstata — que ele levantava à noite para ir ao banheiro e cruzava com um dos galãs no corredor. Encontro insólito, mas os cumprimentos eram sempre gentis.

Uma noite, acordou, como de costume, e, no corredor, deu de cara com um rapaz que o olhou apavorado. Tranquilizou-o:

— Eu sou o pai da Melissa. Não se preocupe, fique à vontade. Faça de conta que a casa é sua.

E foi deitar.

Na manhã seguinte, a filha desceu para tomar café. Sozinha.

— E o rapaz? — perguntou o pai.

— Que rapaz? — disse ela.

Algo lhe ocorreu, e ele, nervoso, pôs-se de imediato a checar a casa. Faltava o CD player, faltava a máquina fotográfica, faltava a impressora do computador. O namorado não era namorado. Paixão poderia nutrir, mas era pela propriedade alheia.

Um único consolo restou ao perplexo pai: aquele, pelo menos, não fizera estrago no café da manhã.

Moacyr Scliar

(Crônica extraída da **Revista Zero Hora**, 26/4/1998, e contida no livro *Boa Companhia: crônicas*, organizado por Humberto Werneck, São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 2. reimpressão, pp. 205-6.)

ANEXO C – RESPOSTAS DA PRIMEIRA ATIVIDADE – OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO TEXTO

- As respostas dos estudantes foram transcritas, na íntegra, sem correções.

C. Sexo Feminino – 15 anos.

- 1- Talvez por preocupação, assim ele saberia onde estava a filha.
- 2- Mas. Estabelece uma relação de condição.
- 3- A comodidade que ela teria em relação à vida.
- 4- Ele passaria a partilhar o abundante café da manhã da família.
- 5- Porque. Estabelece relação de explicação.
- 6- Que ela não gosta de ficar com uma pessoa por muito tempo.
- 7- O ritmo acelerado com que sua filha trocava de namorados.
- 8- Que se estivesse na mesa do café da manhã era namorado.
- 9- Que ela gosta de se manter livre e ela não está errada em querer trocar de namorado só poderia mudar o ritmo com a troca.
- 10- Bem interessante da sua parte, pois é melhor saber o que ela faz do que ficar na preocupação.
- 11- Sim, ao menos saberia onde ela está e o que faz, da mesma forma seria com um filho.
- 12- No começo acharia estranho, por conta da maneira que foram criados, mas depois concordaria.

C.R. Sexo Masculino – 18 anos.

- 1- Talvez por cegurança.
- 2- Mas, condição.
- 3- Que ela dormice em casa.
- 4- Porque poderia partilhar o café da manhã da família.
- 5- Partilhar, dividir.
- 6- Não respondeu.
- 7- Que ela vai sempre trocar de namorado.
- 8- Não respondeu.
- 9- Ela é um pouco exagerada, mas ela é livre. Ela pode ficar, namorar, dormir com quantos ela quiser porque eu não tenho nada com a vida dela!
- 10- Eu acho normal, por que ele é o pai dela. Só ele pode proibir ou permitir que ela durma com quem em casa ou não.
- 11- Sim, permitiria, mas antes eu iria conhecer o cara e depois de algum tempo ele poderia dormir em minha casa e se fosse um filho a mesma coisa!
- 12- Não, por que meus pais são muito conservadores e preconceituosos/machista!

ES. Sexo Feminino – 15 anos.

- 1- Que toda manhã eles estivesse no café da manhã.
- 2- Uma condição além das clássicas recomendações.
- 3- Ela teria total liberdade e teria uma vida amorosa em domicílio.
- 4- Por que passaria a partilhar o abundante café da manhã da família.
- 5- A exigência do pai. A moça poderia dormir com o namorado, mas na casa do pai.

- 6- A filha se tratava como uma qualquer cada manhã de domingo era uma pessoa parecida: magro, cabeludo e com um apetite descomunal.
- 7- Que se estava na mesa era namorado.
- 8- Um então consolo restou no perplexo pai: aquele pelo menos não fizera estrago no café da manhã.
- 9- Um comportamento fora do normal, ela se comportava como uma qualquer, ou seja, uma puta.
- 10- Ele sabia que isso aconteceria um dia só não sabia que isso aconteceria tão cedo.
- 11- Não, porque causaria mal impressão sobre a reputação dela trazendo uma mal conduta. Se fosse homem...
- 12- Pelo fato em que eu seja menina eles não permitiriam pelo fato que as pessoas criticaria e também pelo fato em que eles são dos tempos das cavernas.

SD. Sexo Feminino – 14 anos

- 1- Apesar da sua confiança, foi por motivo de preocupação já que ela que avisou que ia dormir com ele.
- 2- Mas, condição, é a condição para que ela durma com o namorado.
- 3- Ela achava que o pai nem iria escutar, então como isso foi uma surpresa para ela, ela aceitou de boa.
- 4- Porque tomaria o café da manhã da família.
- 5- Porque. Explicação.
- 6- Que ela mudaria de namorado muito rápido e a cada domingo era um diferente.
- 7- Estar no café da manhã.
- 8- Constante. É a causa de sua filha mudar toda hora de namorado.
- 9- Bem uma pessoa que a cada domingo troca de namorado é simplesmente uma puta rodada.
- 10- Sim, se fosse um namorado e que tivesse com ela a muito tempo eu diria que ele era normal. Mas, com um a cada domingo já é muita liberdade para uma adolescente que pode até ficar mal falada na sua cidade e a consequencia de liberdade é ter a casa assaltada.
- 11- Melhor na minha casa do que na dos outros, então eu deixaria sim minha filha dormir em casa com o seu único namorado e assim eu poderia ter os cuidados necessários para que não acontecesse algo pior. E com o homem é mais fácil, mas isso não significa que eu também não vou deixar de cuidar para não ocorrer uma gravides por exemplo.
- 12- Isso ainda não me aconteceu mas acho que eles não permitiriam eu tenho certeza.

ID. Sexo Feminino – 16 anos

- 1- O motivo que o levou o pai exigir que a filha dormise em casa com o namorado foi a preocupação pelo fato que caso acontecesse algo, que se acontecesse estaria na sua supervisão.
- 2- Mas. Relação de condição.
- 3- A razão é por ele ter deixado ela dormir com o namorado.
- 4- O motivo é que ele iria partilhar o abundante café da manhã, iria degustar o melhor requeijão e do mais fino presunto.
- 5- Abundante café da manhã. Que o namorado iria degustar o café da manhã.
- 6- Cada manhã de domingo era uma nova surpresa. Que cada dia era uma pessoa diferente no café da manhã.

- 7- Que cada dia chegasse alguém diferente ele iria surtar de tantos nomes, no entanto, decidi desistir de memorizar o que chegasse era namorado.
- 8- O que estive no café da manhã era namorado. Relação de explicação.
- 9- O comportamento da adolescente é ridículo pelo fato dela nunca ficar com um definitivo, mas de mudar de namorado como roupa. Então cheguei a conclusão que ela nunca quis algo sério pelo fato de ser nova ou por ser quenga de está de domingo a domingo com alguém novo.
- 10- Acho que ele quis dar confiança e protege-lá. Porque se o pai não permitisse que os namorados dormisse na casa dele em algum dia iria acontecer se não fosse lá iria ser em outro, e para evita que algo perigoso acontece-se ele chegou a conclusão que o convence-se a permitir.
- 11- Não respondeu.
- 12- Não respondeu.

LV. Sexo Masculino – 16 anos

- 1- Porque a filha dormindo em casa caso acontecesse algo de ruim com a filha, ele já estava lá para socorrer ela.
- 2- Não respondeu.
- 3- Que ele deixou ela dormir porque ele tinha muita confiança nela.
- 4- Que além dele dormir com a namorada na casa dela, ele tinha o direito de tomar o café da manhã.
- 5- Porque. Explicando que o namorado estava menos satisfeito que podia dormir lá e também tomar o café da manhã.
- 6- Mas já estou saindo com outro.
- 7- Porque ela ficava trocando toda hora de namorado.
- 8- Lá pelas tantas.
- 9- Fora do comum. Porque se ela está com um namorado e não gosta, ela fica só trocando de homem toda hora. E isso fica muito vergonhoso para uma adolescente.
- 10- Eu penso que ele fez certo para não acontecer nada de ruim com ela.
- 11- Se ela fosse maior de idade, eu pensava em deixar. Porque ela sendo maior de idade ainda eu posso mandar nela porque eu sou o pai e tenho que dar conselhos para o bem dela. Se fosse um menino já era outra história. Porque homem sabe que filho cedo dá dor de cabeça.
- 12- Eles iriam conversar direito comigo para mim abrir o olho e não fazer besteira.

VS. Sexo Feminino – 18 anos.

- 1- Levou que a filha só tinha uma opção que o namorado toda manhã tomasse café.
- 2- Mas, estabelece uma relação contrária.
- 3- O que mais ela poderia querer já que o pai aceitou o que mais ela queria.
- 4- Que seria maravilhoso só tomar café da manhã com o sogro é bom demais só ter isso como exigência.
- 5- Só. Estabelece relação de soma.
- 6- Rodrigo mais outro, James mais outro, Tato mais outro e mais um cabeça. São os namorados da adolescente.
- 7- Que se os homens que a filha trás pra casa só estar na mesa do café da manhã já é namorado da filha.
- 8- Desistiu. Estabelece relação de oposição.

- 9- Minha opinião é que acho supernormal. Porque se ela quer não tem ninguém pra impatar.
- 10- Achei interessante que ele o pai não brigou com a filha, não fez nada porque se fosse outro pai seria diferente.
- 11- Sim porque não vejo nada demais em relação a isso. Com certeza permitiria principalmente homens super normal da minha parte.
- 12- Bom, minha mãe ela no começo ela reage bem até de mais.

WL. Sexo Masculino – 15 anos.

- 1- O motivo dele era para conhecer o namorado dela. Se ela dormisse com o namorado dela na casa do pai e para se sentir segura.
- 2- A filha dele só podia dormir com o namorado dela na casa do pai.
- 3- Ela percebeu que o pai dela tem confiança nela por isso ela aceitou a proposta do pai.
- 4- De o pai aceitar o namorado dela dormir na casa dele. Ele tinha um abundante café da manhã da família.
- 5- Porque passaria a partilhar o abundante café da manhã da família.
- 6- O pai percebeu que sua filha gosta de namorar por isso ela fica trocando de namorado.
- 7- Porque a filha trocava de namorado a cada dia e o pai não conseguia mais memorizar os nomes dos namorados da filha.
- 8- A expressão é desistiu de memorizar os nomes dos namorados da filha.
- 9- De a filha levar o namorado para a casa do pai porque o pai tem confiança na filha.
- 10- Porque ele tem confiança nela se ela dormido com o namorado na casa dele ela tem mais segurança.
- 11- Não deixaria minha filha dormir com o namorado dela na minha casa não antes de eu conhecer ele melhor.
- 12- A minha mãe não ia achar bom de eu levar uma namorada pra casa porque eu não sou responsável pelos meus atos.

LF. Sexo Masculino – 16 anos

- 1- Pra que ele pode se divertir ela.
- 2- Além das clássicas.
- 3- Não respondeu.
- 4- Não respondeu.
- 5- Não respondeu.
- 6- Não respondeu.
- 7- Não respondeu.
- 8- Constância não era uma característica.
- 9- Normal toda adolescente tem o direito de se distrair.
- 10- Normal. Um dia ele tinha que deixar ela dormir com o namorado.
- 11- Sim porque é melhor na minha frente do que por trás. Sim ele pode levar quem ele quiser.
- 12- Normal. Como o pai da garota fez.

RL. Sexo Feminino – 14 anos

- 1- Por querer proteger a filha pois ela estaria em casa perto dos seus olhos porém não queria que acontecesse tão cedo.
- 2- Mas – relação de condição para a filha dormir com o namorado.

- 3- Que por mais que ela dormisse com o namorado mesmo estando em sua casa o pai não a discriminou.
- 4- Que ele iria ficar na casa da namorada, mas também por o abundante café da manhã da família.
- 5- Porque – relação de explicação para ele estar satisfeito.
- 6- Cada manhã de domingo era uma nova surpresa – troca de namorados da filha.
- 7- Que não adiantaria memorizar os nomes dos namorados da filha pois ela trocava de namorado constantemente.
- 8- Se – condição. Se estava na mesa do café da manhã era namorado.
- 9- Incomum pois ela parecia não ter sentimento por nenhum namorado e sempre trocava o que chegava a ser desnecessário.
- 10- Eu acho legal da parte dele porque ele pensou no fato que poderia acontecer longe dele porém meio que ela erra o fato de ao longo do tempo a filha trocar várias vezes de namorado.
- 11- Creio que o fato não serve só para as meninas também os meninos. Deixaria apenas se eles estivessem certos disso e não constantemente em trocas de casais.
- 12- Creio que não deixariam por fato de ser muito nova e não me interessar nestas questões.

L. Sexo Feminino – 14 anos.

- 1- Levou o motivo que sua filha está segura em casa.
- 2- Estabeleceu que o pai da adolescente exigir que a filha dormi com o namorado em casa.
- 3- A razão é a vida amorosa em domicílio, o que mais podia desejar nada.
- 4- Porque ele passaria a partilhar o abundante café da manhã da família.
- 5- Partilhar. Ela estabelece que a família vai compartilhar o café da manhã com o namorado da filha.
- 6- Os namorados começaram a se suceder em ritmo acelerado. A adolescente já está perdida não tinha ninguém que prendece ela já passou de uma prostituta.
- 7- Ele chega que não vai conseguir memorizar os nomes porque é tantos nomes.
- 8- Ele da expressão que a filha não vai parar de trocar de namorado. Ela estabelece uma relação não normal de uma adolescente que troca de namorado todo domingo.
- 9- A minha opinião é que ela tem um comportamento não esperável e que ela não se valoriza só pensa em namorar e não tem consciencia das coisas.
- 10- Eu penso que não é normal um pai permitir que a filha durma em casa com o namorado sem falar coisas absurda.
- 11- Sim porque eu acho que em casa tou cuidando dela e em outros lugares não. Seria a mesma coisa.
- 12- Ela agiria de uma forma incrível e dissia não.

MY. Sexo Feminino – 14 anos

- 1- Pelo fato da menina ser uma adolescente e também porque ele se preocupou com os rígidos padrões morais.
- 2- Mas; oposição.
- 3- Porque ela queria dormir com o namorado e o pai com essa proposta só melhorou de um certo modo.
- 4- Porque ele viu a vantagem do abundante café da manhã da família.
- 5- Entre outras; vantagem.
- 6- Nos alertar que haveirão muitos outros namorados.

- 7- Se estivesse no café da manhã era namorado da garota.
- 8- Não respondeu.
- 9- Ela era muito puta, oche! Exagero da desgraça um toda semana; ela sinceramente estrapolou.
- 10- Eu achei massa; tipo, além dele deixar a filha dormir com o namorado ainda permitiu que fosse em sua casa. Mas acredito que com essa decisão ele quis proteger a integridade da menina.
- 11- Sinceramente, eu acho que não deixaria, mas também iria depender da idade dela. Ou então eu visse que não teria outro jeito eu permitiria, porém, se fosse em minha casa, eu poderia dar conselhos e talls. Mas se ela tornasse o âmbito de trocar de namorado como troca de calcinha aí as coisas iriam mudar. Se fosse um filho (o que eu vou falar agora vai parecer muito machista, mas é verdade) eu deixaria com mais facilidade. No entanto, também conversaria com meu filho, mas principalmente sobre medidas preventivas.
- 12- Meu pai não deixaria nem com o primeiro quanto mais...

FB. Sexo Masculino – 14 anos

- 1- O fato dele ficar preocupado com ela estar fora de casa.
- 2- Mas, de condição para a filha dormir com o namorado se fosse na casa dele.
- 3- Ela queria dormir com o namorado.
- 4- Comer o café da manhã.
- 5- Menos satisfeito, que o namorado estava satisfeito porque ia comer o café da manhã.
- 6- Que a filha dele gostava de trocar de namorado.
- 7- Que sabia que a filha não ia parar de trocar de namorado.
- 8- Constância. Que a filha não tinha uma constância com um namorado.
- 9- Que ela não deveria trocar de namorado todo domingo, pois os homens só queriam ficar com ela para se divertir e comer o café da manhã.
- 10- Que o pai dela não deveria deixar ela dormir com o namorado porque ainda estava muito nova.
- 11- Não porque ainda estava muito cedo. Sim.
- 12- Deixaria.

JD. Sexo Masculino – 18 anos.

- 1- Porque o pai dela sabe como os homens são quando vai dormir com uma mulher, ele vai querer fazer algumas coisas antes de dormir por isso o pai achou mais seguro dormir em sua casa.
- 2- Mas.
- 3- Ela aceitou porque o pai não recriminou levou de boa mais por que isso não é normal um pai exigir que sua filha durma em casa com o namorado.
- 4- Desfrutar partilhar o abundante café da manhã da casa do sogro como ele come muito ele deve ter imaginado que iria ter muita comida aí ele já ficou satisfeito.
- 5- Estabelece que o namorado ia ficar de barriga cheia.
- 6- Não respondeu.
- 7- Se estava na mesa do café da manhã era namorado da filha porque a filha chegava direto com um namorado diferente.
- 8- Não respondeu.
- 9- Diferente porque não é normal um pai aceitar que sua filha chegue em casa com um namorado diferente ou quer dizer que a filha não sabe ficar sem namorado.

- 10- Penso que o pai não confiaria em deixar a filha dormir fora de casa com o seu namorado por isso ele achou melhor mandar ela chamar para dormir em sua casa porque o pai não vai confiar em deixar sua filha dormir fora de casa.
- 11- Acho que não porque quando o namorado fosse dormir ia querer ter relações sexuais e dentro da minha casa eu não permitiria isso. Se fosse um filho eu deixaria porque homem é diferente de mulher e ele ia saber o que está fazendo.
- 12- Não respondeu.

JR. Sexo Masculino – 17 anos.

- 1- Porque ele sabia que um dia ia acontecer e se não deixasse era pior.
- 2- A moça podia dormir com o namorado.
- 3- Porque ela não ia precisar sair da sua residência e de seu quarto e também ele ia tomar café da manhã em sua casa.
- 4- Porque ele não ia precisar levar a namorada para casa dos seus pais ou para outro lugar.
- 5- O namorado não se mostrou menos satisfeito.
- 6- Ela ia dormir na casa dos seus pais com o namorado. Ela ia partilhar o café da manhã com o namorado e devorar o melhor requeijão de sua casa. Tinha que estar no café da manhã era namorado.
- 7- Quem ele visse na casa à noite era namorado da filha.
- 8- Algo lhe ocorreu e ele nervoso pos-se de imediato a checar a casa. Faltava o CD player, faltava a máquina fotográfica, faltava a impressora do computador.
- 9- É um absurdo ela levar um monte de namorado para casa de seus pais isso aí é muito constrangedor tanto para ela quanto mais para seus pais e toda sua família.
- 10- É muito deselegante para sua mãe que sabe que não pode ficar confortável porque tem um homem dentro de casa.
- 11- Sim, porque eu iria explicar tudo que ele iria fazer, usar meus sentidos para que ele não tenha um acontecimento desagradável tipo tomar cuidado para que não tenha filhos nem uma doença.
- 12- Ficaria despreocupado porque sabia que eu ia tomar todos os cuidados e ela sabe que pode confiar em mim.

OS. Sexo Masculino – 15 anos

- 1- O motivo de acontecer algo com a filha e ele se responsabilizar sob algum erro que a filha cometeu.
- 2- Mas; relação de exigência.
- 3- A razão é que se ela pedisse para ir dormir na casa do namorado o pai não deixaria.
- 4- O motivo dele degustar a mortadela mais fina e comer toneladas do melhor requeijão.
- 5- Satisfeito, comer o presunto e o requeijão.
- 6- Porque ela não parava de trocar de namorado.
- 7- A conclusão de ser muitos namorados.
- 8- Desistiu. Desistiu de decorar os nomes dos namorados.
- 9- É um comportamento muito estranho, porque de domingo a domingo ela está com um novo namorado.
- 10- Eu penso o seguinte, porque a filha pode ser de menor e pode acontecer qualquer coisa com ela.
- 11- Assim, se ela fosse de maior, tudo bem. Se não eu não deixaria e se fosse um filho ia ser a mesma coisa.

12- Eu acho que meu pai e nem a minha mãe deixaria eu levar nenhuma menina, mas se eu fosse de maior tudo bem.

FP. Sexo Masculino – 16 anos.

- 1- Ele prefere que a filha durma na casa dele por motivo de segurança.
- 2- Mas, de condição.
- 3- Por ela estar em casa ela tem mais comodidade.
- 4- O abundante café da manhã.
- 5- Porque, explicação.
- 6- Suceder. Essa palavra diz que a filha gostava de trocar de namorado constantemente.
- 7- A conclusão que ele chegou foi: “Se está na mesa do café da manhã, era namorado”.
- 8- Se. Conclusão.
- 9- Na minha opinião é um comportamento muito exagerado para uma adolescente.
- 10- Eu acho que a decisão dele não foi muito sensata porque quando se dar muita liberdade na hora de impor regras a filha pode não aceitar.
- 11- Dependendo da idade, sim. Porque é melhor que ela durma em casa com o namorado do que na casa dele. Eu manteria a mesma opinião.
- 12- Não faço a mínima ideia.

JU. Sexo Masculino – 14 anos.

- 1- Por motivo de segurança, proteção e interagir com o namorado da filha.
- 2- Mas. De condição.
- 3- Vida amorosa em domicílio o que mais podia desejar? Perfeito.
- 4- O abundante café da manhã em família.
- 5- Porque. Explicação.
- 6- Suceder. Que a filha troca de namorado constantemente.
- 7- Se estava na mesa do café da manhã era namorado.
- 8- Se. Conclusão.
- 9- Normal. É muito normal para a sua idade.
- 10- Eu penso que o pai está correto porque ele deve apoiar sim a sua filha.
- 11- Sim porque eu não interferir na vida dela. Também deixaria.
- 12- Um pouco mais sérios.

ANEXO D – COMENTÁRIOS PRODUZIDOS NA SEGUNDA ATIVIDADE – TRABALHANDO COM DIFERENTES GÊNEROS

G1: Letra de Música – Respeita as Mina

Concordo porque não importa o que a mulher está vestida, ela deve ser respeitada sempre. A mulher não se veste para agradar os outros e sim para se sentir bem, então isso não significa que você pode colocar a mão porque mulher não é posse de ninguém. Mulher é para ser respeitada e não julgada.

G2: Notícia – Mulheres na engenharia: conquistas e desafios

Por mais que as mulheres sejam a maioria em títulos acadêmicos a serem recebidos ainda assim encontra-se dificuldades em outras áreas de trabalho, como por exemplo: engenharia civil, entre outras. Não por serem desqualificadas mas sim por serem mulheres. Então quer dizer que só por ser mulher tenho que ser desvalorizada? Tenho que ganhar menos por não ser homem? Tenho que continuar sofrendo com o machismo em pleno século XXI? Nós somos a maioria então não podemos nos calar ou baixar a cabeça para esses tipos de atitudes. Então, eu e meus colegas concordamos que a mulher tem sim que lutar para ter o seu lugar.

G3: Artigo de Opinião – Mulheres no poder: um incômodo necessário

Eu e meus colegas chegamos a conclusão de que as mulheres devem ficar com a responsabilidade de continuar lutando por uma sociedade mais justa e igualitária entre homens e mulheres.

G4: Entrevista: Mulher deve ser maternal e parar de culpar o homem

Ela diz que é 100% feminista, no entanto, afirma que "Mulher deve ser maternal parar de culpar os homens". Além disso, fala que é contrária à ideologia feminista do presente, que é doente, indiscriminada e neurótica. Então, somos doentes só porque queremos igualdade ou porque exigimos respeito? E se somos doentes só porque exigimos direitos iguais, ela é o quê?

Ao dizer: "Que muitos dos comportamentos machistas, arrogantes e estúpidos são formas tortas do homem dizer que não está sob o poder da mulher". Uma antifeminista hipócrita diz que é a favor dos transgêneros, porém, acha que transformar o corpo é uma ilusão, é uma anormalidade congênita. Então os transgêneros são anormais só porque se sentem bem com o seu corpo? Para serem felizes e não para agradar ninguém?

Embora diga que adora qualquer performance e afirma que essas meninas que fazem isso são totalmente incoerentes ideologicamente. E também diz que uma mulher bonita, com

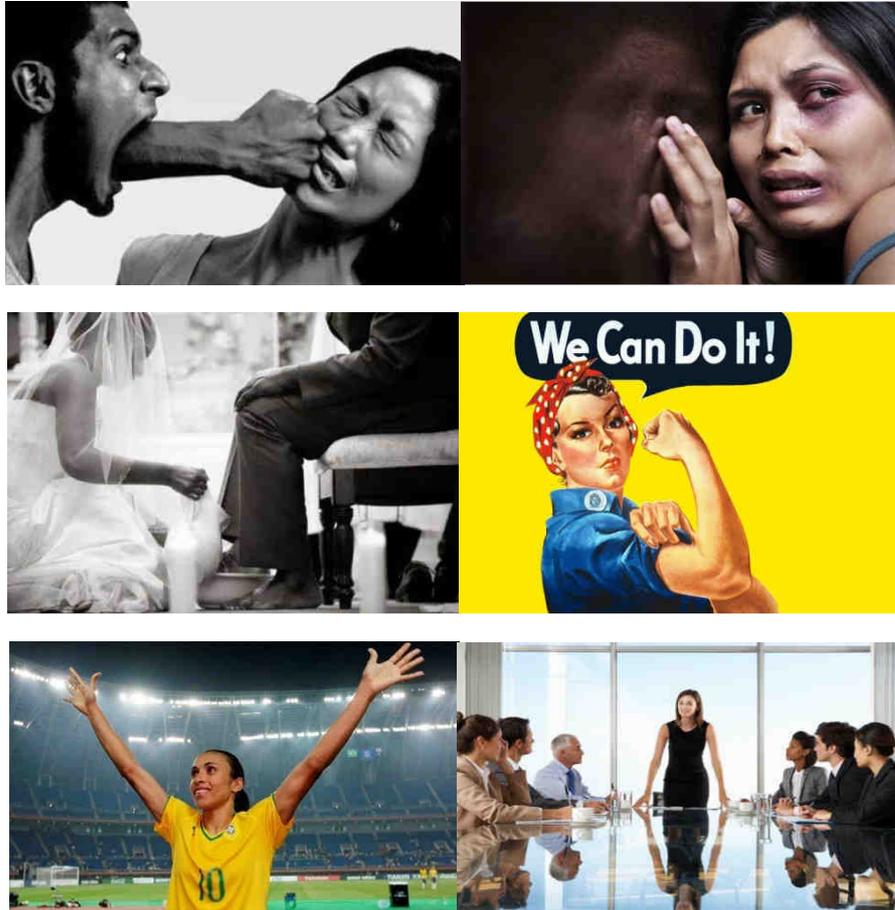
belos seios e palavras desenhadas demonstra o nível de insanidade do feminismo radical atual.

Aliás, diz que acredita que roupas comunicam algo sobre você naquele momento como Eu sou uma mulher que gosta de sexo e estou pronta para receber ofertas e que mulheres não devem se vestir como elas querem porque só uma idiota acha que vai para as ruas de vestimentas provocativas sem correr o risco de ser atacada. Mesmo ela sabendo que a roupa não fala nada sobre você e não significa que você deve ser atacada por isso.

E ainda critica Madonna por ter tirado fotos sexy porque para ela mulheres mais maduras não devem mostrar o corpo e diz também que foi uma desgraça artística porque ela não podia expor seu corpo naquela idade e que ela não deveria estar competindo com mulheres jovens cujos corpos são belos e ainda diz que ela parecia uma prostituta decadente.

ANEXO E – COMENTÁRIOS PRODUZIDOS NA TERCEIRA ATIVIDADE – OPERADORES EMPODERADOS

- Imagens utilizadas para a elaboração dos comentários.



G1: Imagem We can do it

Ela quer dizer que consegue fazer coisas que o homem faz porque ela é forte e tem força, ou seja, é capaz de fazer.

G2: Imagem Noiva aos pés do homem

Apenas porque ela se casou quer dizer que tenha que entrar num relacionamento abusivo? Que tenha que se submeter a todas as humilhações e coisas que um homem quer que ela faça. Aliás, ela é sua mulher e não seu objeto.

G3: Imagem Marta

Essa mulher faz um papel importante em nosso futebol feminino, pois ela representa que não só o homem pode jogar futebol. Logo, ela luta pelos direitos iguais no campo de futebol.

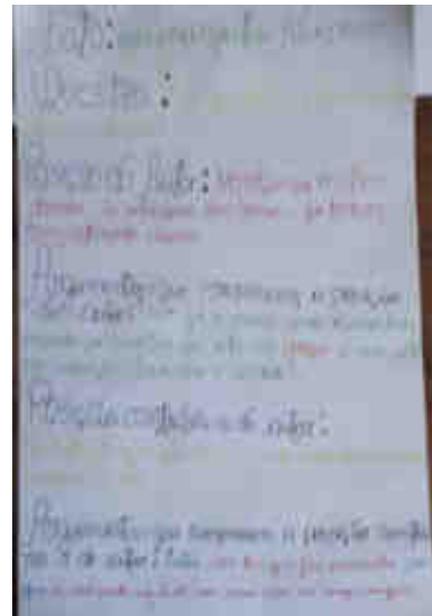
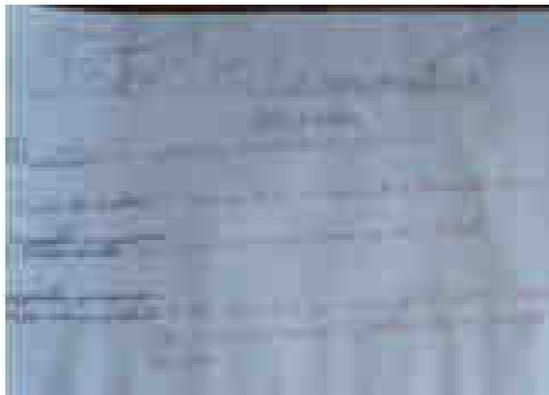
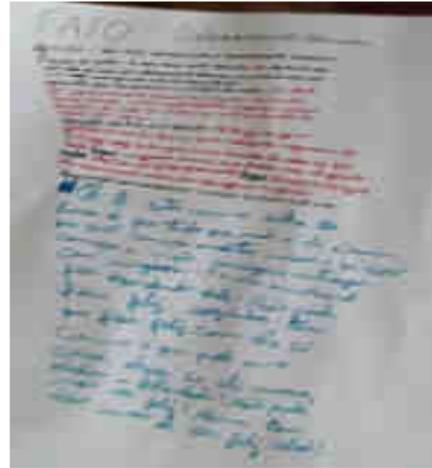
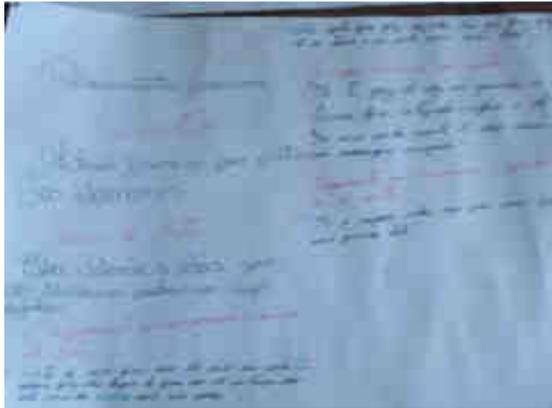
G4: Imagem Mulher em posição de chefia

Visto que as mulheres ocupam maior parte da população brasileira, por que elas não poderiam ocupar cargos superiores nas empresas como os homens? Já que um homem pode

comandar uma empresa, por que não as mulheres? Por mais que os homens digam que não temos a mesma capacidade, não só no dia a dia mas também nas áreas que trabalhamos nós provamos sermos totalmente o contrario do que eles dizem ao ocuparmos cargos superiores.

ANEXO F – MAPA CONCEITUAL PRODUZIDO A PARTIR DO VIDEO BATOM VERMELHO – JOUT JOUT.

- Fotografias retiradas das cartolinas produzidas pelos estudantes.



ANEXO G – QUARTA ATIVIDADE - ROTEIROS ELABORADOS PELOS GRUPOS

Roteiro Grupo 01

Esse não vai ser um vídeo fácil de gravar, mais muitas pessoas ouvir isso, e não só ouvir mais também ver que as mulheres não foram feitas para serem capaxo de homem mais sim para serem inpoderadas.

O inpoderamento feminino se trata de mulheres poderosas, mas também de casos de mulheres que não se acham tão inpoderada.

As mulheres inpoderadas são mulheres livres, leve e sotas para fazerem o que bem quiser e entender da sua vida, sem ninguém precisar da paupite nenhum.

Já as mulheres que não se acham tão assim, pensam que deve fazer de tudo pra agradar o marido mesmo sem ele merecer, e se ela trabalha fora de casa recebe menos que o previsto e não o esperado.

Já os homens não tem que receber tudo certinho só pelo fato de serem homem.

Bom, eu acho que nenhuma mulher precisa ser inferior ao homem só pelo fato de serem mulheres. Os salários tem que ser igual e também serem respeitadas por toda a sociedade e não esculaxadas por elas.

Roteiro Grupo 02

Fala pessoal meu nome é raylane e esse é um vídeo com um tema muito abordado no nosso dia a dia com 5 frases que as mulheres não suportam mais ver ou ouvir.

Vou estar reagindo a elas observando que são ditas não só por homens machistas como também mulheres machistas. Que falam em seu contexto que mulheres são feitas apenas para cozinhar e que con certeza a maioria já ouviu isso!

(Mulher que bebe é cachorra!)

- Se um homem bebe, uma mulher não só pode como deve, agora os dois exercendo um limite principalmente com seus comentários.

(Se usa batom vermelho é porque é puta!)

- Puta, um batom não define quem uma pessoa é. Só diz o quanto ela se sente bem e bonita o usando. Ela usa para se arrumar pra ela não pra te agradar!

(Você fala muito palavrão, você é menina, deveria ser mais delicada!)

- Cara ela tem boca e total autonomia para fazer, ser ou dizer o que desejar, independente de qual seja sua reação. Você não tem nada a ver com a vida dela.

(Mulher reclama de não receber o mesmo salário que um homem. Quero ver fazer o que ele faz por ele!)

- Nós mulheres não queremos supremacia de ninguém, apenas queremos igualdade de direitos! E para você senhor machista ela cuida da casa, trabalha, cuida dos filhos e ainda cuida de você tá.

Agora a boa e velha frase que todo mundo já escutou e que com certeza deixa todo mundo irritado porque sempre, sempre na maioria dos casos sai da boca de uma mulher machista.

(Se ela usa shorts curtos, ela não deveria reclamar se for estropada!)

- Então você tá dizendo necessariamente que se eu me sentir confortável numa roupa, que eu me sinta bem realmente com ela, eu vou ter que tirar porque um homem de mente pequena vai me estropar? Se você é um homem de verdade, você respeita!

Feminismo não é o machismo ao contrário. Feminismo é a igualdade não a supremacia qualquer que seja a liberdade por qual lutamos está baseada em (igualdade).

Roteiro Grupo 03

Bom dia. Boa tarde. Boa noite. Não sei que horas vocês devem estar assistindo este vídeo, mais não pare por aí.

Vão dando logo o laike e fazendo seus comentários que serão bastante essencial para eu saber se vocês gostaram.

Esse vídeo hoje vai falar sobre empoderamento feminino. E para começar nós vamos mostra a opinião de duas pessoas sobre o que é isso porque não só eu e meus colegas que precisamos saber o que é, mais todo mundo precisa saber o que é.

Rola o vídeo!

Acabamos de assistir dois vídeos de duas pessoas na opinião delas falando sobre empoderamento feminino.

Aí pergunto a vocês, vocês sabem o que é empoderamento feminino?

Empoderamento feminino é a luta para a segurar que as mulheres tenham voz, vez e que nós mulheres possamos ocupar todos os espaços com segurança.

É em casa, é no trabalho, na rua e em diversos lugares.

Aí pergunto a vocês novamente, vocês concordam?

Claro que eu concordo. O mundo machista acham que o nosso lugar como mulheres é está em casa, lavando, passando, servindo eles. Mas não, vocês mulheres que acham isto estão

enganadas. O meu lugar, o seu lugar como mulher é onde você quiser, onde você se sentir melhor.

Aí vocês mim pergunta...Mais Idila porque céus você pensa dessa forma?

Pelo fato de que eu estou cansada de dizerem que mulher não tem capacidade de ocupar o espaço dos homens. Que o lugar delas é ser uma escrava dentro de casa, que o lugar dela é para gerar. Então, mulheres, vamos juntas mostrar para o mundo que nós podemos ocupar todos os espaços masculinos e o que quisermos, porque se os homens consegue ser governante e porque nós mulheres não?

Conseguimos, sim, porém juntas!

Roteiro Grupo 04

Mulher não pode gostar de futebol? Não pode falar palavrão? Não pode beber? Me apresenta uma mulher perfeita?

Feminismo, além de ser a busca por igualdade de gênero é sororidade, empoderamento.

Mulheres querem ser iguais aos homens? Mentira. Quem defende o empoderamento feminino quer que as mulheres tenha direitos iguais aos dos homens isso é bem diferente de querer ser um homem.

Uma mulher pode gostar de assistir futebol, sim. Gostar de futebol não é só coisa de homem é coisa de quem gosta.

Tem mulheres que prefere assistir novela, ler um bom livro, ver filme romântico, cada uma tem seu jeito e seus gostos. O que queremos é fazer o que gostamos e não ficar ouvindo críticas.

ANEXO H – TRANSCRIÇÃO DOS VÍDEOS

Grupo 01

Oi gente, meu nome é Thaynara. Esse não vai ser um vídeo fácil de gravar, mas muitas pessoas precisam ouvir isso e não só ouvir como também ver que as mulheres não foram feitas para serem capachos de homens, mas sim para serem empoderadas.

O empoderamento feminino se trata de mulheres poderosas, mas também de casos de mulheres que não se acham tão empoderadas. (Pausa)

As mulheres empoderadas são mulheres livres, leves e soltas para fazerem o que bem quiser e entender da sua vida sem precisar de palpite nenhum de ninguém. (Pausa) Já as mulheres que não se acham tão empoderadas pensam que devem fazer de tudo para agradar um marido mesmo sem ele merecer.

Se trabalha fora de casa, recebe menos que o previsto, não esperado. Já os homens, não. Tem que receber tudo certinho só pelo fato de serem homens. (Pausa)

Bom, eu acho que nenhuma mulher precisa ser inferior ao homem só pelo fato de serem mulheres. Os salários tinham que ser iguais. (Pausa) Os salários tinham que ser iguais. E serem re...respeitadas por toda a sociedade e não serem esculachadas por elas. Esse foi o meu vídeo. Obrigada.

Grupo 02

Fala, pessoal! Meu nome é Raylane. E esse é um vídeo com um tema muito abordado no nosso dia a dia com cinco frases que as mulheres não suportam mais ver ou ouvir.

Estar reagindo a elas, observando que são ditas não só por homens machistas como também mulheres machistas que falam em seu contexto que mulheres são feitas apenas para cozinhar. (Pausa) E que com certeza a maioria já ouviu isso. (Pausa)

Mulher que bebe é cachorra. (Pausa)

Se um homem bebe, a mulher não só pode como deve. Agora os dois, exercendo um limite, não é? Principalmente com seus comentários. (Pausa)

Se usa batom vermelho (Pausa) é porque é puta. (Pausa)

Putá? (Pausa) Um batom não define quem uma pessoa é, só diz o quanto ela se sente bem, bonita o usando. Ela usa para se arrumar pra ela e não pra te agradar. (Pausa)

Você fala muito palavrão. Você deveria ser mais delicada. Você é uma menina. (Pausa)

Cara, ela tem boca e total autonomia para fazer, ser ou dizer o que desejar independente de qual seja a sua reação. Você não tem nada a ver com a vida dela. (Pausa)

Mulher reclama de não receber o mesmo salário que um homem. Quero ver ela fazer o que ele faz por ele. (Pausa)

Nós, mulheres, não queremos supremacia de ninguém apenas queremos igualdade de direitos. E para você, senhor machista, ela cuida da casa, trabalha, cuida dos filhos e ainda cuida de você, tá?! (Pausa)

Agora, a boa e velha frase que todo mundo já escutou e que com certeza deixa todo mundo irritado porque sempre, sempre, na maioria dos casos, sai da boca de uma mulher machista. (Pausa)

Se ela usar shorts curtos, ela não deveria reclamar se for estuprada. (Pausa)

Então, você está dizendo, necessariamente, que, se eu me sentir confortável com uma roupa, que eu me sinta bem realmente com ela, eu vou ter que tirar porque um homem de mente pequena vai me estuprar? Se você é um homem de verdade, você respeita.

Femismo não é o machismo ao contrário. Feminismo é a igualdade não a supremacia qualquer que seja a liberdade por qual lutamos está baseada em igualdade.

Grupo 03

Bom dia. Boa tarde ou boa noite. Eu não sei que horas...eita...(Risos) Eu não sei que horas vocês estão assistindo esse vídeo aqui, mas não parem por aí, vão dando logo *like* e fazendo seus comentários que serão bastante essencial para eu saber se vocês gostaram.

Esse vídeo, hoje, vai falar sobre empoderamento feminino. E para começar, vou mostrar a opinião de duas pessoas falando sobre empoderamento feminino. (Pausa)

Aí eu pergunto a vocês: vocês sabem o que é empoderamento feminino? Empoderamento feminino é a luta para assegurar que as mulheres tenham voz, tenham vez e que nós, mulheres, possamos ocupar todos os espaços com segurança. É em casa, no trabalho, é aonde (Pausa) quisermos. Até mesmo na rua!

Vamos lá ao vídeo! (Pausa com fundo musical)

Opinião 1: O feminismo é um movimento que atua pelos direitos de igualdade entre homens e mulheres na sociedade. Na atualidade, nós estamos vendo cada vez mais mulheres se empoderando e tendo es...tendo visão do nosso espaço, do nosso espaço. Nós estamos saindo das, das cozinhas de casa, indo pras ruas lutar, juntas, pelos nossos direitos de liberdade, igualdade e respeito na sociedade. (Pausa) Nós também lutamos pelo fim do

machismo e vale lembrar que o machis...que o feminismo não é o contrário do machismo uma vez que o machismo enaltece e favorece o sexo masculino sobre o feminino. Nós lutamos. (Pausa) Nós lutamos contra tudo que oprime e diminui a mulher em sociedade.

Vamos agora ao outro vídeo! (Pausa com fundo musical)

Opinião 2: Acho que empoderamento feminino tem a ver mais com a mulher se amar em primeiro. Se a gente for reparar tudo que as pessoas vão dizer por causa do seu jeito (Pausa)...é...por causa do que você veste...Ah essa roupa não está boa...Essa roupa tá muito curta (Pausa). Ah...é...Primeiro as pessoas. As mulheres primeiro tem que se unir bastante que...é...principalmente contra o machismo tá acontecendo muito. (Pausa) É...antigamente também acontecia muito com o machismo que a mulher não podia ir para a escola. De uns tempos pra cá. Eu acho que hoje em dia as pessoas têm amor próprio. Eu acho isso muito legal porque (Pausa) sei lá a pessoa tem que amar ela em primeiro lugar, tem que se valorizar mais é...não se importar com o que as pessoas vão dizer. Só porque eu saio na rua com short curto e passo na esquina e tem um homem na esquina não quer dizer que eu tô dando ousadia pro homem. É...tem essa coisa do assédio também. (Pausa) Acho que as. Acho que a gente não devemos ligar para isso. Acho que a gente tem que amar. Ter amor próprio mesmo.

Volta a fala da aluna.

Aí eu pergunto a vocês novamente: vocês concordam? Claro que eu concordo! O mundo é machista. Acha que nosso lugar como mulher é na...cozinha, lavando, passando, servindo pra eles, mas, vocês, mulheres que pensa desta forma está enganadíssima porque o meu lugar e o seu lugar como mulher é aonde bem quisermos, bem entendermos. Entende? Tem uma noção disso? (Pausa)

Aí vocês me perguntam mais uma vez: Mas, Idila, por que céus você pensa dessa forma? Heim? Pelo fato de que eu estou cansada de dizerem que mulher não tem capacidade de ocupar os espaços dos homens (Pausa), que o lugar delas é pra ser escrava dentro de casa (Pausa), que ela só serve pra gerar filhos. Gente, pela amor de Deus. Coloque essa cachola de vocês aí que pensa dessa forma que o lugar de vocês é em casa. Vocês, mulheres, bote um pouquinho nem que seja um pouquinho, por...durante 10 minutos pra pensar. (Pausa). Bote pra pensar 10 minutinhos. (Pausa)

Então, mulheres, vamos juntas mostrar para o mundo que nós podemos ocupar todos os espaços masculinos, os espaços que nós quisermos. (Pausa)

Por que se o homem consegue ser governante, por que nós, mulheres, não? (Pausa) ãhn? Conseguimos, sim, porém, juntas. Vamos lá!

Grupo 04

Uma mulher não pode falar palavrão. Não pode gostar de futebol. Não pode beber. Me apresenta uma mulher perfeita! (Pausa)

Feminismo além de ser a busca pela igualdade de gênero, sonoridade, é empoderamento. Mulheres querem ser igual aos homens? Mentira! (Pausa)

Quem defende o empoderamento feminino quer que as mulheres tenham direitos iguais aos dos homens isso é bem diferente de querer ser um homem. (Pausa)

Gostar de futebol não é só coisa de homem. É coisa de quem gosta. (Pausa)

Tem mulheres que preferem assistir novelas, ver filmes românticos (Pausa), ler um bom livro. Enfim. (Pausa)

Cada um tem seu jeito e seus gostos. (Pausa)

O que queremos é fazer o que gostamos. (Pausa) E não ficar ouvindo críticas. (Pausa)

Uma mulher pode ser o que quiser.

ANEXO I – TRECHOS DAS MESAS TEMÁTICAS

Mesa 01: A presença da mulher no esporte

“A altura da rede não quer dizer nada porque o jogo é feito de habilidade. A rede é maior porque o homem é maior do que a mulher. Se você colocar uma rede que é maior para uma pessoa que é menor não tem como o jogo acontecer por uma questão de habilidade.” (RY)

“Nada a ver porque a altura dos homens e a das mulheres é praticamente iguais. Eles conseguem pular na mesma altura e alcançar a bola.” (FP)

“E o porte físico?” (CK)

“Então, se eles têm o porte físico melhor, se eles se esforçam mais, merecem receber mais.” (FP)

“Como você sabe que os homens se esforçam mais? Você tá dizendo que mulher não tem capacidade pra ganhar um jogo, para exercer uma boa função dela, no que ela faz?” (MY)

“Eu não disse isso. Eu disse que os homens se esforçam mais. Então, se elas querem ganhar o mesmo salário, que joguem igual aos homens. Aumente a altura da rede que eu concordo com tudo.” (FP)

“Ela tem que ganhar menos porque a rede é mais baixa? E as habilidades dela? Não conta, não?” (SD)

“Mas, é mulher versus mulher. Não é mulher versus homem. Aumente a rede.” (FP)

“Mesmo com a rede mais baixa, as mulheres têm mais medalhas e mais títulos.” (MY)

“Exatamente. Para os homens é mais difícil. Eu não tô falando de medalhas. Eu tô falando da diferença do nível de jogo. O que custa aumentar a altura da rede? Não é mulher versus mulher? Aumente a altura da rede e eu concordo com tudo. Vocês querem salários iguais, mas jogando em condições diferentes.” (FP)

“Queremos salários iguais porque temos a mesma capacidade e damos o nosso melhor e fazemos o possível pra vencer um jogo.” (MY)

“E exercemos a mesma função que um homem dentro de quadra. Você disse que o esforço da mulher é menor e então por isso devem receber menos mas a função exercida é a mesma.” (SD)

“Se a capacidade é igual, a altura da rede deveria ser igual para os dois.” (FP)

“Você precisa entender que o porte físico de uma mulher não é o mesmo porte físico de um homem.” (CK)

“Isso é biologia”. (SD)

“Tanto homens quanto mulheres se esforçam dentro de seus limites. É uma questão de porte. Cada um tem o seu. Ninguém é igual a ninguém. Você tem que entender a diferença.” (MY)

“Não é porque a rede é 10cm mais baixa que a mulher tem que se submeter a um salário menor. Ela se esforça dentro do que sua estrutura biológica permite.” (SD)

“Vamos dizer que o homem é mais alto que a mulher. Em questão de tamanho e porte físico e não em condicionamento físico. Isso é muito diferente. Eu concordo que para as mulheres tem que baixar 10cm, sim, porque o porte físico delas é menor, sim, mas não o condicionamento físico, mas não tem nada a ver com capacidade.”(CK)

“Marta foi eleita a melhor jogadora do mundo e ganha menos que Neymar que nunca ganhou. Ela tem menos capacidade que ele?”(SD)

“Não. Por isso eu não falei de futebol. No futebol o esforço é igual. Eu tô falando da diferença. No vôlei tem diferença e por isso eu acho justo mulheres ganharem menos. Esportes diferentes, padrões diferentes.” (FP)

“Isso é porque vocês não aceitam perder para as mulheres. Você não aceita que as mulheres tenham mais títulos. Você disse isso sem saber que estava dizendo.” (CK)

Mesa 02: A mulher no mercado de trabalho

“Durante muito tempo, as mulheres não tinham o direito de trabalhar. Seu dever era cuidar da casa e dos filhos. As mulheres teve muita dificuldade para entrar no mercado de trabalho. Só por causa da maternidade, a mulher tem que pagar por não trabalhar. Só porque a mulher vai ter um filho não quer dizer que ela vai ser inútil. Nós, mulheres, temos a capacidade e o poder de trabalhar em qualquer setor, não importa qual seja a situação. Nos podemos trabalhar como qualquer ser humano masculino. Na sociedade tem muito machismo e desigualdade. A sociedade ainda pensa que a mulher foi feita para reproduzir e não para trabalhar. Nós temos que quebrar esse preconceito e mostrar que podemos trabalhar, que podemos aprender coisas que nunca imaginamos. Não temos que ficar só em casa. Nós temos que poder escolher nosso próprio trabalho até porque somos a maioria.” (VT)

“Quando a mulher sofre assédio no trabalho, quando é pelo colega de trabalho, elas vão até o patrão, até o gerente e explica o que aconteceu e o patrão diz que não foi assédio. Diz que não vai demitir todo mundo que falar alguma coisa que a mulher não goste. O patrão acaba pensando que deveria parar de contratar mulheres porque elas não sabem se conter por conta do assédio. Os homens é que não sabem se conter. Sem contar que o salário delas é menor que o dos homens. E o patrão ainda reclama da licença maternidade porque diz que gasta dinheiro para a mulher não trabalhar. Então, as mulheres sofrem assédio sexual e moral devido ao machismo. Isso é um absurdo. Não deveria ter diferenças entre nós.” (RB)

“Eu concordo. Se o homem e a mulher têm a mesma capacidade, tinha que receber a mesma quantidade. E o fato dela engravidar não faz dela pior que os outros.” (DN)

“Qual a vantagem de se contratar uma mulher?” (ED)

“A mulher é mais delicada, tem mais gentileza de tratar as pessoas e o homem é mais bruto.” (RB)

“A mulher tem mais educação.” (VT)

“A mulher não tem capacidade, não? É só porque ela é delicada? É isso?” (SD)

“A mulher é mais delicada. Trabalho pesado, então, ela não pode fazer?” (FP)

“A mulher é que tem que escolher onde quer trabalhar. E se ela quiser trabalhar no pesado? Que trabalhe!” (VT)

“Você acha certo uma mulher engravidar e continuar recebendo?” (RD)

“Ela tava trabalhando. Parou para ter o menino, né? Como ela vai comprar as coisas do menino se não vai receber?” (DN)

“Depois que a licença acabar, ela volta a trabalhar do mesmo jeito, ué” (VT)

“Mas, ela não vai cobrir o tempo que ficou parada, né?” (RD)

Mesa 03: Sexualidade Feminina

“Eu acho que é de boa, velho. O pai dela apoiou ela trazer o namorado dela pra casa, ele falou que podia namorar, mas em casa. Então, se o pai dela apoiou, se o pai dela aceitou...Esse é meu ponto de vista, se o pai dela deixou, ele é o responsável por ela. Ela é de menor e ele deixou. Então, ta de boa.” (CK)

“O texto serve para mostrar que cada ação tem uma consequência. A consequência do pai deixar ela dormir com vários namorados foi o assalto como poderia ter sido outra. Ela aparecer grávida ou mais coisas, pegar alguma doença, por isso está errado. Ele deveria pensar melhor, ele não poderia deixar a filha dormir toda semana com um namorado diferente. Ela poderia dormir, mas toda semana? Precisava disso? Acho que não.” (FP)

“Eu não concordo. Do mesmo jeito que aconteceu o roubo, podia ter sido algo pior. Algum poderia ter matado ela, estrupar, ela pegar algum tipo de doença, engravidar e não saber quem é o pai.” (GD)

“Dela dormir com o namorado, eu sou a favor. Agora, ele deixar ela dormir em casa, eu sou contra.” (ED)

“Ela é livre. Ela é desimpedida. Ela não tava na rua com ninguém. Ela estava na casa dela e não tem nada a dever a ninguém. Então...E se não fosse uma menina? Se fosse um menino trocando de namorada toda semana? Vocês iriam achar normal?” (CK)

“É mais fácil para um homem do que para uma mulher, na sociedade. Se eu tiver pegando várias meninas, vão dizer que eu sou pegador. Se for uma mulher, é puta. Um homem levar várias namoradas para casa é normal, já uma mulher...Eu fui criado do jeito da minha mãe e do meu pai e, não vou mentir, meu pai traia minha mãe e minha mãe não podia trair meu pai.” (ER)

“Aí você vai ser assim porque foi criado assim? Não pode mudar, não?” (CK)

“A mulher tem a honra dela, a virgindade. A mulher vai sair falada pelo fato de dormir na casa do namorado. Todas as mulheres esperam pelo momento certo.” (ED)

“Vocês têm que entender que a mulher tem todo o direito. Se ela quiser dormir com um e com outro, ela pode. É um direito dela. Porque o homem tem o direito e a mulher não?” (CK)

“Ela até pode, mas ela tem que arcar com as consequências. Aguentar as pessoas falarem dela. Ela não pode reclamar se receber crítica dos outros.” (MR)

“Você vai dar liberdade a uma filha mesmo sabendo que um namorado pode matar ela?” (FP)

“O que vocês não estão entendendo é que ela é livre. Não sou eu que dou liberdade a ela. Não é porque ela pode morrer que não pode dormir com ninguém. Todos nós podemos morrer.” (CK)

Mesas 04 e 05: Relacionamentos Abusivos e Violência Doméstica

“É difícil definir quando a pessoa está em um relacionamento abusivo, mas as características de um abusador, de uma pessoa abusiva é ciúmes e possessividade exagerada, controle de ações e opiniões do companheiro, agressões física e verbal. O cara te afasta dos seus amigos, faz pensar que suas virtudes são defeitos, baixa sua auto-estima. Você vive num poço de angústia e depois ele te pede desculpa como se nada tivesse acontecido porque é amor. Não é amor quando você vive uma prisão física e mental. Mas, a frase que eu sempre escuto é que o amor supera tudo. Esse tudo são situações como doença ou dificuldade financeira, não agressões. Então, mulheres, não vamos nos submeter a homem nenhum. Liberte-se. Não é porque você é mulher que deve obediência ao homem.” (SD)

“Eu tenho casos sobre isso na família. Uma tia até se matou por conta disso. É complicado.” (CY)

“A violência doméstica é comum nos dias de hoje. Muitos casais estão em um relacionamento em que um dos companheiros não pode sair. Se você está casada comigo, você não pode ir a um lugar se eu não for. Se eu não vou, você não vai. E a violência doméstica não é algo só físico, agressão física, também é mental, psicológica e muitas vezes, as vítimas até levam isso como uma forma de cuidado, até mesmo de zelo. E muitas não saem dessa situação porque alegam depender financeiramente do parceiro. Mas, gente, não fiquem em um relacionamento assim, isso pode custar a vida.” (MY)

“A violência acontece por culpa de ambas as partes. Não parte só do homem. Pode vir também das atitudes da mulher, pode surgir daí. Tipo assim, o cara chega em casa e pega a mulher com outro. Ele vai agredir. O sangue sobe. Não tem esse que não vai fazer nada. Ele vai partir para a agressão.” (MR)

“Então, quer dizer que tem um extremo, um ponto que quando chega ali o homem tem que bater?” (SD)

“Se o cara dá tudo a uma mulher, ele trabalha o dia todo e quando chega em casa e a comida não está pronta. Se ele bater vai estar errado? Ela provocou.” (MR)

“Se você não está satisfeito com a situação é só terminar. Não precisa bater.” (MY)

“A questão não é bater. É a mulher que não fez sua obrigação. Não custa fazer a comida.” (MR)

“E se fosse o contrário? Se a mulher chegar em casa e a comida não estiver pronta, ela pode bater nele?” (SD)

“É só chegar e conversar. Dizer: olha, não ta dando certo. Vai cada um pro seu lado e pronto.” (MY)

“O cara larga a mulher, ok. Mas, uma mulher que não cuida de um prato de comida, vão conseguir se cuidar? Eu acho que não.” (MR)

“A mulher não precisa de homem pra sobreviver, o fato de não fazer comida para o homem não significa que não vá fazer pra ela.” (MY)

“Você quer uma mulher para quê? Para que ela lhe sirva? Porque é isso o que você está afirmando o tempo todo.” (ID)

APÊNDICE A – TOMADA DE NOTAS DAS AULAS REALIZADAS

Registro 01: 10/07/2018

Início: 13:30

A professora divide a turma em trios. Em seguida, diz que eles têm cinco minutos para elaborar e produzir um vídeo de, no máximo, um minuto cujo tema é o cotidiano de uma adolescente e enviar para o grupo da turma no aplicativo Whatsapp ou para o whatsapp particular dela. Uma aluna pergunta se o grupo precisa aparecer no vídeo e a professora diz que não. Outro aluno pergunta se o vídeo pode ser uma montagem e a professora responde que sim. Alguns alunos escrevem no caderno outros mexem no celular. Duas meninas discutem se pedem ou não para a colega de outra turma gravar o texto que escreveram. Passados cinco minutos, a professora pergunta se terminaram a atividade e os alunos respondem que não. Um aluno pede à professora que deixe enviar o vídeo até o fim do dia. A professora concorda. Então, ela diz que passará para a segunda etapa e que retomará os vídeos no próximo encontro. A professora pede que os alunos voltem para os seus lugares sem arrastar as carteiras. Os alunos ajeitam as carteiras. A professora entrega aos alunos uma folha de papel ofício contendo um texto. Ela diz que esperem o comando para iniciarem a leitura silenciosa e individual ao mesmo tempo e enfatiza que para essa tarefa é necessário manter-se concentrado. A professora dá o comando. A leitura é iniciada às 13:40. A turma se mantém em silêncio. Às 13:50 alguns alunos começam a avisar que já acabaram a leitura. A maioria da turma permanece em silêncio lendo o texto. Um aluno chega durante a leitura do texto, pede à professora uma folha, senta-se e se põe a ler. Um aluno ri. Outra aluna diz que o texto “é uma onda”. A turma ri. Uma aluna pergunta se pode ler o texto novamente ao que a professora responde que sim. Os alunos, que haviam acabado a leitura, lêem o texto mais uma vez. Às 14:00 toda a turma indica ter terminado a leitura. A professora pergunta aos alunos o que acharam do texto. Um aluno diz que o texto é estranho, a professora pergunta por que e o menino diz que a personagem troca de namorado todo domingo. A turma ri. A professora pergunta se alguém quer falar mais alguma coisa. Uma aluna diz que achou o comportamento da menina ridículo e um aluno completa dizendo que o pai da menina é um besta. A professora pergunta se mais alguém quer falar. Uma aluna diz que o texto é interessante porque o pai deixava a filha dormir com o namorado em casa. Outra completa dizendo que isso demonstra confiança entre pai e filha e que dava sensação de liberdade. Um aluno disse que não, que o texto é esquisito justamente pelo pai não se incomodar que a filha durma em casa com o namorado. A professora pergunta se mais alguém quer falar e a turma fica em

silêncio. A professora então explica que o texto que acabaram de ler chama-se crônica. Diz que a crônica é um texto curto que remete a fatos do cotidiano. A professora diz que ela fará a leitura do texto e pede aos alunos que acompanhem a leitura prestando atenção ao uso dos operadores argumentativos e às palavras que o autor escolheu para construir o texto. Às 14:10 a professora inicia a leitura. Terminada a leitura, a professora pergunta que operadores argumentativos os alunos encontraram no texto. Uma aluna diz “mas e porque”. A professora pergunta se alguém encontrou outro diferente. Outra aluna diz “se e não”. A professora pergunta se só tem esses operadores no texto. Um aluno pergunta se a expressão “pelo menos é um operador argumentativo”. A professora pede que a turma olhe a tabela de operadores argumentativos que está no caderno e procurem a expressão “pelo menos”. Uma aluna diz que encontrou. A professora, então, pergunta que palavras do texto despertaram a atenção dos alunos. Um aluno responde: “apetite descomunal”. A professora pergunta por que. O aluno diz que a expressão pode ter dois sentidos. A professora pergunta quais. O aluno pergunta se pode mesmo dizer o que está pensando e a professora diz que sim. O menino, então, diz que o apetite descomunal pode se referir ao café da manhã em família que o namorado desfruta ou às relações sexuais que tem com a personagem da história. A turma ri. A professora pergunta à turma se todos concordam com o colega. Alguns respondem que sim. Uma aluna diz que não porque em uma frase anterior já aparece a palavra apetite referindo-se ao café da manhã. A professora pergunta se mais alguém quer falar sobre outra palavra presente no texto. A turma fica em silêncio. Então, a professora explica que colocará no quadro branco algumas perguntas referentes ao texto e que os alunos devem responder individualmente, numa folha de caderno que possa ser entregue e sem identificação, apenas com a idade e o sexo de cada um. Toca o sinal.

Registro 02: 10/07/2018

Início: 14:20

A professora coloca as perguntas no quadro e diz que os alunos não devem se preocupar se as respostas estão corretas, que apenas respondam da maneira que acreditam ser a melhor resposta e que não há um limite de linhas para responder. A professora ressalta que, se houver necessidade, a leitura do texto pode ser realizada novamente de forma individual e em silêncio. Enquanto a professora coloca as perguntas no quadro, alunos mexem no celular. Às 14:28 a professora termina de escrever no quadro branco e enfatiza que os alunos têm total liberdade para responder as perguntas. São 12 perguntas. Apenas um aluno não está copiando. Uma aluna está com o fone de ouvido enquanto escreve no caderno. Um aluno pergunta se

todo mundo precisa começar a responder ao mesmo tempo e a professora diz que não. Então, ele começa a ler o texto novamente. Alguns alunos já estão respondendo as perguntas sem ler novamente o texto. Uma aluna pergunta à professora o significado da palavra literalmente. A professora responde aplicando a palavra: Patrícia quebrou a cabeça, literalmente. A aluna pergunta se é a mesma coisa de Patrícia ter lascarado a cabeça e a professora acena que sim com a cabeça. A turma permanece em silêncio. Uma aluna pergunta algo sobre uma possível interpretação e a professora diz que a aluna deve responder de acordo com o que pensa. Silêncio. Às 14:45, oito alunos ainda copiam perguntas do quadro. O silêncio é interrompido por alunos que discutem a temática do texto. Um aluno diz que a personagem principal da história é o pai porque é ele quem deixa a filha dormir em casa com os namorados. Outro aluno diz que não, que a personagem principal é a menina porque é ela quem decide dormir com os namorados. Um dos alunos pergunta à professora quem está certo. A professora responde, sorrindo, que eles escrevam no caderno o que acreditam ser a resposta. O aluno insiste em saber a opinião da professora. Uma aluna diz para o colega desistir porque em dia de prova e de atividades “assim” a professora fica com amnésia e não sabe de nada. A turma ri. Um aluno chama a professora. Ela se levanta e vai até a mesa do aluno. Ele diz que não está entendendo nada. A professora pede que ele releia o texto e o assunto que tem registrado no caderno. O aluno diz que não tem nada no caderno. A professora, então, pede que ele tente responder. A professora volta para sua mesa. O aluno lê o texto. Uma aluna levanta e vai até a mesa de uma colega e lhe dá explicações sobre uma das perguntas. A menina volta para o seu lugar. A professora está sorrindo, sentada, enquanto escreve em um caderno. Silêncio. Às 15:10 a professora pergunta se os alunos já terminaram. A turma responde que não. A professora diz que faltam apenas 5 minutos para o intervalo. Uma aluna pergunta se a professora pode pedir à professora de inglês, durante o intervalo, para pegar alguns minutos da aula após o intervalo. A professora concorda. Silêncio. Os alunos estão escrevendo nos cadernos. Uma aluna olha pela janela. Duas alunas mexem no celular. Silêncio. Toca o sinal. Os alunos saem da sala com alvoroço e a professora pede para terem cuidado com as folhas dos textos e com a folha das respostas.

Registro 03: 10/07/2018

Início: 15:30

Os alunos entram na sala, ainda muito barulhentos. A professora pede silêncio. Pede para os alunos respirarem fundo porque o intervalo já acabou e que eles precisam se concentrar novamente. Os alunos riem. A turma fica mais calma. Um aluno pergunta quanto

tempo a professora de inglês concordou em ceder para finalizar a atividade. A professora diz que o aluno não se preocupasse com o tempo que apenas tentasse finalizar suas respostas. Silêncio. Um aluno pede para beber água. A professora concorda. Um aluno diz que o colega não volta tão cedo. Uma aluna chama a professora. A professora vai ao encontro da aluna que pede para a professora ler o caderno. A professora enfatiza que o que vale é o pensamento da aluna. Um aluno pergunta se pode responder usando as palavras que quiser. A professora diz que sim. Barulho no pátio. Uma aluna vai até a porta da sala e pede para fazerem silêncio porque o nono ano está realizando uma atividade de leitura. O barulho diminui. Uma aluna pergunta se pode usar a palavra que quiser mesmo que seja palavrão e a professora diz que a aluna deve refletir se deve usar ou não palavrão em suas respostas. Um aluno diz que a colega está querendo xingar a menina do texto porque ela, a colega, é machista. Barulho fora da sala de aula. Alguns alunos, de outra turma, estão brincando no pátio. Outra menina diz que, de repente, o alvo do xingamento pode ser o pai que foi quem permitiu a safadeza. O aluno que estava fora de sala de aula retorna, senta-se e mexe no celular. A professora sai da sala. Um aluno diz que quem deve ser xingado é o ladrão que roubou a casa do povo. A turma ri. A professora volta para a sala de aula e pede que os alunos se concentrem para terminar a atividade. O barulho externo cessou. Aos poucos o silêncio em sala é retomado. Às 15:40 os alunos começam a entregar as folhas à professora. Perguntam à professora se quem já terminou pode sair de sala e a professora diz que não. Os alunos que terminaram estão mexendo no celular. Silêncio. Um aluno está em pé olhando pela janela. Às 15:50 todos entregaram as folhas à professora. Ela diz que no encontro seguinte retomará os vídeos e as respostas que os alunos deram nessa atividade. Pede que os alunos permaneçam na sala porque a professora de inglês virá para a sala de aula.

Registro 04: 12/07/2018

Início: 12:45

A professora faz a chamada. Pergunta à turma o que foi aprendido sobre o gênero textual crônica no encontro anterior. Um aluno diz que é um texto pequeno. A professora diz que uma receita de bolo pode ser pequena, mas que não é a mesma coisa que uma crônica. Uma aluna diz que crônica tem que ter a ver com o nosso dia a dia. A professora concorda. A professora devolve aos alunos as folhas com as respostas. Pede que um aluno leia sua resposta para a primeira questão. O aluno responde que foi por questão de segurança. A professora pergunta se a turma concorda com a resposta do colega e os alunos dizem que sim. A professora pede que uma aluna leia sua resposta para a questão dois. A aluna responde: “mas,

relação de condição”. Um aluno diz que está errado porque mas é relação de oposição. A menina pede para o colega ler a frase e manda prestar atenção. A professora pergunta à turma se a palavra mas na frase: “Mas aqui em casa” é oposição ou condição. A turma responde que é condição. A professora pergunta qual é a condição. Um aluno diz que a menina não pode dormir com o namorado em qualquer lugar, apenas na casa do pai. A professora pergunta se todos concordam. A turma responde que sim. A professora pede que uma aluna leia sua resposta para a décima primeira questão. A aluna responde que permitiria que o filho ou a filha dormisse em casa com o namorado porque é melhor em casa onde ela pode vigiar do que na rua. Um menino diz que nunca deixaria uma filha dormir em casa com o namorado, que mulher não é criada para isso. A professora pergunta como seria se ele tivesse um filho. O menino responde dizendo que meninos são diferentes. Uma aluna chama o aluno de machista. A professora pergunta à turma o que é ser machista. Uma aluna diz que é quando o homem acha que pode tudo e a mulher não pode nada. Um menino diz que machista é quem bate em mulher. Uma aluna diz que não precisa bater em mulher pra ser machista e que mulheres também podem ser machistas. A professora recolhe as folhas e diz, então, que vai passar para os alunos os vídeos que recebeu e pede aos alunos que observem a questão do machismo e do lugar da mulher nos vídeos que serão exibidos. A professora mexe no computador e na televisão. Pergunta aos alunos quais as dificuldades encontradas para elaborar e produzir o vídeo. Um aluno disse que o mais difícil foi decidir sobre o que falar. Outro aluno completa dizendo que o mais difícil foi decidir como fazer. Uma aluna disse que o mais difícil foi escrever o texto para a colega gravar. . Toca o sinal. Os alunos se agitam. Um aluno pede para ir ao banheiro. A professora concorda.

Registro 05: 12/07/2018

Início: 13:30

Às 13:30 a professora passa os vídeos para os alunos. Durante a exibição dos vídeos, a turma fica em silêncio, atenta à televisão. Um dos vídeos, feito por montagem de imagem, provoca risos na turma. Um dos vídeos tem problemas de áudio e uma das alunas componente do grupo responsável pelo vídeo pede à professora que leia o texto que originou o vídeo. A professora pergunta por que alguém do grupo não lê ao que respondem que têm vergonha. A professora, então, pega o papel e lê. Dois alunos mexem no celular. A professora pergunta dos quatro vídeos quantos fizeram parecer que havia um texto escrito que deu base para a gravação. Os alunos respondem que foram três vídeos. A professora pergunta quais vídeos. Um aluno diz que apenas o vídeo feito por meio de montagem não foi originado de um texto.

A professora pergunta se o grupo que montou o vídeo com as imagens concorda com os colegas ao que um componente do grupo disse que não porque antes de escolher as imagens, o grupo elaborou o texto. A professora diz que vídeos precisam de roteiros. Que o roteiro é um texto que define quando e o quê será dito em um vídeo e que eles aprenderão, no fim do processo, a elaborar roteiros para vídeos. Os alunos se agitam. Um dos alunos diz que já está preparado para virar *youtuber*. A turma ri. A professora também está sorrindo. A professora pede que a turma se organize em quatro grupos de no máximo cinco pessoas enquanto ela organiza o material para a próxima etapa. A turma se agita. A professora pede silêncio e que os alunos parem de arrastar as cadeiras. Aos poucos a turma se acalma. A professora entrega um texto para cada grupo e um envelope roxo. Solicita que os grupos leiam os textos e que imaginem ter lido o texto em alguma rede social. Pede que os alunos imaginem que tenham sentido vontade de postar um comentário sobre o texto lido. Diz que os alunos devem discutir o texto em grupo e elaborar um comentário utilizando os operadores argumentativos que estão dentro do envelope. E que ao final, cada comentário deverá ser postado na página da escola onde seriam compartilhados. Lembra aos alunos que eles devem convidar, em seus comentários, a comunidade escolar para debater o assunto. Uma aluna pergunta se precisa ler o texto todo. A professora diz que sim. Às 14:00 os alunos começam a ler os textos. Uma aluna diz que não está gostando do texto porque é muito machista. Um aluno pede para sair da sala e a professora permite. Outro aluno sai da sala sem pedir. Uma aluna comenta que o texto que está lendo possui ideias muito opostas e a professora diz que não é preciso concordar ou discordar com tudo o que está escrito. Uma aluna pergunta se é preciso utilizar todas as palavras do envelope. A professora responde que não. A turma permanece organizada em pequenos grupos formando círculos. Os componentes discutem entre si. Alguns componentes de um dos grupos mexem no celular. O aluno que havia saído da sala, volta. A professora pede que ele se comprometa com a realização da atividade. A professora pergunta a um dos grupos se está conseguindo fazer o trabalho. Os alunos dizem que sim. Um dos alunos informa que a página da escola está bloqueada para a postagem de comentário. A professora diz, então, que postará os textos em sua página particular e que lá eles poderão comentar, mas que devem marcar os colegas de outras turmas e outros professores nas postagens. Uma aluna diz que não está gostando da autora do texto que está lendo, pergunta se pode xingá-la no comentário. A professora diz que existem maneiras de demonstrar discordância sem xingar. Toca o sinal. A turma permanece trabalhando.

Registro 06: 12/07/2018**Início: 14:20**

Um grupo diz que já terminou. A professora pede que releiam o texto e releiam o comentário para terem certeza do comentário que irão postar e pede para que reescrevam. Um aluno interrompe a fala da professora dizendo que já decorou a frase “todo texto precisa de revisão” e diz que isso é um saco. A professora comunica à turma que os textos já foram postados em sua página particular. Silêncio. Um grupo de meninas diz que a autora do texto que estão lendo é uma machista que se diz feminista. Um dos meninos deste grupo está mexendo no celular. A professora pede que guarde ao que o menino responde que apenas está tirando fotos do texto para compartilhar com outros colegas que não estudam na escola. Os outros grupos permanecem trabalhando e discutindo os textos. A professora sai da sala e atende uma ligação. Ela volta. Um aluno pergunta quantas etapas serão trabalhadas até o final do processo. A professora responde dizendo que faltam 03 etapas. A turma permanece trabalhando. Alguns alunos estão mexendo no celular. Dois grupos comunicam que já acabaram e que já revisaram os comentários. A professora pede que eles permaneçam na sala e aguardem os outros grupos terminarem. Um aluno componente de um dos grupos que já terminou pergunta se pode jogar no celular. A professora diz que sim, mas que ele não pode fazer barulho. Dois grupos debatem sobre o que irão escrever. Os grupos que terminaram ficam agitados, conversando. Uma aluna componente de um dos grupos que já terminou pede aos colegas que ainda trabalham que adiantem dizendo que eles são muito “lerdos”. A professora pede à aluna que não se refira assim aos colegas porque é preciso respeitar o ritmo de cada um. A professora diz que eles irão apresentar os textos e os comentários para os colegas. Uma aluna pergunta se será preciso ir para frente da sala e a professora diz que não. Às 15:00 começam as apresentações. A ordem de apresentação segue o sentido horário. A professora pergunta de que trata o texto do primeiro grupo. Uma aluna diz que o tema é mulher no poder. A menina diz que está nervosa por ter que apresentar. A professora diz que não tem necessidade porque ali ninguém está sendo julgado. A menina continua dizendo que o título do texto é “Mulher no poder, um incômodo necessário”. A professora pergunta o motivo do título do texto. Um dos componentes do grupo diz que o texto trata do machismo. A professora pergunta qual a opinião do grupo sobre o texto. Os componentes dizem que concordam com o texto porque há espaços que são ocupados pelos homens e que as mulheres devem ter o mesmo direito. A professora pergunta por que. Uma aluna diz que as mulheres têm a mesma capacidade que os homens para fazer qualquer coisa. A professora pergunta se a

turma concorda. Um aluno diz que depende. Que queria ver uma menina da sala roçando terreno na enxada. Uma aluna diz que se a mulher precisar e quiser roçar um terreno, ela consegue. O menino diz que o desempenho não será o mesmo. A menina diz que não estão discutindo a velocidade para realizar a tarefa e sim a capacidade para realizar e termina sua fala chamando o colega de “tapado”. A professora pede que eles mantenham o respeito enquanto discutem. A menina pede desculpas ao colega. Começa a apresentação do segundo grupo. Eles dizem que ficaram com a letra de uma notícia com o título de “Mulheres na engenharia”. A professora pergunta de que trata o texto. O grupo diz que fala do aumento do número de mulheres engenheiras, mas que o salário delas ainda é inferior ao dos homens e que numa obra os homens têm dificuldade de receber ordens de uma mulher. A professora pergunta se o grupo concorda com o texto e eles dizem que não. Um dos componentes do grupo diz que não é justo que a mulher trabalhe a mesma quantidade de horas e ganhe menos. Um aluno de outro grupo diz que nenhum homem gosta de ser mandado por mulher. A professora pergunta por que. Ele diz que não sabe explicar, mas sabe que é assim. Uma aluna componente do grupo que está apresentando diz que o homem acha difícil receber ordem de uma mulher porque está acostumado com a posição de mandar porque os homens sempre mandaram no mundo. A professora pergunta se a turma concorda. Os alunos dizem que sim. O aluno que disse ser difícil receber ordem de mulher diz que talvez a razão seja a apontada pela colega. A professora pede que o próximo grupo se apresente. Eles dizem que ficaram com uma letra de música chamada “Respeite as mina”, mas dizem que não sabem falar do que trata a música. A professora pergunta se eles leram e um dos meninos do grupo diz que leu, mas que não entendeu. Ele continua dizendo que, na verdade, não leu a música inteira porque teve preguiça. Alguns alunos pedem à professora que leia a letra da música para a turma saber do que se trata. A professora pega um papel e lê. Uma aluna diz que a letra da música é um pedido de respeito. A professora pergunta à turma se concordam. Alguns alunos dizem que sim, outros permanecem em silêncio. Os três meninos que deveriam apresentar o texto estão mexendo no celular. A professora pergunta se eles concordam com o que os colegas disseram. Os meninos dizem que sim. A professora questiona se eles têm certeza. Eles ficam calados. Depois de alguns segundos, um dos meninos diz que concorda e os outros dois permanecem calados mexendo no celular. A professora pede que o próximo grupo se apresente. Uma das meninas diz que é uma entrevista cujo título é “Mulher deve ser maternal e parar de culpar o homem”. Um dos meninos da turma diz: “Agora eu gostei. Mulher tem mania de perseguição”. A colega que está do lado dele, o manda calar a boca e lhe dá um tapa. A

professora pede que eles parem e que o menino ouça as colegas. Uma das componentes do grupo diz que a autora fala que é feminista mas, na verdade, não é. Diz que a autora é contraditória, preconceituosa e psicopata. Que ela diz que a mulher não deve ser assediada, mas que as roupas passam uma mensagem. Que a entrevistada disse que mulheres mais velhas não devem parecer sensuais. Uma aluna diz que isso é um absurdo. A professora pergunta à turma se concordam. O grupo, formado por meninas, diz que não. Um aluno de outro grupo diz que depende. A professora pergunta do que depende. O menino diz que quando a mulher usa certo tipo de roupa, não pode reclamar do que ouve. As meninas se agitam. Uma menina pergunta se ele vai gostar que metam a mão na irmã dele. Ao que ele responde que não está falando de meter a mão, meter a mão é errado. Ele diz que está falando do que a mulher ouve. A turma se agita e a professora pede silêncio. O sinal toca. A professora pergunta se eles conseguiram perceber a presença de operadores argumentativos nos textos. Os alunos dizem que sim. Uma aluna diz que na música tinham poucos. A professora diz que precisa encerrar por hoje por causa da atividade de História que eles terão que fazer. Passa orientações sobre as postagens. Pede ajuda a um aluno para levar a televisão e diz que quer os envelopes de volta.

Registro 07: 13/07/2018

Início: 12:45

A professora faz a chamada. Pede aos alunos que se organizem na mesma formação de grupos da aula anterior. Levanta e mexe no computador e na televisão. Abre uma sacola e retira envelopes roxos. Explica à turma que hoje realizarão uma atividade lúdica cujo objetivo é a elaboração de comentários utilizando operadores argumentativos. Pede que cada grupo escolha um representante para ir até o quadro branco. Os alunos, em seus grupos, discutem. Aos poucos, quatro alunos levantam e ficam perfilados, lado a lado, em frente ao quadro branco. À esquerda deles, na mesa da professora, além da TV e do computador, estão dispostas duas pilhas de envelopes roxos. A professora pede que cada um escolha um envelope de cada pilha. Os alunos obedecem. A professora diz que os envelopes não podem ser abertos ainda e que eles mantenham um envelope em cada mão. Em seguida, pergunta se algum deles deseja trocar de envelope com o colega, mas sem poder ver o que tem dentro. Uma aluna decide trocar de envelope com o colega que está a sua direita. A professora pergunta se mais alguém quer trocar de envelope. Um dos alunos pergunta aos membros de seu grupo se deve trocar de envelope ou não. Um dos alunos responde que tanto faz porque não conhecem o conteúdo do envelope. O aluno que representa este grupo decide, então, não

trocar de envelope. A professora, mais uma vez, pergunta se alguém mais quer trocar de envelope. Os alunos dizem que não. A professora pede então que eles retornem aos seus lugares. A turma está em silêncio observando a movimentação. A professora pede que os grupos abram os envelopes e diz que em um deles há uma imagem e no outro um conjunto de operadores argumentativos. Pede que os alunos imaginem que o grupo viu a imagem em determinada rede social e sentiu vontade de comentar sobre. Diz que o comentário deve estar relacionado com a imagem e que terão 10 minutos para isso. Às 13:05 os alunos estão, em grupo, olhando cada um a imagem sorteada. Um aluno pergunta se é necessário utilizar todas as palavras do envelope. A professora responde dizendo que ele deve usar o maior número possível de palavras de forma que o comentário tenha sentido. Ela está sentada olhando o telefone. Um aluno mexe no celular. Um grupo pede que a professora traduza uma frase em inglês que está na imagem sorteada por eles. A professora diz que a frase significa “Nós podemos”. Um aluno está com fones de ouvido e mexendo no celular. A professora o repreende. Uma aluna está olhando o caderno enquanto mexe no celular. A professora a repreende e a menina pede desculpas. Um grupo discute alto. Um aluno pergunta se a aula de hoje será só jogo. E a professora diz que não. Um grupo discute e uma das alunas diz que eles não conseguirão fazer porque não conseguem se entender. Chamam a professora e ela diz que o grupo precisa chegar a um consenso. Um grupo pergunta se é para apresentar o comentário para a turma no final. A professora diz que sim. Um aluno vai para a porta da sala e conversa com outro aluno da escola que está do lado de fora. Ele volta para a sala. Os demais alunos permanecem conversando e trabalhando. Um grupo reclama que um dos componentes nunca faz nada. Uma aluna pede para ir ao banheiro e a professora permite. Uma aluna volta a mexer no celular enquanto olha o caderno. Um grupo diz que já terminou o comentário e vai estudar para a prova de História. A professora pede que eles revisem o comentário elaborado ao que um dos membros do grupo responde dizendo que o comentário “vai assim mesmo” porque ele está “lascado” em História e recuperar a nota é mais importante. Um colega, membro deste grupo, diz à professora que fará a revisão do comentário, sozinho. Outro grupo diz que já terminou o comentário. A professora pede que revisem o comentário elaborado. Uma aluna diz que fará isso. Duas alunas, componentes deste grupo, levantam-se e olham pela janela. A professora pergunta se as meninas perderam algo fora da escola. As meninas riem e voltam para os seus lugares. Um grupo pede ajuda da professora para encontrar um sinônimo da palavra objeto. A professora responde dizendo que não pode interferir. A professora continua sentada olhando o telefone. A professora diz que os dez minutos já passaram e diz que vai

encerrar a atividade. Um dos grupos pede à professora que dê mais tempo. A professora diz que quando os grupos terminarem, avisem; e pede aos demais que permaneçam em silêncio. Uma aluna pede para beber água e a professora permite.

Registro 08: 13/07/2018

Início: 13:30

A turma está em silêncio. Às 13:38, os dois grupos, que ainda trabalhavam, avisam à professora que terminaram e que já revisaram o comentário. A professora pede aos grupos que leiam os comentários elaborados. A apresentação é feita seguindo a ordem de quem terminou primeiro. Depois que os grupos lêem seus comentários, a professora diz que a turma precisa escolher o comentário mais pertinente e que o grupo que fez o comentário escolhido ganhará uma caixa de bombons. A turma se agita. A professora diz que a escolha deverá seguir alguns critérios e os escreve no quadro. Os grupos dizem que é difícil escolher um porque todos querem ganhar a caixa de chocolate. Uma aluna diz que todos os comentários estão parecidos e que atendem aos critérios. Um aluno perguntou se a professora não pode usar a clareza como critério de desempate porque alguns comentários parecem confusos. A professora concorda e estabelece uma votação em função da clareza do comentário. Um grupo tem o seu comentário escolhido como o mais claro, a professora lhes entrega uma caixa de bombons e, em seguida, tira uma foto dos alunos. A turma bate palmas. A professora pede para uma aluna recolher os comentários dos grupos. A menina entrega os papéis a professora que os guarda dentro de uma pasta. A professora diz, então, que passarão para a próxima etapa que consiste em assistir a um vídeo. Às 14:00, ela liga o computador. O computador demora a funcionar e a turma se agita. O grupo que ganhou a caixa de chocolates divide os bombons com os colegas. Dois alunos permanecem com os livros de História abertos. Uma aluna diz que vai beber água e sai. Outro aluno sai da sala sem pedir. A professora testa o funcionamento da TV e pede a um aluno que chame os colegas que estão do lado de fora da sala. Às 14:10 o vídeo é iniciado. A professora pausa o vídeo e faz uma apresentação sobre a *youtuber*. A turma está atenta com exceção de dois alunos que conversam. A professora volta a passar o vídeo. Silêncio. Às 14:18 o vídeo termina. A professora pergunta se alguém já tinha assistido ao vídeo. Um aluno levanta a mão e diz que sim. A professora diz que vai passar o vídeo novamente e pede que os alunos se atentem para o posicionamento da *youtuber* quanto à figura feminina. Enquanto assistem ao vídeo, os alunos fazem anotações no caderno e outros conversam. Uma professora pede licença para falar com a turma. O vídeo é pausado pela professora regente. A professora, parada na direção da porta, comunica quais são os alunos

que estão de recuperação semestral em inglês. A turma se agita. Uma aluna reclama que a professora de inglês ainda nem fez a atividade de intensificação de aprendizagem. A professora regente pede que os alunos voltem a se concentrar e diz que vai tirar a pausa do vídeo. Algumas alunas conversam. Outros estão atentos ao vídeo. Dois alunos conversam. A professora desliga a TV e pergunta se o tema do vídeo é novidade para os alunos. Algumas alunas dizem que já passaram pela situação retratada no vídeo e outros dizem que nunca passaram por aquilo. A professora explica como se define um relacionamento abusivo, ressalta que as mulheres são quem mais vivem este tipo de relacionamento, sendo as vítimas na maior parte dos casos. A professora apresenta dados de violência contra a mulher nos anos de 2015, 2016 e 2017 no município de Japaratuba. Uma aluna diz que os números estão errados porque há muito mais casos. A professora explica que a partir do vídeo, os grupos farão um trabalho com cartolina e canetinhas coloridas de modo a criar um mapa visual do posicionamento da *youtuber*, mas que, esta atividade, a turma realizaria com a ajuda dela. A professora diz que vai entregar para cada grupo duas cartolinas brancas, um estojo de canetinhas coloridas, uma folha com a transcrição da fala da *youtuber* e um pedaço de papel com um glossário explicando o que deve ser escrito na cartolina. A professora pede que cada grupo escreva na cartolina a palavra fato. Em seguida, pergunta à turma, de que fato a *youtuber* está falando. Os alunos respondem: relacionamentos abusivos. A professora pede que escrevam na cartolina a resposta que deram. A professora sai da sala. Alguns alunos conversam, outros se organizam para realizar a tarefa. A professora volta para a sala de aula e pergunta se todos já escreveram. Algumas alunas perguntam se a professora irá mostrar as cartolinas aos professores da universidade. Ela responde que provavelmente sim. Então, as meninas dizem a professora que esta atividade vai demorar porque elas precisam deixar a escrita bonita. A professora conversa com um grupo e pede para escreverem na cartolina a palavra questão. Uma pessoa entra na sala para dar um recado. A professora pergunta a um dos grupos o que a *youtuber* está questionando, o que ela está colocando em questão. Um dos alunos diz que ela está colocando em questão o comportamento abusivo dos homens. A professora pede que escrevam na cartolina. Ela vai a outro grupo e pergunta o que a *youtuber* está questionando. Uma das alunas diz que é o comportamento abusivo. A professora pergunta de quem é o comportamento abusivo. A aluna responde dizendo que é dos homens. A professora pede que escrevam na cartolina. A professora se volta para outro grupo e pergunta se conseguiram produzir algo. Os meninos dizem que um pouco. A professora diz à turma que se houver dúvida, o vídeo pode ser passado novamente. Ela observa os alunos.

Uma aluna pede à professora uma borracha emprestada. Alunos chamam a professora para tirarem dúvidas quanto à confecção da cartolina. A professora responde um a um. Ela vai a cada grupo ver o andamento da tarefa. A professora olha o celular. Nos grupos, alguns alunos discutem sobre o trabalho e outros falam sobre outros assuntos. A professora pede que os alunos destaquem na cartolina os operadores argumentativos com cores diferentes. Ela pede para que os alunos escrevam na cartolina a expressão “posição da autora”. A professora orienta os grupos como escrever na cartolina. Alunos discutem sobre a produção do trabalho. A professora olha o celular. Os grupos utilizam as canetas coloridas para destacar o que foi solicitado. A professora escreve no quadro os pontos que devem constar na cartolina: fato, questão, posição da autora, argumentos que comprovam a posição da autora, posição contrária da autora, argumentos que comprovam posição contrária a da autora. A professora passa nos grupos. Ela observa o trabalho dos grupos. Os grupos debatem internamente. A professora repreende uma aluna que estava abrindo e fechando a janela. Uma aluna narra um fato sobre uma viagem. Outra aluna pergunta à professora o que significa posição da autora. A professora explica para a turma que a posição da autora é o que a *youtuber* pensa sobre o assunto e pede para que eles retirem pensamentos da *youtuber* da transcrição do vídeo que receberam. A professora pergunta aos alunos se ainda precisarão assistir ao vídeo novamente. A turma diz que não. Um aluno diz que gosta muito da *youtuber* e dos vídeos dela. A professora observa os grupos. Alguns alunos conversam sobre o vídeo, outros falam de assuntos particulares. Um dos alunos quer saber para quê a professora quer as cartolinas. Ela responde que os ensinará a fazer um roteiro para vídeo. A turma se agita e a professora pede silêncio. Um grupo chama a professora. Ela vai até eles. Eles perguntam sobre os argumentos da *youtuber*. A professora explica onde poderão encontrar. Um aluno aponta para o papel e pergunta se está correto e a professora diz que sim. Toca o sinal.

Registro 09: 13/07/2018

Início: 14:20

A professora ressalta que a partir das atividades realizadas em sala de aula, os alunos terão que produzir um vídeo sobre o tema e que eles, em grupo, deverão decidir como será gravado. A turma se agita. A professora conversa com alguém que está fora da sala de aula. Um professor chega à sala e pede a uma aluna que lhe entregue a redação e diz quem está de recuperação semestral em educação física. Os alunos se agitam. O professor diz que eles estudem o que tem no caderno e sai. A turma está agitada. A professora pede que eles se concentrem no trabalho. Alunos de um grupo entram em conflito de ideias sobre o que deve

ser escrito na cartolina. A professora pergunta se eles acabaram. A professora oferece ajuda a um dos grupos. A professora pede que os alunos identifiquem a posição contrária da *youtuber*. Uma aluna diz que não tem posição contrária porque no vídeo só tem uma pessoa falando. Um aluno responde dizendo que dentro da fala da *youtuber* tem pedaços que dá para perceber que não são o pensamento dela. A menina pega o papel onde está a transcrição do vídeo para ler. A professora pede que encontrem na transcrição frases que representem pensamentos contrários ao da *youtuber*. Ela vai a cada grupo mostrar onde poderão encontrar as frases. A professora pergunta se o grupo que está no fundo da sala está conseguindo fazer o trabalho. E diz que irá ajudar todos os grupos. Um aluno se dirige à professora e pergunta se a observadora é solteira. A professora diz que não irá responder. A professora caminha pela sala e interage com os grupos. Um grupo chama a professora e pergunta se o que está escrito na cartolina está correto. A professora lê um trecho do texto e diz que sim. A professora senta em sua cadeira e mexe no computador. Uma aluna recebe um recado de que sua mãe está na portaria do colégio. A professora pede que a mãe aguarde a aluna até 16:30. Um aluno vai à professora e faz perguntas sobre o texto. Ela responde positivamente com a cabeça enquanto mexe no computador. Uma mulher entra na sala de aula para falar com a professora. A professora diz que ainda há muito a ser feito. Os grupos seguem fazendo a atividade. A professora olha o celular. Uma aluna põe o celular para fora da janela. A professora mexe no computador. Um grupo fala sobre a bandeira do Palmeiras. A professora pede que o grupo pare de discutir sobre o Palmeiras e terminem a tarefa. A professora diz que ainda precisam trabalhar o roteiro do vídeo. A professora vai até um dos grupos e olha para a cartolina. Uma das alunas está mexendo no celular. Outra aluna pergunta à professora sobre o tema do vídeo que será produzido. A turma está envolvida com a atividade e conversam sobre a realização da tarefa. A professora vai até outro grupo. Uma aluna atende o telefone celular e sai da sala. Um aluno vai à professora e pergunta se a observadora é uma amiga dela. A professora diz que não vai responder e pede que o aluno volte para o seu lugar. Dois alunos que haviam saído, retornam. Uma aluna pergunta se dará tempo de terminar a atividade. A professora responde que se for preciso, continuarão no horário do professor seguinte. A professora diz que tem mais chocolate para distribuir e que eles precisam terminar a tarefa. Um aluno disse que a professora deveria ter falado sobre o chocolate antes assim eles enrolariam menos. A turma ri. Um dos grupos diz à professora que já terminou. A professora entrega ao grupo um papel com o roteiro de vídeo e explica como esta etapa será realizada. A professora diz à turma que os vídeos produzidos pelos grupos serão postados em um canal no *youtube* criado

por ela. Um aluno levanta, caminha pela sala e depois se senta. A professora explica a outro grupo como poderá ser produzido o vídeo. Dois grupos continuam trabalhando nas cartolinas. Um aluno levanta e fica em frente à porta da sala. Depois fica em pé ao lado da mesa da professora. A professora explica a um dos grupos que o prazo para a entrega do vídeo é de uma semana. Ela recolhe os cartazes deste grupo. Os alunos perguntam se precisam assinar os cartazes e a professora diz que não. A professora pergunta se pode recolher o cartaz de mais alguém. E diz que já recolheu dois. A professora é chamada por um aluno. Um aluno faz um coração com umas das cartolinas que o grupo recebeu. Um aluno pergunta se a observadora está anotando tudo o que está acontecendo na sala. A professora diz que não irá responder. A professora é chamada por um dos grupos que ainda está com cartolina. Eles dizem que acabou. A professora, então, lhes entrega um papel com o roteiro do vídeo e explica como ele pode ser produzido. Alguns alunos conversam. A professora explica para toda a turma como se elabora o roteiro de um vídeo. Alguns alunos conversam sobre assuntos particulares. Dois alunos voltam para a sala de aula e depois saem novamente. A professora é chamada por um dos grupos, olha um papel e diz que aquela é uma boa ideia. Um aluno entra na sala com alguns papéis e diz que vai entregar aos colegas, mas a professora diz que ele só poderá entregar no final da aula. Ela segue explicando sobre o roteiro. O aluno que está com os papéis na mão conversa com um colega. A professora pede silêncio aos dois. Ela explica os passos necessários para gravar um vídeo sobre empoderamento feminino. Diz que cada grupo deverá escolher de que maneira trabalhará o tema; a necessidade de explicar ao público o que é o empoderamento feminino. Diz que é importante fazer uma pesquisa sobre o assunto. Sugere que os alunos assistam a vídeos sobre o tema. Diz que no vídeo eles terão que expor o posicionamento do grupo sobre o assunto e mostrar as razões que justifiquem aquela maneira de pensar e que eles não podem esquecer de usar os operadores argumentativos. Enquanto a professora fala, alguns conversam assuntos particulares, outros olham o celular e oito estão atentos. A professora diz que o vídeo deve durar entre 2 a 5 minutos. E que o prazo para a produção é uma semana. A professora pede que os alunos enviem os textos do roteiro antes de gravar o vídeo para que ela possa ajudá-los. Lembra-os que a semana seguinte começa o recesso, mas que eles continuarão trabalhando. Ela diz que o vídeo servirá para saber o quanto eles evoluíram quanto à argumentação e o uso dos operadores argumentativos. A professora diz que eles podem procurá-la mesmo durante o recesso para tirar dúvidas. O grupo que estava terminando a cartolina chama a professora e entrega os cartazes. A professora pergunta se há dúvidas quanto à elaboração do roteiro. Um professor entra na sala e diz que no horário

seguinte haverá uma prova de recuperação. Ele sai da sala. A professora agradece a participação de todos. Distribui chocolates para a turma e pede que eles se empenhem na produção dos vídeos. A professora sai da sala. Uma aluna sai da sala. A professora e a aluna retornam. A professora pede que eles enviem o vídeo para o grupo da turma no *whatsapp* para que ela possa dizer o que precisa ser melhorado ou não. Toca o sinal. A professora pede que os alunos não saiam da sala porque farão prova. Ela desliga a TV e o computador. Pede que um dos alunos leve a TV para a sala dos professores. Ela arruma os materiais. A turma está agitada. Alguns alunos arrumam a sala para a prova. A professora deseja boa sorte aos alunos e sai da sala.

Registro 10: 30/08/2018

Início: 13:15

A professora faz a chamada e depois diz à turma que hoje fará uma discussão sobre os vídeos produzidos, mas que iniciará a aula exibindo, novamente, o vídeo da *youtuber* JoutJout para repensarem a noção de roteiro para vídeos e os posicionamentos sobre empoderamento feminino e o papel da mulher na sociedade. A professora vai até o computador e dá início à exibição do vídeo. Enquanto o vídeo é exibido, a turma está em silêncio. Um aluno mexe em um telefone celular. Ao final do vídeo, a professora diz que assim como eles, JoutJout também utilizou um roteiro para elaborar o vídeo dela. Diz que o modelo que a turma recebeu continha os passos para elaborar um roteiro e pergunta à turma como a *youtuber* deu início ao vídeo dela. Os alunos ficam em silêncio. A professora diz que JoutJout tenta chamar a atenção do público dela de alguma forma e que a estratégia usada foi posicionar a câmera de forma que parecesse conversar com alguém e repete a frase utilizada pela *youtuber* no início do vídeo. A professora diz que a frase cria curiosidade em quem assiste ao vídeo e que, em seguida, JoutJout deixa claro sobre o que vai falar, que o tema do vídeo é relacionamentos abusivos. A professora diz que a *youtuber* também explica de onde veio a necessidade de gravar o vídeo e de onde retirou as informações para fazê-lo. Segue dizendo que a *youtuber* também deixa clara a forma pela qual expressará seus pensamentos ao dizer que o fará com bom humor. A professora pergunta à turma qual seria o motivo para a *youtuber* iniciar seu discurso no vídeo utilizando a primeira pessoa do plural. A turma permanece em silêncio. A professora pergunta quem seria a outra pessoa que está com JoutJout no discurso que ela vai falar. A turma continua em silêncio. A professora diz que precisa da participação da turma, que precisa ouvi-los e pergunta, mais uma vez, quem seria a outra pessoa que está no discurso com JoutJout. Um aluno diz que ninguém sabe dessas coisas não. E ri. Os demais estão em

silêncio. A professora pergunta se ninguém faz ideia de quem seja a pessoa que está com a *youtuber* no discurso. Alguns alunos respondem negativamente com a cabeça. A professora respira fundo e diz que a escolha por usar a primeira pessoa do plural foi para incluir no discurso a pessoa que estiver assistindo ao vídeo, que o pensamento exposto no vídeo não é somente da *youtuber* e que não deve ser somente dela. A professora diz que a escolha pelo uso do pronome nós já é um movimento discursivo e que dá início a uma posição em relação ao tema. A professora pergunta à turma quantas posições os alunos conseguiram perceber na fala da *youtuber*. A turma permanece em silêncio. Um aluno está com a cabeça baixa e outro segue mexendo no celular. A professora diz que existem três posições básicas no vídeo. Ela vai ao quadro branco e escreve: Relacionamento Abusivo. Desenha três setas. A professora pergunta se alguém consegue dizer ao menos uma das posições. A turma segue em silêncio. Três alunos estão com a cabeça baixa, deitadas sobre as carteiras. A professora diz que uma das posições dentro do discurso do vídeo é a da vítima de relacionamento abusivo e pergunta qual seria a outra posição. Uma aluna pergunta se seria a do abusador. A professora diz que sim e pergunta qual seria a terceira posição. A turma permanece em silêncio. Os três alunos continuam com as cabeças sobre as carteiras. A professora diz que a terceira posição é a de JoutJout, é o que ela pensa e argumenta sobre o assunto. A professora pergunta à turma qual o pensamento da *youtuber* sobre a posição da vítima. Uma aluna diz que a vítima não sabe que está sendo abusada ou nega que está e que JoutJout diz que a mulher não precisa permanecer em um relacionamento assim. A professora diz que sim e pergunta o que a *youtuber* questiona sobre a posição do homem. Outra aluna diz que ela questiona as atitudes dele e diz que ele está errado. A professora pergunta como a aluna chegou a essa conclusão. Ela diz que pela cara que a *youtuber* fez quando terminou de falar sobre homens que manipulam mulheres. A professora pergunta à turma se naquele momento a *youtuber* verbalizou alguma coisa. A aluna diz que sim, mas que isso foi feito apenas com o rosto. A professora pergunta se é possível existir discurso no silêncio. Alguns alunos concordam movimentando positivamente a cabeça. A professora pergunta se o silêncio pode ser um argumento. Uma aluna diz que sim, mas que quando alguém interpreta o rosto de uma pessoa, deixa de ser silêncio porque o jeito do rosto diz o que a pessoa está pensando. A professora pergunta se a turma concorda com a colega. Alguns respondem afirmativamente com a cabeça. Um dos alunos que estava com a cabeça baixa sobre a carteira pede à professora para ir ao banheiro e ela permite. A professora pergunta à turma como pode ser resumido o pensamento da *youtuber* quanto aos relacionamentos abusivos. Uma aluna diz que JoutJout é contra esse tipo de relacionamento.

A professora pergunta à aluna como é possível saber que JoutJout é contra relacionamentos abusivos. A aluna diz que a *youtuber* falou que ninguém completa ninguém e que para ser feliz com outra pessoa é preciso estar inteiro e ser feliz sozinho. A professora pergunta se a turma concorda com a aluna. Outra aluna diz que a *youtuber* defende que se uma mulher já se sente inteira, ela não irá se deixar manipular por um homem. A professora pergunta à turma se as ideias brotaram do nada na cabeça de JoutJout. A turma fica em silêncio. A professora pergunta à turma se a *youtuber* nasceu pensando desta maneira. Alunos respondem movimentando negativamente a cabeça. A professora pergunta de onde surgiram os pensamentos de JoutJout sobre relacionamentos abusivos. Uma aluna responde dizendo que não faz ideia. A professora respira fundo e diz que foi das histórias que a *youtuber* viveu, do que ela ouviu, do que ela leu e que isso acontece com todo mundo. Que os pensamentos, os discursos são frutos de outros discursos que já existem na sociedade e que o importante é questionar esses discursos. Toca o sinal.

Registro 11: 30/08/18

Início: 14:05

A professora diz que tudo o que disse também está presente nos vídeos produzidos pelos grupos e diz que os exibirá na ordem dos quatro grupos. Ela vai até o computador e dá início à exibição do vídeo do primeiro grupo. A aluna que aparece no vídeo abaixa a cabeça sobre a carteira. A turma ri. A professora pausa o vídeo e pede silêncio. Diz que o objetivo não é rir dos colegas e que os alunos já têm idade suficiente para saber se comportar diante de um trabalho de pesquisa. A turma fica em silêncio e a professora volta a exibir o vídeo. Durante a exibição do vídeo, alguns alunos riem. Após a exibição, a professora pergunta quantas posições é possível perceber no discurso presente no vídeo. A turma fica em silêncio. A professora diz que como no vídeo de JoutJout, o vídeo do grupo 01 também traz três posições em relação ao empoderamento feminino e pergunta quais são eles. A turma permanece em silêncio. Um aluno pede à professora para ir beber água e ela permite. A professora diz que o grupo 01 trouxe três posicionamentos e escreve no quadro: mulheres empoderadas, mulheres não tão empoderadas e posicionamento do grupo. Enquanto a professora escreve, dois alunos conversam e o aluno, que havia saído para beber água, retorna. A professora pergunta qual a posição das mulheres empoderadas sobre o tema, segundo o grupo 01. A turma fica em silêncio. A professora escreve no quadro branco a palavra igualdade e diz que, segundo o grupo, as mulheres empoderadas se posicionam a favor da igualdade de direitos entre homens e mulheres. Ela pergunta qual é a posição das

mulheres não tão empoderadas. Uma aluna responde dizendo que elas são a favor de a mulher fazer tudo pelo marido mesmo que ele esteja errado. A professora pergunta que expressão chama a atenção nesse discurso. Uma aluna responde que é a expressão mesmo que. A professora pergunta à turma que relação de sentido a expressão mesmo que transmite. A turma fica em silêncio. A professora pergunta à turma o que se pode entender ao ouvir a frase: “Fazer tudo pelo marido mesmo que ele esteja errado”. Um aluno diz que a mulher não deveria fazer tudo pelo marido já que ele não merece. A professora diz que está certo e pergunta o que há de estranho na frase. Um aluno diz que a mulher faz o contrário. A professora pergunta ao aluno qual é esse contrário. O aluno diz que se o marido está errado a mulher não deve fazer tudo por ele. A professora pergunta ao aluno se a mulher se comporta de uma maneira diferente daquilo que se espera dela. Ele responde que sim. A professora pergunta à turma que tipo de relação é essa transmitida por meio da expressão mesmo que. Uma aluna diz que é oposição. A professora movimenta afirmativamente a cabeça. Ela chama a atenção de dois alunos que estavam conversando enquanto os outros alunos estavam falando. O aluno pede desculpas. A professora pergunta se todos os maridos não devem ser agradados ou se o fato de uma mulher serempoderada exclui agradar o marido. Uma aluna diz que não. A professora pergunta à turma que categoria de marido deve ser agradada. Um aluno responde dizendo que apenas os maridos que merecem. A professora pergunta à turma qual o critério estabelecido pelo grupo 01 para separar os maridos que merecem daqueles que não merecem. Uma aluna diz que é o respeito à mulher, quem merece ser agradado é quem respeita, quem não respeita, não merece. Um aluno diz que o marido que não merece é aquele que prende a mulher, que manipula e que quer que ela faça tudo. A professora pergunta à turma qual o posicionamento do grupo 01 sobre o empoderamento feminino a partir dos discursos que trouxeram no vídeo. Um aluno diz que o grupo é a favor do empoderamento feminino porque no vídeo diz que eles acham que a mulher deve ser tratada de maneira igual. A professora pergunta ao aluno se achar é o mesmo que ter certeza. O aluno responde dizendo que não. A professora pergunta se o argumento trazido pelo grupo tem força. Uma aluna diz que não porque quem assistir ao vídeo pode pensar que o grupo é inseguro porque não tem certeza e pode precisar de mais motivos para se convencer sobre o assunto. Um aluno diz que o grupo poderia ter dado exemplos que provassem que a mulher deve ser tratada igual. A professora pergunta se alguém tem mais ideias. A turma fica em silêncio. A professora diz que irá exhibir, então, o vídeo do grupo 02 e que precisa ouvir mais os alunos, que a participação tem sido sempre das mesmas pessoas. A professora dá início à exibição do

segundo vídeo. A turma ri. A professora pede silêncio. Um aluno diz que é muito esquisito ver os colegas na televisão. A professora ri e pede silêncio. A turma se acalma. Ao fim da exibição, ela pergunta quais posicionamentos o grupo trouxe. Uma aluna responde dizendo que são três: o dos homens, o das mulheres e o do grupo. A professora pergunta à aluna como é possível perceber a posição do homem no discurso presente no vídeo. Ela responde que é pelas frases destacadas no vídeo. A professora pergunta a ela se as frases destacadas são ditas apenas pelos homens. A aluna responde dizendo que não. A professora diz que as frases destacadas não representam, exclusivamente, a posição masculina. Um aluno diz que as frases representam o que o povo fala das mulheres, que é o que a maioria pensa. A professora diz que esse pensamento generalizado é chamado de senso comum. A professora vai até o quadro branco onde escreve a expressão empoderamento feminino e abaixo a palavra mulher de onde puxa uma seta para a palavra senso comum. A turma está em silêncio. A professora pergunta à turma que estratégia o grupo usou para expor sua posição. A turma permanece em silêncio. A professora diz que quando o grupo rebate as frases destacadas, ele questiona a verdade dessas frases e contra-argumenta. Ela pergunta à turma de que maneira o grupo rebate a ideia de que mulher não deve falar palavrão porque tem que ser delicada. Um aluno responde dizendo que o grupo disse que a mulher tem autonomia para pensar e falar o que quiser. Uma aluna diz que isso só vale para mulheres adultas porque adolescentes, se falarem palavrão, levam tapa da mãe ou do pai e que, na escola, levam “carão” dos professores. A turma ri. A professora pergunta à aluna se os pais dão tapas em meninos que falam palavrão. A aluna diz que sim. A professora pergunta se, na escola, os meninos que falam palavrão também levam “carão” dos professores. A aluna responde dizendo que sim. A professora diz, que neste sentido, há igualdade entre crianças e adolescentes. A turma ri. A professora pergunta à turma se empoderamento feminino tem relação direta com a idade da pessoa. Uma aluna diz que não com a idade, mas com maturidade porque é mais fácil entender certas coisas quando se é mais maduro. A professora pergunta se todos concordam. A turma responde afirmativamente com a cabeça. A professora pergunta à turma como o grupo 02 rebate a ideia de que usar batom vermelho é coisa de puta. Uma aluna diz que o grupo defende que batom não define caráter. A professora pergunta se o grupo 02 se posiciona contra ou a favor do empoderamento feminino. A turma responde dizendo a favor. A professora pergunta que palavras utilizadas pelo grupo permitem chegar a essa conclusão. Uma aluna diz que o grupo usou a palavra nós como JoutJout usou. A professora pergunta se além do pronome nós há outras palavras. A turma fica em silêncio. Ela fala sobre as frases negativas utilizadas no vídeo. Escreve no

quadro branco a frase: Nós não queremos supremacia. Ela pergunta quem são as pessoas representadas pelo pronome nós. A turma responde dizendo que são as mulheres. Pergunta o que as mulheres querem se elas não querem supremacia. Um aluno diz que elas querem igualdade. A professora confirma e diz que negar também é uma forma de argumentar. Ela pergunta se é possível destacar mais algum operador argumentativo no vídeo do grupo 02. Uma aluna diz que no vídeo tem muito uso de porque e já que. A professora pergunta à aluna qual seria a razão para este fato. A aluna fica em silêncio. A professora pergunta se alguém na turma faz ideia de qual seria a razão. A turma fica em silêncio. Ela pede à turma que olhe a tabela de operadores argumentativos, no caderno, e vejam que tipo de relação de sentido a palavra porque e a expressão já que estabelecem. Um aluno diz que o grupo usou as palavras porque queriam explicar alguma coisa ou mostrar a causa. A professora pergunta se a turma concorda. Os alunos ficam em silêncio. Ela pergunta, então, se pode passar para o próximo vídeo. Os alunos respondem afirmativamente com a cabeça. A professora vai até o computador e dá início à exibição do vídeo do grupo 03. Durante a exibição, a turma fica em silêncio. Ao final, a professora diz que o vídeo está repleto de posicionamentos e pergunta à turma quais conseguiram perceber. A turma fica em silêncio. A professora diz que a discussão está parecendo um monólogo e que está falando quase todo o tempo sozinha. Diz que as participações são sempre das mesmas pessoas e pede para que os alunos falem. A professora pergunta à turma qual o posicionamento do grupo 03 quanto ao empoderamento feminino. A turma permanece em silêncio. Um aluno desenha no caderno. A professora diz que precisa da participação da turma. A professora diz aos alunos que na maior parte dos dias a turma fala demais e quando precisa que falem não querem falar. A professora pergunta à turma se o assunto não interessa a eles. A turma permanece em silêncio. Uma menina está mexendo no telefone celular. A professora senta e também fica em silêncio. A professora fala que todo mundo possui opinião sobre as coisas do mundo e diz que precisam expressar o que pensam, que em uma discussão não existe certo ou errado. A professora pergunta à turma qual o posicionamento do grupo 03 sobre empoderamento feminino. A professora pergunta se a posição do grupo é a favor ou contra. A turma responde dizendo que é a favor. A professora pergunta se o grupo 03 concorda ou discorda da ideia de empoderamento feminino. A turma responde dizendo que concorda. A professora pergunta à turma como é possível saber que o grupo 03 concorda com o empoderamento feminino. Uma aluna diz que o grupo defende que as mulheres podem, sim, ocupar os lugares que os homens ocupam. A professora pergunta que recurso o grupo utilizou para comprovar sua posição. Um aluno está olhando para o teto

enquanto a professora fala. Uma aluna responde a pergunta da professora dizendo que o grupo usou a opinião de duas meninas. A professora pergunta à aluna se as opiniões expressadas pelas duas meninas concordam ou discordam do posicionamento do grupo 03. A aluna responde dizendo que concorda. A professora pergunta à turma de que maneira o grupo 03 organizou seu roteiro de modo a convencer quem o assistir. A turma fica em silêncio. A professora respira fundo e diz que o grupo 03 estabeleceu seu posicionamento sobre o tema e buscou duas pessoas que confirmassem esta posição. Diz que o grupo optou por mostrar duas óticas diferentes sobre um mesmo assunto ainda que as opiniões concordem entre si. A professora diz que a primeira fala é mais explicativa sobre o que é o empoderamento feminino, porque a menina é militante da causa no município. A professora pergunta se alguém lembra que tipo de argumento é esse. Um aluno responde dizendo que é recurso de autoridade. A professora confirma positivamente e pergunta que recurso representa a segunda fala. Uma aluna diz que a segunda fala é formada por exemplos de atitudes de mulheres empoderadas. Enquanto a aluna fala, três alunos estão com a cabeça baixa sobre a carteira e um aluno permanece desenhando no caderno enquanto outra aluna mexe no telefone celular. A professora diz que o vídeo do grupo 03 é diferente dos outros dois vídeos já apresentados e pergunta à turma qual a diferença entre eles. A professora chama a atenção do aluno que estava desenhando. Ele pede desculpas. Ela pergunta à turma, novamente, a diferença entre os vídeos. A turma está em silêncio. O aluno volta a desenhar no caderno. Uma aluna pede à professora para ir ao banheiro e ela permite. Um aluno brinca com as mãos. A professora está em silêncio. A professora diz que o primeiro vídeo foi elaborado a partir de afirmativas, o segundo se estruturou em torno da contra-argumentação a partir de afirmativas e que o terceiro vídeo foi elaborado a partir de perguntas e respostas. A professora chama a atenção de dois alunos que estão conversando. Ela diz que o assunto pode não estar interessante para eles mas que ela precisa da concentração da turma e pede que eles se retirem da sala caso prefiram continuar conversando. Os alunos riem. A professora está em silêncio olhando para os meninos. Ela pergunta a uma aluna sobre o que estava falando. A aluna responde dizendo que era sobre a diferença entre os três vídeos. A professora diz que o terceiro vídeo além de trazer recursos argumentativos, possui um discurso direcionado e pergunta à turma quem é o público alvo do grupo. Uma aluna responde dizendo que são as mulheres. A professora pergunta se são todas as mulheres ou um grupo específico dentro da categoria mulheres. Toca o sinal.

Registro 12: 30/08/18**Início: 14:55**

A professora pergunta a quem o grupo se refere quando diz a frase: Você, mulher, que pensa dessa forma. Ela pergunta se esta mulher é qualquer mulher. Um aluno diz que não. A professora pergunta que mulher é esta. O aluno diz que são as mulheres que pensam que lugar de mulher é em casa servindo ao homem. A aluna, que havia saído para ir ao banheiro, retorna. A professora pergunta qual o objetivo principal do discurso elaborado pelo grupo 03. Ela diz que o vídeo anterior estava, hipoteticamente, contra-argumentando a fala dos homens, principalmente. E pergunta o objetivo do grupo 03. Uma aluna diz que é fazer a mulher mudar de ideia. A professora pergunta à aluna que mulher precisa mudar de ideia. A aluna responde dizendo que é a mulher que acha normal servir o homem o tempo todo. Uma aluna sai da sala. Um aluno pede a professora para ir ao banheiro e ela permite. A professora diz que irá retomar a fala de uma das meninas e vai até o computador. Durante a exibição do trecho do vídeo, dois alunos estão com a cabeça baixa sobre a carteira. A professora pausa o vídeo. A professora pergunta qual o pronome mais utilizado pela menina. A turma fica em silêncio. Ela repete a pergunta e diz que já trataram sobre isso quando falaram sobre o primeiro vídeo. Um aluno responde: “nós”. A professora pergunta a quem se refere o pronome. O aluno responde dizendo que se refere às mulheres. Ela pergunta se o pronome nós engloba todas as mulheres. Uma aluna diz que não e que essas mulheres são aquelas que concordam com ela. A professora pergunta à turma que razão teria levado a menina a falar de feminismo se o tema era empoderamento feminino. O aluno que saiu da sala, retorna. Um aluno diz que o vídeo está errado porque empoderamento feminino e feminismo são coisas diferentes. Uma aluna diz que não, que são coisas diferentes, mas que se relacionam. A professora pergunta o que há de diferente ou semelhante entre empoderamento feminino e feminismo. Um aluno diz que empoderamento feminino é o desejo de igualdade entre mulheres e homens e que feminismo é quando as mulheres se organizam para buscar esses direitos. A professora pergunta se a turma concorda com o que o aluno disse. Uma aluna diz que o feminismo é uma consequência do empoderamento porque a mulher percebe que não precisa ser submissa ao homem e em consequência luta pela liberdade de todas as mulheres. A professora pergunta se mais alguém deseja falar. A turma fica em silêncio. A professora pergunta que palavra presente nos outros vídeos também aparece na fala da menina quando defende o feminismo. A turma fica em silêncio. A professora diz que a palavra inicia com a letra i. Um aluno diz a palavra amor. Uma aluna pergunta se amor começa com i e pergunta ao colega que alfabeto ele estudou. A

turma ri. A professora pergunta diretamente a uma aluna se ela consegue dizer qual é a palavra. A aluna pergunta se é igualdade. A professora diz que sim, vai ao quadro branco e escreve a palavra igualdade. A professora diz que os três vídeos assistidos têm como posição principal a ideia de que empoderamento feminino é busca por igualdade e cada grupo elaborou argumentos de modo que levasse quem assista ao vídeo a concordar com esta ideia. Ela diz que exibirá o vídeo do grupo 04, que a turma, em seguida, discutirá o vídeo e, por fim, fará um apanhado geral sobre os quatro vídeos. A professora pede mais participação da turma. Diz que está se sentindo em um monólogo e pergunta se a turma conhece esta palavra. Um aluno diz que não. A professora diz que monólogo é quando um ator faz uma peça teatral em que fala sozinho o tempo todo. Diz que está se sentindo em um monólogo em que é a artista principal e diz que não pode ser. Ela diz que os artistas principais da construção do conhecimento devem ser os alunos e não ela. A turma fica em silêncio. A professora diz que o seu papel é facilitar a discussão entre eles, mas que eles precisam colocar seus pensamentos para fora. Ela diz que parece que os alunos têm medo de falar e não precisa ter. Uma aluna diz que tem medo de errar. A professora fala que naquele momento não há certo ou errado; que o objetivo é levar à reflexão; a pensar em conjunto sobre tantos assuntos que estão presentes na vida de todos e que ninguém é obrigado a concordar com nada. Ela pergunta se a turma realmente pensa da maneira que foi exposta nos vídeos. Uma aluna diz que não. A professora pergunta à aluna por que. A aluna diz que na sala têm muitos meninos machistas. A professora perguntou por que esses pensamentos, essas posições não estavam nos vídeos. Outra aluna diz que os vídeos não tratam do pensamento dos meninos porque eles falam uma coisa e agem de maneira diferente, que os meninos dizem que defendem a igualdade de direitos, mas se comportam de maneira diferente. Um aluno diz que nem todo homem é igual. A aluna diz que se o menino não fala o que pensa acaba concordando com os outros porque quem cala consente. A turma ri. A professora pede silêncio. Outro aluno diz que as mulheres estão ficando muito “brabas”. A professora vai até o computador e dá início ao vídeo do grupo 04. Durante a exibição, a aluna que aparece no vídeo sai da sala e diz que volta quando o vídeo acabar porque está com muita vergonha. A turma ri e a professora pede silêncio. Ao final do vídeo, a professora pergunta quantos posicionamentos é possível perceber no vídeo. Uma aluna responde dizendo que dois. A professora pergunta à aluna quais seriam eles. A aluna diz que são as mulheres que gostam de fazer coisas que os homens fazem e as que não gostam. A professora pergunta à turma de quem é o posicionamento defendido na frase: mulher pode ser o que ela quiser. A turma responde dizendo que é o posicionamento do

grupo. A professora pergunta que operadores argumentativos ajudam a chegar a essa conclusão. Uma aluna responde dizendo que o grupo usou a palavra porquee algumas frases negativas como futebol não é coisa de homem. A professora vai até o computador, desliga os aparelhos e pergunta qual a necessidade de se discutir o empoderamento feminino, qual a razão deste assunto estar tão presente na vida das pessoas. Uma aluna responde dizendo que durante muito tempo a mulher não tinha poder sobre si, não podia votar e nem ir para a escola, mas que agora já pode. Diz que a mulher vem conquistando poder sobre si, mas que em muitas questões a mulher está sempre errada por isso as mulheres continuam lutando. A professora pergunta se alguém mais quer falar. Um aluno diz que o assunto está na moda, principalmente, por causa da internet. A professora pergunta por que. O aluno diz que a internet permite todo mundo falar o que quiser e que as mulheres foram ganhando mais voz, se organizando em lugares que antes ninguém pensava nessas coisas. A professora diz que tudo precisa ser questionado e que é assim que os posicionamentos são elaborados. Um aluno diz que faltam dois minutos para a aula acabar. A professora pede para dois alunos levarem a televisão para a sala dos professores. Ela mexe no computador. Uma aluna pergunta se pode ouvir música com o fone até o sinal tocar e a professora diz que sim.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal de Sergipe

Profletras
mestrado profissional

Departamento de Letras

Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto:

Empoderamento Feminino: proposta de trabalho para a construção de pontos de vista por estudantes do nono ano do ensino fundamental.

1) Introdução

Seu filho (a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **-Empoderamento Feminino: proposta de trabalho para a construção de pontos de vista por estudantes do nono ano do ensino fundamental.** Se decidir pela participação de seu filho(a), é importante que leia estas informações sobre o estudo e o seu papel na pesquisa.

É preciso entender a natureza da sua participação e dar o seu consentimento livre e esclarecido por escrito.

2) Objetivo

Esta pesquisa busca promover o estudo e a prática da argumentação por meio da leitura de diferentes textos e da produção de comentários argumentativos e vídeos a serem postados na plataforma *youtube* e na rede social *Facebook*, organizado em atividades planejadas em uma sequência didática, visando à formação de um leitor crítico.

3) Procedimentos do Estudo

Se concordar em participar deste estudo, seu filho(a) será solicitado(a) a realizar atividades de leitura na sala de aula de diferentes textos, para desenvolvimento da argumentação por meio da produção de comentários e vídeos. Essas atividades com todas as produções textuais e todas as imagens poderão ser utilizadas na produção de material de apoio pedagógico para professores de Língua Portuguesa que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental, conforme descrito nos objetivos.

4) Riscos

RISCO INEXISTENTE.

5) Benefícios

- ✓ Seu filho(a) não receberá qualquer remuneração por sua participação e também não terá qualquer gasto com a pesquisa. Você será informado(a) sobre os resultados do estudo, recebendo cópia do relatório final, se assim o desejar.

6) Caráter Confidencial dos Registros

A autoria dos participantes e as informações obtidas neste estudo não poderão ser confidenciais, o seu filho será identificado(a) quando o material de seu registro for utilizado para propósitos de publicação científica.

7) Participação

A participação de seu filho(a) nesta pesquisa consistirá em:

- Participar das atividades de leitura e escrita propostas pela professora-pesquisadora.
- Participar do estudo, produção e realização de vídeos a serem postados na plataforma *Youtube*

..

É importante que você esteja consciente de que a participação neste estudo é completamente voluntária.

8) Para obter informações adicionais

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço dos pesquisadores, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e participação de seu filho(a), agora ou a qualquer momento. Caso você necessite ligue para:

Prof^ªDr^ª Isabel Cristina Michelan de Azevedo – (79) 9988-1875– Aracaju

Prof^ª Mestranda Marcia Oliveira Moura – (79) 99982-8934 – Aracaju

9) Declaração de consentimento

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento.

Declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro também que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem qualquer penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar do estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante

Data

Atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objetivo deste estudo, os possíveis riscos e benefícios da participação no mesmo, junto à participante. Acredito que o(a) participante recebeu todas as informações necessárias, que foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível e que ele(a) compreendeu essa explicação.

Assinatura do pesquisador

Data

Autorização de uso da imagem

Eu, _____, portador(a) de cédula de identidade nº _____ autorizo o registro em foto, áudio e vídeo, bem como a veiculação da imagem de meu filho em qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer ônus e restrições.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e depoimentos, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Assinatura do responsável

Local e data